



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

NEIVANIA SILVA RODRIGUES

**ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS: O CASO DA VELAUMAR, NO
POÇO DA DRAGA (FORTALEZA-CE)**

**FORTALEZA
2019**

NEIVANIA SILVA RODRIGUES

ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS: O CASO DA VELAUMAR, NO POÇO
DA DRAGA (FORTALEZA-CE)

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Linda Maria de Pontes Gondim

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R614o Rodrigues, Neivania Silva.
ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS: : O CASO DA VELAUMAR, NO POÇO DA
DRAGA (FORTALEZA-CE) / Neivania Silva Rodrigues. – 2019.
163 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades,
Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2019.
Orientação: Profa. Dra. Linda Maria de Pontes Gondim.

1. Organizações não governamentais. 2. Poço da Draga. 3. Movimentos Sociais. I. Título.

CDD 301

NEIVANIA SILVA RODRIGUES

ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS: O CASO DA VELAUMAR, NO POÇO
DA DRAGA (FORTALEZA-CE)

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará.

Orientadora: Prof.^a Dra. Linda Maria de Pontes Gondim

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Linda Maria de Pontes Gondim (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Geovani Jacó de Freitas – Externo ao Programa
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof.^a Dra. Cristina Maria da Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Ao Deus da vida
Aos meus pais, Fátima (*in memoriam*) e Edival
Ao meu filho André, luz dos meus olhos,
E às minhas irmãs e irmãos,
Amo vocês.

AGRADECIMENTOS

Essa jornada universitária, meus caros leitores, iniciou em 2009, ao entrar no curso de Ciências Sociais. Não posso dizer que culmina, dez anos depois, em 2019, com essa dissertação, mas posso garantir que muitos dos meus desejos foram realizados. Aqui agradeço às pessoas que contribuíram e muito para este trabalho.

À minha família, em especial, ao Rômulo que corrigiu este trabalho, a Úlima, e a Neilania, que são mais que irmãs, são minhas amigas.

À Prof.^a Dra. Linda Maria de Pontes Gondim, pela excelente orientação paciência e carinho e obrigada por me aceitar novamente como sua orientanda. Você é muito **especial** para mim.

À Prof.^a Dra. Lea Carvalho, por nossas conversas depois do expediente.

Ao Prof. Luís Fábio, por suas importantes considerações na qualificação.

Aos professores participantes da banca examinadora pela simpatia, pelo tempo e, claro, pelas valiosas colaborações e sugestões. Em especial a Professora Cristina que participou deste trabalho desde a qualificação, agradeço por suas valiosas contribuições.

Aos professores do curso de mestrado.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio.

A toda Comunidade do Poço da Draga que me recebeu com muito carinho todas as vezes em que estive lá, mas, principalmente, aos moradores que foram entrevistados, pelo tempo concedido nas entrevistas. Claro que não posso esquecer o grupo do Sarau do Poço da Draga, todos foram sempre muitos carinhos comigo. Um agradecimento especial para Dona Iolanda sempre muito atenciosa e amorosa.

Às colegas Bruna Forte e Marília Gomes por compartilharem os dados de suas pesquisas comigo. Marília sem sua presença, desde o projeto, o caminho da escrita teria sido mais difícil.

Às melhores pessoas do CH3: Helenita, Fabiana e Sr. Nilson.

Aos meus colegas da turma de mestrado – trunqueiros e fazedores de balbúrdia sociológica – melhor turma.

A todas essas pessoas aqui e muitas outras que eu possa ter deixado de citar, a minha mais sincera gratidão.

*Minha jangada vai sair pro mar
Vou trabalhar, meu bem querer
Se Deus quiser quando eu voltar do mar
Um peixe bom eu vou trazer
Meus companheiros também vão voltar
E a Deus do céu vamos agradecer*

(CAYMMI; TELES, 1957)

RESUMO

A presente pesquisa analisou a atuação de uma organização não governamental na comunidade do Poço da Draga, localizado na Praia de Iracema, bairro de grande valorização imobiliária em Fortaleza-Ceará. Os moradores do Poço auferem baixos rendimentos e vivem em condições precárias de saneamento básico. O estudo enfocou a ONG Velaumar (Assessoria, Desenvolvimento & Cidadania), entidade criada em 2004 por um grupo de moradores e que presta serviços, tais como cursos, oficinas, palestras e programas educativos sozinha e em parceria com instituições, como a Fundação do Sindicato dos Fazendários do Ceará (Fundação SINTAF) e o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC). A ONG também participa de atividades pertinentes à regularização da Zona Especial de Interesse Social (ZEIS) do Poço da Draga, instrumento urbanístico criado pelo Plano Diretor de Fortaleza, em 2009, que traria mais segurança contra as ameaças de remoção. A pesquisa enfocou as relações entre a Velaumar e dos moradores do Poço da Draga e como ela se apresenta à comunidade. Com isso, tratou-se de saber qual a aceitação das atividades da entidade pelos moradores, os conflitos que ocorre entre ambos, assim como apreender o grau de legitimidade por meio de conceitos que perpassam o tema, tais como o de *accountability*. Outro objetivo foi o de identificar quais os recursos políticos-institucionais e financeiros utilizados em sua atuação. Verificou-se como se dá a relação da ONG com o poder público e obras planejadas.

Palavras-chave: Organizações não governamentais, Poço da Draga, Movimentos Sociais.

ABSTRACT

This research analyzed the performance of a non-governmental organization in the Poço da Draga community, located in Praia de Iracema, a major real estate development district in Fortaleza-Ceará. The residents of the Poço receive low incomes and live in poor sanitation conditions. The research focused the NGO Velaumar (Advisory, Development & Citizenship); an organization created in 2004 by a group of residents that provides services, such as courses, workshops, lectures and educational programs alone or in partnership with institutions such as the Sindicato dos Fazendários do Ceará (SINTAF Foundation) and the Dragão do Mar Center of Art and Culture (CDMAC). The NGO also participates in activities related to the regularization of the Special Social Interest Zone (ZEIS) of Poço da Draga, an urban development tool created by the Fortaleza Master Plan in 2009, which would provide more security against threats of removal. The research focused on the relationships between Velaumar and the residents of Poço da Draga and how the NGO presents itself to the community. Thereby, it is a question of knowing the acceptance of the entity's activities by the residents, as well as apprehending the degree of legitimacy through concepts that cross the subject, such as accountability. Another objective was to identify the political-institutional and financial resources used in the NGO's activities. Thus, it was about knowing what the acceptance of the entity's activities by the residents, the conflicts that occur between them, as well as apprehending the degree of legitimacy through concepts that permeate the theme, such as accountability. Another objective was to identify which political-institutional and financial resources used in its activities. It found how the relationship of the NGO with the government is and planned works.

Keywords: Non-governmental organizations, Poço da Draga, Social Movements

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Poço da Draga, Praia de Iracema, Fortaleza-Brasil.....	22
Figura 2 – Mapa das Secretarias Regionais (SER) de Fortaleza, 2018.....	25
Figura 3 – Área do Porto de Fortaleza, Praia de Iracema, em 1937.....	29
Figura 4 – Casas de madeira, Poço da Draga, década 1970.....	32
Figura 5 – INACE, em destaque o Poço da Draga, em 1968.....	35
Figura 6 – Limites do Poço da Draga, 2019.....	36
Figura 7 – Mapa do trajeto do Riacho Pajeú.....	38
Figura 8 – Pavilhão Atlântico, em 1910.....	39
Figura 9 – Prédio da Escola Comte. Fernando Cavalcante, entre 1965 – 1970.....	40
Figura 10 – Escola Infantil Francisca Fernandes Magalhães, década 1990.....	41
Figura 11 – Pavilhão Atlântico, em 2013.....	42
Figura 12 – Reforma da Ponte Metálica, década de 1920.....	43
Figura 13 – Barracos na Ponte Metálica, Praia de Iracema.....	45
Figura 14 – Logomarca da ONG Velaumar.....	86
Figura 15 – Bolo comemorativo do 106º Aniversário da Ponte Metálica (2012).....	91
Figura 16 – Frente do Cartaz do 107º Aniversário do Poço da Draga.....	95
Figura 17 – Cartaz do 109º Aniversário da Ponte Metálica.....	98
Figura 18 – Cartazes do 110º Aniversário da Ponte Metálica.....	100
Figura 19 – Registro do Poço da Draga em um cartão postal de 1930.....	101
Figura 20 – Cartaz do 111º Aniversário da Ponte Metálica.....	102
Figura 21 – Programa do 111º Aniversário do Poço da Draga, dias 25 e 26 de maio de 2017.....	104
Figura 22 – Programa do 111º Aniversário do Poço da Draga, dias 27 e 28 de maio de 2017.....	105
Figura 23 – Cartaz do 112º Aniversário da Ponte Metálica.....	106
Figura 24 – Cartaz sobre o evento “Guardiões da Memória”.....	107
Figura 25 – Cartaz do 113º Aniversário da Ponte Metálica.....	110
Figura 26 – Logomarca do Movimento ProPoço.....	111
Figura 27 – Demarcação da área de ZEIS do Poço da Draga.....	118
Figura 28 – Cartaz da “Madrinha do Poço”.....	126

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – RENDA MENSAL FAMILIAR	51
TABELA 2 – OCUPAÇÃO FORMAL E INFORMAL.....	52
TABELA 3 – ABASTECIMENTO DE ÁGUA	53
TABELA 4 – INFRAESTRUTURA DE ESGOTAMENTO SANITÁRIO.....	53
TABELA 5– DOMICÍLIOS COM ENERGIA ELÉTRICA.....	54
TABELA 6 – MATERIAL DE CONSTRUÇÃO – REVESTIMENTO DAS PAREDES .	56
TABELA 7 – TEMPO DE RESIDÊNCIA LOCAL.....	56
TABELA 8 – ESCOLARIDADE DOS MORADORES	57
TABELA 9 – LEVANTAMENTOS REALIZADOS NO POÇO DA DRAGA	114

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – VERSO DO CARTAZ DO 107º ANIVERSÁRIO DO POÇO DA DRAGA	93
QUADRO 2 – ATIVIDADES E PROJETOS REALIZADOS EM PARCERIAS, CONVÊNIOS ENTRE A VELAUMAR COM PARTICIPAÇÃO DA FUNDAÇÃO SINTAF DE 2012 A 2018	130
QUADRO 3 – ATIVIDADES E PROJETOS REALIZADOS EM PARCERIAS, ENTRE A VELAUMAR E OUTRAS ENTIDADES DE 2012 A 2018.....	132
QUADRO 4 – ATIVIDADES E PROJETOS REALIZADOS PELA VELAUMAR SEM PARCERIAS INSTITUCIONAIS DE 2012 A 2018.....	134

LISTA DE SIGLAS

AAFEC	Associação dos Aposentados Fazendários Estaduais do Ceará
AMPODRA	Associação dos Moradores do Poço da Draga
CAFAZ	Caixa de Assistência dos Servidores Fazendários Estaduais
CDMAC	Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura
CIDAO	Companhia Industrial de Algodão e Óleo
CMEFEC	Centro Multifuncional de Feiras e Eventos do Ceará
DNOCS	Departamento Nacional de Obras Contra as Secas
EIA/RIMA	Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto do Meio Ambiente
FGV	Fundação Getúlio Vargas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDECI	Instituto de Desenvolvimento Institucional das Cidades do Ceará,
IDH(M)	Índice de Desenvolvimento Humano (Municipal)
INACE	Indústria Naval do Ceará
IPECE	Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPLNAFOR	Instituto de Planejamento de Fortaleza
ISCSP	Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas Universidade de Lisboa
OFICE	Observatório de Finanças Públicas
ONG	Organização Não Governamental
PIRF	Plano Integrado de Regularização Fundiária
PLHISfor	Plano Local de Habitação de Interesse Social
PMDB	Partido do Movimento Democrata Brasileiro
PMF	Prefeitura Municipal de Fortaleza
QDSP	Quem Dera Ser um Peixe
RFFSA	Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima
SEFAZ	Secretaria da Fazenda do Governo do Estado do Ceará
SEINFRA	Secretaria de Infraestrutura do Estado do Ceará
SEPLAG	Secretaria de Planejamento do Estado do Ceará
SER	Secretarias Regionais
SERCEFOP	Secretaria Executiva Regional do Centro de Fortaleza

SETUR	Secretaria de Turismo do Estado do Ceará
SINTAF	Sindicato dos Servidores Públicos Civis do Grupo Tributação, Arrecadação e Fiscalização do Ceará
STDS	Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social Governo do Estado do Ceará
TCE-CE	Tribunal de Contas do Estado do Ceará
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UNIPACE	Universidade do Parlamento
ZEIS	Zonas Especiais de Interesse Social

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 O NASCIMENTO DA PRAIA DE IRACEMA E DO POÇO DA DRAGA	24
2.1 A formação do Poço da Draga	30
2.2 O Poço e o seu entorno.....	36
2.3 O Estado e o Poço da Draga.....	46
2.4 O Poço em dados	50
3. DE “VELA AO MAR” A VELAUMAR	66
3.1 A história antes da fundação da Velaumar	66
3.2 As Organizações não Governamentais e a Velaumar	77
3.3 A atual gestão.....	86
3.4 A Velaumar e os Aniversários do Poço da Draga.....	90
3.5 O levantamento comunitário.....	112
4 PROJETOS E AÇÕES DA VELAUMAR.....	115
4.1 A Velaumar e a ZEIS do Poço da Draga.....	115
4.2 Recursos financeiros e parcerias	118
4.3 A Relação da Velaumar e a Fundação SINTAF	120
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	138
REFERÊNCIAS	144
APÊNDICE A – QUADROS DE ENTREVISTAS E OUTRAS FONTES DE DADOS	153
APÊNDICE B – LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO SOBRE O POÇO DA DRAGA	155
ANEXO A – Mapa levantamento final de residências, 2016	160
ANEXO B – Mapa da ZEIS do Poço da Draga e sua população total	161
ANEXO C – Cartaz de uma atividade Realizada no Poço da Draga	162

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa originou-se de questionamentos que surgiram durante a minha monografia, *O Movimento dos Peixes: do Acquario às ruas* (RODRIGUES, 2013), a respeito do movimento social Quem Dera Ser um Peixe (QDSP). Tal grupo se constituiu como movimento social em fevereiro de 2012, como oposição à construção do Acquário Ceará, um oceanário¹ projetado pela Secretaria de Turismo do Estado do Ceará (SETUR). Este empreendimento estava previsto para ser construído na Praia de Iracema, em uma área próxima à localidade do Poço da Draga para incrementar o turismo no Estado, mas não chegou a ser concluído².

A dissertação tem por objeto análise da criação e atuação de uma organização não governamental (ONG), denominada Velaumar – Assessoria, Desenvolvimento & Cidadania, no Poço da Draga. Tal comunidade³ está localizada na Praia de Iracema, região de grande valorização imobiliária na cidade de Fortaleza. Os moradores do Poço da Draga auferem baixos rendimentos e vivem em condições precárias de saneamento básico (OLIVEIRA, 2006; GONDIM, 2008). A presente pesquisa parte das narrativas daqueles que viram o nascimento e desenvolvimento da localidade, assim como da ONG Velaumar.

O objetivo geral deste trabalho foi entender como a Velaumar atua no Poço da Draga e como adquiriu ou não respaldo dos moradores para realizar suas atividades. Neste sentido, cabe ver quais significados a ONG, em questão, assume para os moradores do Poço da Draga a respeito de sua atuação. Dessa forma, indaguei que tipo de *accountability* os residentes da localidade possuem em relação à Velaumar. *Accountability* é um termo usado para verificar o julgamento do cumprimento das ações de responsabilidade de entidades e instituições a partir de normas legais e aplicar sanções se não cumpridas tais ações (XAVIER, 2011)⁴, sendo este termo aqui citado não só em relação às instituições do poder público. Também

¹ Os termos: “oceanário” (como em o Oceanário de Lisboa); oceanógrafo (L'Oceanogràfic da Espanha) também são usados para definir aquário aberto à visitação pública.

² Devido a vários processos judiciais e a falta de verbas. Ver Capítulo 2.

³ Uso o termo comunidade continuamente entendendo que este não significa unidade ou com pensamento comum a todos de um local, mas como termo para designar o local assim chamado pelos moradores do Poço da Draga. Para uma discussão mais aprofundada sobre a pertinência deste e de outros termos, ver: Piccolo, 2006; Zaluar, 1997.

⁴ Roberto Xavier (2011) discute o conceito de *accountability* em seu artigo “*Accountability* e suas múltiplas abordagens: um balanço teórico” tratando de suas várias formas aplicação em relação às questões de governança local e global, ou seja, não só no âmbito dos movimentos sociais, como as ONG, mas onde abranger “as principais causas relacionadas com a governança democrática” (p.2).

se utiliza o conceito na acepção que lhe conferem Emmanuel Caldas (2013) e Mariane Koslinski (2013) no sentido de entender qual o respaldo que as ONGs possuem diante dos beneficiários das ações e atividades dessas organizações e também dos integrantes dessas entidades. Para este trabalho quero entender que tipo de autorização foi dada pelos moradores do Poço à Velaumar para atender suas necessidades e questões sociais. Quem a legitimou como porta voz das demandas da localidade? Essas questões e a noção de *accountability* estão desenvolvidas no Capítulo 3.

Quanto à metodologia utilizada para este trabalho, a análise se baseia em dados coletados mediante a observação *in loco* de atividades da Velaumar, registradas em diário de campo, e em entrevistas abertas e semiestruturadas, gravadas ou não, com integrantes da ONG e moradores da localidade, realizadas em minhas visitas ao Poço da Draga no período de 2017 a 2019. Acrescento que alterei os nomes dos entrevistados para nomes de flores, visando o anonimato dos mesmos.

Foi importante colher as narrativas de atores que presenciaram a criação da ONG. Por isso, realizei entrevistas com a diretora e a presidente da Velaumar. No entanto, não usei um roteiro de perguntas para evitar uma fala dirigida sobre suas trajetórias. No estudo de caso da Velaumar foi importante ouvir os atores que participam da mesma ou que, de alguma forma, estão relacionados à organização, tais como moradores, colaboradores de fora da comunidade e de instituições públicas e privadas. Por isso, dei importância às entrevistas abertas e semiestruturadas para obter melhores dados sobre o objeto estudado, além de observar a localidade, fazendo anotações em diário de campo dos eventos e atividades que a ONG promovia.

Nesse sentido, reuni um total de seis entrevistas realizadas, sendo cinco delas gravadas. Participei de reuniões, as quais também foram gravadas, sendo três dos “Guardiões da Memória”, reunião de moradores antigos do Poço da Draga em que contam suas experiências ali vividas e seu trabalho de transmissão da memória, apesar de não ser este o meu foco (ver GOMES, 2019)⁵. Falarei sobre o Guardiões no Capítulo 4. Além disso, obtive da pesquisadora Marília Gomes duas gravações da “Visita Guiada” que é realizada na localidade e que ocorreram em 2015. Tive acesso

⁵ Marília Gomes (2019) em “Um mar de histórias: memória, identidade e territorialidade no Poço da Draga” defendeu a tese de que os eventos realizados – Visita Guiada, Guardiões da Memória e os aniversários do Poço – são processos de construção a memória e de identidade no Poço da Draga.

ao material das pesquisas de Linda Gondim (2001 a 2008), Heloísa Oliveira (2006) e Vancarder Sousa (2006) realizadas no Poço da Draga, entre 2001 e 2005 e de Bruna Forte (2018). Também recolhi vídeos com depoimentos de moradores, disponíveis no canal de internet YouTube.

As notas de campo da minha primeira pesquisa (RODRIGUES, 2013) serviram para entender mudanças e continuidades dentro do Poço da Draga. Além desse material, acumulei várias notas de campo das minhas imersões na localidade, em 2017 e 2018, em eventos como o aniversário da comunidade, o Sarau do Poço e algumas reuniões dos moradores. O Sarau é, como será visto, um encontro que reúne moradores da localidade e amigos destes que nele demonstram seus gostos por música, cantando ou dançando e declamando poesia. O encontro é uma extensão do Sarau das Palavras, para os membros da Associação dos Aposentados Fazendários Estaduais do Ceará (AAFEC), de iniciativa da fundação do Sindicato dos Servidores Públicos Civis do Grupo Tributação, Arrecadação e Fiscalização do Ceará (SINTAF), ou Fundação SINTAF, através do projeto *ProSocial*, integrante do Projeto Inclusão Social do Entorno da Secretaria da Fazenda do Estado do Ceará (SEFAZ). O sarau foi levado para o Poço da Draga, com parceria da Velaumar e o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC), reunindo os membros da AAFEC e os moradores no Poço da Draga. O convênio citado anteriormente, o sarau e outros projetos da ONG com parceria ou não, serão abordados no Capítulo 4.

Também tratei dos embates do Poço da Draga com a Prefeitura Municipal e o Governo do Estado, que sempre ocorreram desde a sua formação. O embate ocorre com o Poder Público, por exemplo, quando este não se interessa em implantar um projeto de saneamento básico ali, ou quando ameaça remover os moradores da localidade. Quanto à obra do Acquário Ceará, que está atualmente parada devido aos embargos dos Ministérios Públicos, refleti o que essa obra pode causar e o conflito de opiniões dos moradores sobre o empreendimento e qual a posição da Velaumar em relação à obra. Este assunto será apresentado no Capítulo 2.

Outra fonte de informações para este trabalho foi a rede social da internet *Facebook*. Esta plataforma é bastante utilizada pelos integrantes da ONG Velaumar para divulgar suas atividades – cursos, ações sociais, palestras e eventos – e dar avisos em geral. Contudo, esta forma de comunicação é questionada pelos moradores do Poço da Draga que não possuem internet. Além disso, montei um arquivo de notícias que pesquisei através dos jornais de maior circulação no Estado, O Povo e

Diário do Nordeste, e também em revistas impressas e digitais.

Ademais, fiz uso dos levantamentos censitários realizados por Luciano Mota Gaspar (1970), Secretaria de Infraestrutura (SEINFRA) (2001), o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2010) e o levantamento realizado no Poço da Draga por moradores, com assessoria da Universidade de Fortaleza (BRASIL *et al*, 2016; NOGUEIRA, 2017). Este último foi um trabalho construído com esforços dos próprios moradores, entusiastas e alunos e professores universitários. Tal levantamento pode ser encontrado em várias partes deste trabalho, mostrando a evolução física e econômica pela qual passa o Poço da Draga. Além disso, reuni alguns elementos iconográficos que podem clarificar em muitas partes o texto aqui apresentado, para juntar aos dados que obtive sobre a Velaumar e o Poço da Draga.

Foi durante as imersões ao campo que tomei conhecimento do trabalho desenvolvido no Poço da Draga por algumas outras organizações além da Velaumar. Uma delas é a Associação de Moradores do Poço da Draga (AMPODRA) foi criada na década de 1980, após uma mobilização para suprir uma demanda da localidade. Outra organização é o Alpendre existiu por mais de 10 anos, aqui em Fortaleza, até ser extinto em 2012. O grupo visava à produção artística em teatro, vídeo, fotografia, dança e literatura em comunidades na Praia de Iracema e no seu entorno, sendo o Poço da Draga foi um dos principais focos do Alpendre. O Alpendre teve muita importância pois nele foi possível a formação de vários moradores em seus cursos. Pouco tempo depois, em 2013, o Coletivo Urucum⁶ –, promoveu ações de articulação e mobilização em localidades como o Poço da Draga e com seus moradores. Na localidade, o grupo implementou o projeto de cartografia social, organizado pelo Coletivo e os professores do Laboratório de Geoprocessamento (LABOCART)⁷ que visava a elaboração de mapas sociais em que os moradores marcavam os lugares de convivência ou “proibidos” a eles. A importância desse trabalho serviu para demonstrar o grau de reconhecimento da área em que os moradores residem. Mais recentemente, o Movimento ProPoço foi criado em 2015 para promover arte e cultura no Poço da Draga. O grupo é articulado de “moradores e entusiastas pela causa de pertencimento

⁶ O Coletivo Urucum - Direitos Humanos, Comunicação e Justiça – grupo de assessoria em direitos humanos, defesa, promoção e controle social do direito à cidade por comunidades, até a finalização deste texto, estava com suas atividades paralisadas.

⁷ Coletivo Urucum e o Labocart – Laboratório de Geoprocessamento do Dep. de Geografia – UFC desenvolveu atividades de pesquisa, ensino e extensão. Na época foi coordenado pelos professores: Adryane Gorayeb, Edson Vicente, Paulo Roberto Thiers, Jeovah Meireles, Maria Maranhão e Jader Santos.

à comunidade do Poço da Draga”, segundo a descrição do grupo da página no Facebook (MOVIMENTO PROPOÇO, 2015)⁸. E, por fim, a Fundação SINTAF, já descrita aqui como uma das parceiras da Velaumar, foi criada em 2008 com objetivo de se dedicar a programas sociais e à pesquisa, como será visto no Capítulo 4. A fundação atua no Poço da Draga desde 2012. Importante ressaltar que dos grupos aqui citados, além da Velaumar, apenas a AMPODRA e o ProPoço foram formados por moradores do Poço da Draga.

Destaco que a organização não governamental Velaumar tem diretoria composta por uma unidade familiar de moradores do Poço da Draga. Este fato é por si só interessante por serem pessoas de uma mesma família, dirigentes de uma ONG que realiza atividades sociais na localidade onde moram.

Essa foi a minha segunda inserção em campo, no Poço da Draga e na Praia de Iracema. A primeira tinha sido feita por ocasião da pesquisa para minha monografia, já mencionada. Como relatei na monografia, estava retornando ao local de minha infância, no mesmo bairro (RODRIGUES, 2013). O fato de ter morado bem próximo ao Poço da Draga foi, na primeira vez, uma volta que trouxe muitas lembranças de quando os dias passavam devagar. Morei na avenida Almirante Tamandaré, entre 1979 e 1981, local em que brinquei e, muitas vezes, observei as pessoas formarem uma longa fila para buscar água no chafariz da Companhia Industrial de Algodão e Óleo (CIDAIO). Muitas dessas pessoas eram moradoras do Poço da Draga. Somente anos mais tarde, soube que a localidade só conseguira água encanada depois da segunda metade da década de 1980, após um grande movimento que os moradores fizeram para adquirir o benefício, formando com esta ação a sua Associação de Moradores (OLIVEIRA, 2006).

No retorno em 2012, vi novamente a localidade com quase todos os seus elementos (Ver Figura 1). Dentre eles, a Caixa Cultural instalada no antigo prédio da Alfândega, tombado pelo Patrimônio Histórico e o prédio do Almoxarifado dos Correios e Telégrafos. Ao seu lado ainda está a Vila dos Correios, um conjunto de casas, em que muitos residentes se identificam como moradores do Poço da Draga. Poucos percebem o seu portão de entrada. Em frente à CIDAIO, está o Pavilhão Atlântico. No início do século XX, ele foi construído como local de embarque e desembarque de passageiros, quando ali se localizava o porto de Fortaleza que, na verdade, era um

⁸ Sobre o movimento ProPoço ver Capítulo 4 e Gomes (2019).

cais, constituído por uma ponte, a chamada Ponte Metálica. O Pavilhão é um prédio de construção de formas arredondadas e que, na época em que morava ali perto, era todo fechado, cheio de portas e janelinhas.

A Indústria Naval do Ceará (INACE), indústria de navios e cabotagem, foi instalada em 1968, na Praia de Iracema. Esta era a única que eu não via na época em que morei na Praia de Iracema, pois estava por trás das casas do Poço da Draga que se alongava até a Ponte Metálica. A ponte é outro lugar que faz parte do cenário que conheci quando criança. Ela foi denominada como Viaduto Moreira da Rocha quando reinaugurada em 26 de maio de 1928.

Também estava lá a Ponte dos Ingleses. Quando eu era criança, esta era apenas um espigão, mas atraía muitas pessoas para assistir ao pôr do sol. A obra da ponte era da companhia inglesa Norton Griffiths Cia. e, por isso, ficou conhecida como “Ponte dos Ingleses”, mas tem o nome oficial de Viaduto Lucas Bicalho (NIREZ, 2001). Ela teve a sua construção iniciada em 1921 e serviria de auxílio ao então porto de Fortaleza. Contudo, a obra foi abandonada quando decidiram transferir o porto para o bairro do Mucuripe. Em 1994, ela foi reinaugurada pelo governo estadual após uma reforma, transformando-a em um ponto turístico, enquanto a Ponte Metálica está em ruínas (GONDIM, 2007). Todos esses elementos aqui citados tratarei mais no Capítulo 2.

É claro que a casa onde minha família morava tem uma história. A residência era fornecida aos funcionários da Rede Ferroviária Federal S.A (RFFSA) do Ceará com o aluguel descontado no salário e o meu pai foi um dos inquilinos. A casa tinha uma fama, já naquela época, de que havia fantasmas rondando os seus corredores. Porque, segundo boatos, duas ou três pessoas teriam morrido ali. Os meus parentes diziam ouvir o barulho de copos quebrarem na cozinha durante à noite e quando iam olhar o estrago não havia cacos no chão, não havia nada. Eles também relatam ter visto vultos que passavam às portas dos quartos ou ficavam ali, parados, como que esperando algo. Contudo, nunca vi nenhum fantasma nos três anos em que morei ali.

Anos mais tarde, descobri que a minha antiga residência é conhecida pela população do Poço da Draga como a “Casa mal-assombrada” ou “Casa do Espanto”, não deixando o mito morrer. Ela virou até um ponto turístico da “Visita Guiada”, conduzida por um morador e integrante do Movimento ProPoço, Sérgio Rocha. Esta é um passeio que leva pessoas através de pontos significativos do Poço da Draga –

casas de antigos moradores, comércios tradicionais, chafariz, Pavilhão Atlântico, Ponte Metálica – pontos especialmente escolhidos pelo guia, e um deles é o local onde ficava a casa da RFFSA. Assim, da Casa mal-assombrada que ficava entre o prédio do Almojarifado dos Correios e o antigo prédio da Secretaria de Planejamento do Estado do Ceará (SEPLAG), só o nome ficou, está em ruínas e o terreno à venda. “Adeus, adeus...”⁹

Então, depois de rever tantos prédios e construções, falo agora das ausências de prédios e de novas construções. Como ausência, trago o exemplo do edifício da SEPLAG que cedeu lugar a um condomínio residencial. Outro prédio ausente é o do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS). Ele foi demolido para dar espaço ao Acquário Ceará. Em relação a prédios novos, um exemplo é o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC)¹⁰. Este foi construído em 1998 pelo governo estadual e foi projetado para ser um ícone de cultura, lazer e produzir informação e conhecimento na capital (GONDIM, 2007).

O banho de mar na “piscininha” que era um dos poucos lazeres fora de casa que eu tinha e ficava logo à direita da Ponte dos Ingleses. O local era uma formação de pedras que cercava uma área da beira da praia. Essas pedras barravam as ondas bravias do mar, acumulando a água, formando uma piscina natural, deixando o local raso e calmo para todos aqueles que não quisessem enfrentar as fortes ondas que quebravam na areia e depois arrastavam tudo. A piscininha também se foi, devido as constantes reformulações urbanas da Praia de Iracema, desde a década de 1990 (SCHRAMM, 2001). O local é também conhecido como Praia do Lido.

Quando a minha família se mudou para longe, na divisa entre os municípios de Maracanaú e Fortaleza, ficaram as lembranças de um lugar em que, aos olhos de uma criança, tudo era tão grande. Em conversas de família, sempre falávamos saudosamente da Praia de Iracema, da casa e de como tínhamos acesso às facilidades de morar ali perto do Centro de Fortaleza, do comércio em geral, do lazer da praia, da Escola Estadual Elvira Pinho onde estudei meus primeiros anos escolares, hoje Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental São Rafael.

⁹ Frase da canção: “Adeus Praia de Iracema”, samba de Carnaval, 1954, Luís Assunção.

¹⁰ Mais sobre o CDMAC ver em “O Dragão do Mar e a Fortaleza pós-moderna: cultura, patrimônio e imagem da cidade”, de Linda Gondim, (2007).

Com o retorno à Praia de Iracema para pesquisar no Poço da Draga, percebi quantas transformações ocorreram nesses quase 40 anos. A localidade mudara: suas casas; suas ruas; as pessoas. Algumas dessas transformações se deram devido à formação de organizações que se movimentaram para sanar suas demandas: falta d'água; pavimentação; luta contra as remoções; e ultimamente, a tentativa de concretização da Zona Especial de Interesse Social (ZEIS)¹¹. Este instrumento pode dar aos moradores a chance de maior participação nas decisões do que se pode fazer no Poço da Draga e no seu entorno, como também a garantia de permanência na localidade. Atualmente, a Prefeitura está realizando o processo de elaboração do Plano Integrado de Regularização Fundiária (PIRF) nas ZEIS de Fortaleza. Sobre esse tema, tratarei no Capítulo 3.

Este trabalho está dividido em cinco partes, incluindo esta Introdução. No Capítulo 2, intitulado “O nascimento da Praia de Iracema e do Poço da Draga”, faço um apanhado histórico do bairro e da localidade, respectivamente em que se faz importante também conhecer seu processo social e desenvolvimento econômico.

No Capítulo 3, intitulado “De vela ao mar a Velaumar”, discorro sobre o nascimento e desenvolvimento das organizações não governamentais no Brasil, no intuito de entender como a Velaumar está inserida nesse contexto, assim como a noção de *accountability*. Apresento também como ela se tornou atuante no Poço da Draga e fora dele também,

No Capítulo 4, “Projetos e ações da Velaumar”, trago as atividades e ações sociais realizada pela Velaumar e seus parceiros e seu público alvo. Apresento também esse público atendido e também aquele que não foi e o que relatam sobre a ONG. Finalmente, no Capítulo 5, reúno as “Considerações Finais” sobre o estudo realizado.

¹¹ A ZEIS é um instrumento para assegurar o direito à habitação à população de baixa renda, definido pelo Plano Diretor Participativo, Lei Complementar de n.º 62 de fevereiro de 2009. Sobre esse instrumento, ver Gondim e Gomes (2012).

2 O NASCIMENTO DA PRAIA DE IRACEMA E DO POÇO DA DRAGA

*“A história assim o pescador narrou na Praia de Iracema
 O primeiro cais se instalou, na ponte metálica
 As primeiras riquezas aqui chegou e escoou.
 O povo trabalhador, se fixou na redondeza
 Portuários, estivadores, ferroviários, pescadores.
 O Ceará cresceu, a ponte envelheceu, o povo e sua história se perdeu.
 Praia de Iracema de tradição imortalizada
 Em versos e prosas de Aluizio Assunção.
 Iracema, meu grande amor é você.
 Outrora, bonita e bela, praia formosa do mapa desapareceu.
 Um grande estaleiro naval nela se ergueu,
 Os pescadores frustrados nunca mais se estabeleceram,
 A vila Valdomiro, perto do velho cais, o bravo mar comeu.
 A burguesia na usura do lucro, em Iracema se estabeleceu,
 Os olhos de Iracema se entristeceu,
 A alma do boêmio de dor gemeu,
 E a burguesia que Iracema não conheceu,
 Livre do seu povo querem se ver,
 Para junto o turista lhe ver,
 E o custo de vida encarecer.
 O poeta desconhecido,
 Vendo as raízes da massa demolida,
 Sua alma entristecida,
 As lágrimas no seu coração rolou.
 E a linda Índia Iracema enraivecida,
 Help, help, gritou”. (Aluizio Assunção)¹²*

O Poço da Draga situa-se em Fortaleza, uma das cidades mais populosas do Nordeste brasileiro, tendo aproximadamente 2,6 milhões de habitantes¹³. A capital cearense é marcada por desigualdades sociais e espaciais e isso é comprovado quando se observa o seu Índice de Desenvolvimento Humano¹⁴ (IDH). Fortaleza ocupa a 467^a posição entre os 5.565 municípios brasileiros segundo o Índice de

¹² Poesia de morador do Poço da Draga, declamada por ele, em entrevista realizada pela pesquisadora Heloísa Oliveira, 27 de abril de 2002.

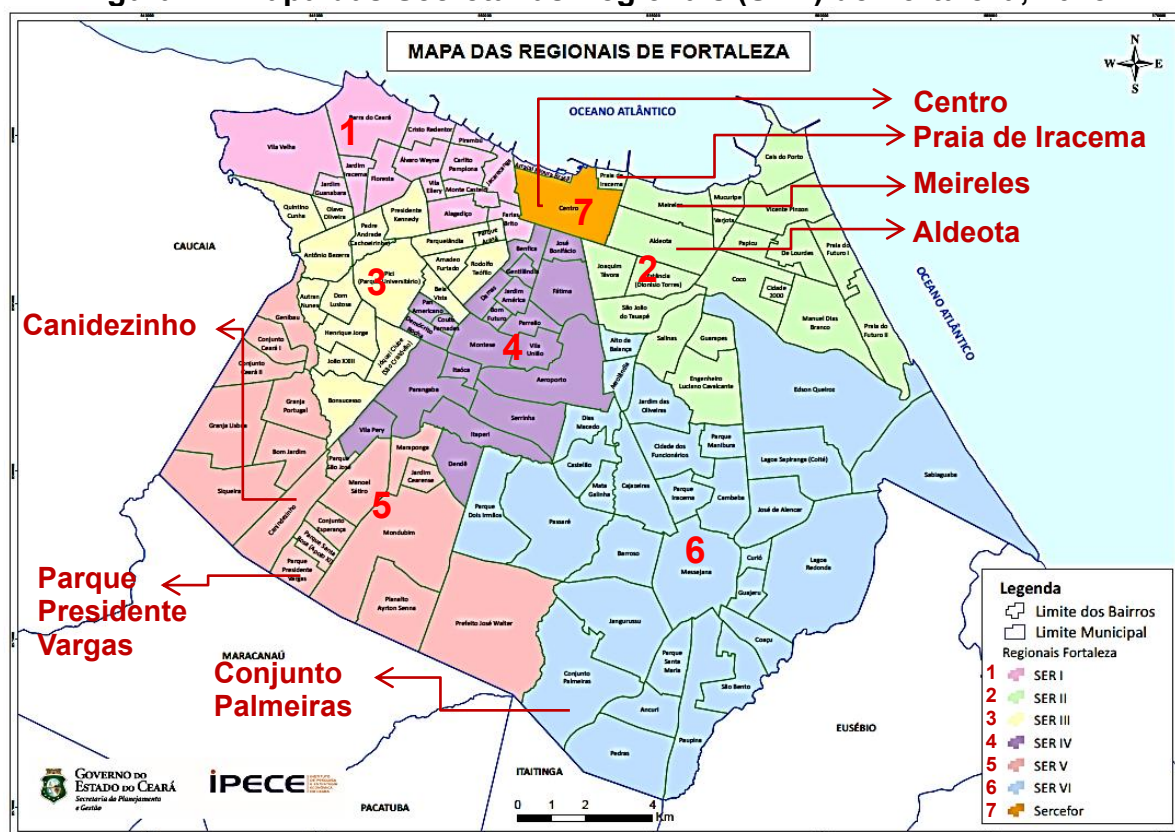
¹³ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em uma projeção para 2017 (BRASIL, 2017).

¹⁴ “Desenvolvimento humano é o processo de ampliação das liberdades das pessoas, com relação às suas capacidades e as oportunidades a seu dispor, para que elas possam escolher a vida que desejam ter”. O IDH é calculado através dos dados censitários do [...] IBGE a partir do censo de 1993 (ATLAS, 2013).

Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM)¹⁵. Ressalto que os bairros com os índices mais baixos se encontram na parte sul e oeste da cidade – Canindezinho (0,136), Parque Presidente Vargas (0,135), pertencentes a Regional V e Conjunto Palmeiras (0,107), pertencente a Regional VI. O Centro da cidade tem índice 0,557 e a Praia de Iracema tem índice (0,718).

Os bairros com o IDH mais alto são Meireles (0,953), Aldeota (0,867) e Dionísio Torres (0,860), todos localizados na área leste de Fortaleza, todas pertencentes à mesma Regional II¹⁶. Apresento aqui o mapa sobre a divisão espacial das Regionais (na Figura 2) da cidade de Fortaleza. Destaquei em vermelho as os bairros citados acima: o Centro, a Praia de Iracema, a Aldeota, o Meireles (acima) e Canindezinho, Parque Presidente Vargas e o Conjunto Palmeiras.

Figura 2 – Mapa das Secretarias Regionais (SER) de Fortaleza, 2018



Fonte: IPECE, 2018. Adaptado pela autora.

¹⁵ Nesse ranking, o maior IDHM é 0,862 (São Caetano do Sul - SP) e o menor é 0,418 (Melgaço - PA). O índice vai de 0 a 1 (ATLAS, 2013).

¹⁶ A criação das regionais metropolitanas ocorreu em 1997, pelo prefeito Juraci Magalhães (Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB). Os bairros atendidos pela Regional II são: Aldeota, Joaquim Távora, São João do Tauape, Meireles, Praia de Iracema, Dionísio Torres, Varjota, Mucuripe, Cais do Porto, Vicente Pinzón, Papicu, Cidade 2000, Salinas, Guararapes, Praia do Futuro I e II, Cocó, Luciano Cavalcante, Dunas e Bairro de Lourdes.

A comunidade do Poço da Draga está localizada, atualmente, no bairro Centro, que antes estava sob a responsabilidade da Regional II e, presentemente, o órgão que atende o bairro Centro é a Secretaria Executiva Regional do Centro de Fortaleza (SERCEFOR)¹⁷. A mudança ocorreu em 2014, na primeira gestão do prefeito Roberto Cláudio (Partido Democrático Trabalhista – PDT). Isso causou indignação a alguns moradores, que disseram ter sido sempre atendidos pela Regional II, que atende, dentre outros já citados, o bairro Praia de Iracema.

Segundo alguns moradores, essa mudança tem importância se uma administração municipal deseja, por exemplo, valorizar mais uma área em detrimento a outra. Vejamos: o IDH da Praia de Iracema baixa se a área do Poço da Draga estiver nos cálculos. Não havendo esse “empecilho”, o mercado imobiliário pode usar o IDH como forma de vender ou alugar melhor seus imóveis.

Apesar de os moradores do Poço da Draga acharem uma vantagem morar perto do Centro de Fortaleza, eles não se identificam com este, mas com o bairro Praia de Iracema, cujas histórias de nascimentos estão no mesmo embrião.

A história da formação do Poço da Draga se entrelaça com a do bairro Praia de Iracema, destacando-se que na área funcionou o primeiro porto da Cidade, desde o final do século XIX até a metade dos anos 1940. Até meados da segunda década do século XX, o local não passava de uma vila de pescadores e se chamava Praia do Peixe¹⁸ ou Porto das Jangadas (NIREZ, 2001). Segundo depoimento de um morador,

A Praia de Iracema começou com um cais na Ponte Metálica, na verdade, o primeiro cais da cidade é o nosso aqui [...]. As embarcações vinham, as alvarengas de ferro de 20 metros, botava a carga em cima dela e trazia pra cá, aí da ponte trazia pra cá. Aqui era um grande armazém de botar todo tipo de madeira, por isso que chama “baixa pau”, porque aqui dentro tudo era só madeira que os navios traziam, aqueles grandes troncos e deixavam aí pra despachar pras serrarias daqui. E lá na Rua Boris, aqueles armazéns, tudo era cheio de sal, de couro, de algodão, de feijão, de arroz, tudo era ali. Porque o dono daqui do cais, toda vida foi o que, a Boris navegação (Lírio, entrevista em 20 de janeiro de 2017).

¹⁷ A Sercefor criada foi em 2007. Limites oficiais do Centro: LESTE, Rua João Cordeiro; OESTE, Padre Ibiapina e Filomeno Gomes; NORTE, Avenidas Historiador Raimundo Girão, Almirante Barroso, Humberto Castelo Branco (Leste-Oeste) e Pessoa Anta, Ruas Adolfo Caminha e Santa Terezinha; SUL, Antônio Sales e Domingos Olímpio (ANUÁRIO DE..., 2012).

¹⁸ Em 1920, em Fortaleza existiam três colônias de pescadores: Z-1 (Praia do Peixe ou Iracema), Z-2 (Mucuripe) e Z-12 (Praia dos Arpoadores) (NIREZ, 2001).

Como é declamado no poema em epígrafe, as pessoas se instalaram ao redor do porto para ficar mais perto do trabalho: portuários, estivadores, ferroviários. Compreendo que a importância de mesclar o nascimento da Praia de Iracema com o do Poço da Draga é a de localizar-se, encontrar em um porto seguro de raízes fincadas, através das histórias que seriam repassadas para garantir a preservação da memória.

Pela fala do morador, os nascimentos foram simultâneos: a Praia de Iracema, o Porto com sua ponte e o enorme fluxo de mercadorias e de pessoas através do cais, com o seu carregar. As jangadas não precisavam disputar espaço com os barcos grandes, pois estes não atracavam na ponte, precisavam de alvarengas e botes, enfim, embarcações menores para transportar passageiros e mercadorias.

Entre as décadas de 1920 e 1930, o bairro, que se chamava Praia do Peixe¹⁹, passa a ser ocupado por bangalôs e chalés construídos por famílias abastadas da Cidade, tornando-se um balneário elegante. É quando, finalmente, Fortaleza se volta para o mar (DANTAS, 2011). Em outras palavras, a capital alencarina até antes daquela época tinha grande concentração de moradias no Centro e poucos bairros adjacentes, tais como Jacarecanga (oeste) e Benfica (sul), que possuía grandes chácaras (GONDIM, 2007). O bairro Aldeota foi ocupado somente após a zona oeste de Fortaleza ter sido preenchida “por instalações industriais e contingente de baixa renda, ao longo da via férrea ou em terrenos públicos ou abandonados, os segmentos mais abonados migraram para áreas situadas a leste do centro” (SCHRAMM, 2001, p.39). A linha de bondes circulava por essas localidades em um traçado que ligava esses pontos da cidade. O fim da linha do bonde ficava na Rua dos Tabajaras, na então chamada Praia do Peixe (GIRÃO, 1997).

A orla da praia estava repleta de chalés construídos em um estilo moderno e, cada vez mais, aumentava seu número. Era uma população rica que descobria as virtudes dos banhos de mar em uma bucólica área de veraneio. Contudo, na visão dos novos moradores, o nome “Praia do Peixe” não era um atrativo para o lugar, pois trazia à lembrança as atividades locais, a pesca, a venda de peixe e o cheiro das vísceras do pescado e, portanto, era um nome inapropriado e, até mesmo, vulgar (SCHRAMM, 2001).

¹⁹ Outros nomes também são atribuídos ao mesmo local: Porto das Jangadas (NIREZ, 2001; BEZERRA, 2016) ou Grauçá (BEZERRA, 2016).

Solange Schramm²⁰ (2001) destaca como aconteceu a mudança do nome para “Praia de Iracema”. Primeiramente, ocorreu um “fervoroso chamamento enaltecendo as virtudes de Iracema” do famoso escritor cearense José de Alencar²¹ (p. 63) na imprensa local, pela coluna de Adília Morais, e a ideia foi abraçada, principalmente, por essa elite.

Para fazer jus a seu novo *status*, é encaminhado um abaixo assinado ao então prefeito Godofredo Maciel (1924-1928), que atendeu ao pedido. A praia ganha, em 1925, “uma sugestiva e sonora denominação, que contribui para promover a assepsia do local, inserindo-a nos padrões de uma nova e refinada sociabilidade [...]” (SCHRAMM, 2004, s/p). Assim, depois do movimento dos abastados moradores da beira da praia para mudar a denominação do lugar, a simples Praia do Peixe tornou-se então, “a bucólica Praia de Iracema” (SCHRAMM, 2001, p. 63). Ainda segundo Schramm, a mudança sugerida pelos textos da imprensa local foi nada mais que “uma estratégia de exclusão social, propondo o ‘saneamento’ da imagem do local” (2001, p. 66). Os pescadores também estavam na Praia de Iracema:

Uma análise cartográfica existente mostra que, em 1929, já estava toda loteada a área ao sul [da Avenida Historiador Raimundo Girão], compreendida entre a Rua Cariris (Ponte dos Ingleses) e a Rua Ararius (confrontando com a área em que foi construída a Igreja de São Pedro). Para o morro, chamado de Morro do Alto Alegre por antigos moradores, dirigiram-se muitos dos pescadores expulsos da faixa de praia com a urbanização que ocorrera, aos quais se somaram novos habitantes que chegavam ao bairro. [...] **Na Praia de Iracema, coexistiam, assim, o balneário e o local de moradia e trabalho de pescadores** (SCHRAMM, 2001, p. 42, grifo meu)²².

Um dos primeiros processos de “reinvenção” do lugar, possivelmente, seria o que Schramm (2001) nomeou de “pertencimento” do local, a mudança do nome do lugar²³. O uso da praia pelos novos moradores fazia parte da paisagem. Destaco aqui a instalação de vários balneários e estabelecimentos, como Praia Clube, o Jangada Clube e o América que ganhariam a apreciação dos banhistas da Praia de Iracema.

²⁰ Solange Schramm (2001) em sua dissertação “Território livre de Iracema: só o nome ficou? Memórias coletivas e a produção do espaço na Praia de Iracema” estudou sobre a memória coletiva como forma de legitimar a construção da tradição de um lugar.

²¹ José de Alencar (1829-1877) escreveu o romance indianista Iracema (1865).

²² Schramm ainda alude sobre essa coexistência que aos domingos os jangadeiros, mesmo de folga, ainda proporcionavam corridas entre eles, como forma de entretenimento para os moradores locais e visitantes (2001).

²³ Max Weber (2012) assinalou que o sentimento de pertencimento é característica principal de um grupo social. Este seria capaz de gerar economia e não o contrário. O autor também falava que este sentimento é cômico entre os participantes de tal grupo.

Nessa época, as casas do Poço ainda formavam uma pequena aglomeração na rua do trilho até a rua Barão do Rio Branco. Elas eram feitas de madeira e taipa, por trás dos armazéns do antigo porto da cidade, como relatam antigos moradores:

É, as casa eram todas de madeira, né? Quando eu cheguei aqui, eu também ia ali numas casas na praia Formosa. As casinha lá ainda era [de] pau-a-pique. Assim, porque quando a maré enchia botava dentro das casa e o pessoal fazia as casa assim, altas, de pau-a-pique. Era em cima de umas tabuas, em cima de uns paus, assim era as casa. Como é que chama? Palafitas, né? (Violeta, Guardiões da Memória²⁴ 27 de maio de 2018).

Minha família veio da Caucaia e fomos morar na Praia Formosa, tinha uns 15 anos. A minha casa era alta porque a maré enchia e lavava a casa por baixo. Mas meu sonho era morar na rua principal (Viaduto Moreira da Rocha). Aqui me casei e fui casada por 52 anos e tive meus 10 filhos (Dália, Guardiões da Memória em 25 de maio de 2019).

No porto, o movimento dos estivadores ainda se encontrava no local e suas casas foram construídas próximo ao estaleiro, na rua onde o trem cargueiro passava e chegava até à ponte, a Viaduto Moreira da Rocha, à beira da praia onde posteriormente seria a INACE. A vida pesqueira e o movimento do porto continuavam a fazer parte da paisagem. Como é possível ver na figura 3, havia algumas casas à beira do riacho Pajeú. Nessa época, as casas eram ainda muito incipientes.

Figura 3 – Área do Porto de Fortaleza, Praia de Iracema, em 1937



Fonte: Amélia Earhart, 1937.

²⁴ Grupo formado de antigos moradores do Poço da Draga.

Durante a Segunda Guerra Mundial, com a vinda de militares estadunidenses para a Capital, houve “a instalação [em 1944] de um ‘cassino dos americanos’ na Vila Morena (atual Centro Cultural e Restaurante Estoril), na residência do comerciante pernambucano José Magalhães Porto” (SCHRAMM, 2001, p. 41). O clube servia para a distração da infantaria estrangeira e poucos nativos escolhidos a entrar no recinto. Assim, o dia e a noite estavam preenchidos de vida social na antiga Praia do Peixe. Estas foram algumas de tantas mudanças que ocorreram naquela localidade, outras tantas viriam, novamente, transformar a Praia de Iracema.

Entre 1945 a 1950, a paisagem do bairro mudaria novamente. A construção de um novo porto, no Mucuripe, a leste do Centro, provocou a “alteração no movimento das correntes marítimas, que atingiram violentamente a Praia de Iracema” (SCHRAMM, 2001, p. 63), instalações como o antigo Ideal Clube e muitas residências foram destruídas totalmente. Muitas famílias abandonaram o local. A desativação do porto na Praia de Iracema provocou outra mudança naquele bairro: quase toda a infraestrutura de descarga, armazenamento de mercadorias foi desativado à espera de um novo uso, mas isso durou algum tempo. Da sonhada área balneária passou-se à triste realidade destruída.

As casas dos pescadores também foram atingidas, fazendo com que estes se afastassem um pouco mais da orla da praia. Com a destruição também estava a má sorte do porto ser desativado, fazendo diminuir as oportunidades de renda. No porto não havia só o trabalho ferroviário, o estivador e o portuário, mas o pescador, o vendedor ambulante, o carregador eventual do porto, os vigias dos armazéns, etc.

A Praia de Iracema passaria algum tempo até ter os olhos do Poder Público novamente voltados para ela em os planos de reurbanização que apresentarei ainda neste capítulo.

2.1 A formação do Poço da Draga

A formação do Poço da Draga ocorreu em razão de alguns fatores já citados, culminando com a construção do Porto do Mucuripe. Este influenciou as correntes marítimas, fazendo o mar avançar violentamente sobre a orla. Isto não fez só ruir as casas que deram fama à Praia de Iracema, como lugar bucólico e aprazível, também expulsou os pescadores e suas jangadas e “grande parte dos pescadores

migrou para outros pontos da orla, sobretudo Mucuripe e o Poço da Draga” (SCHRAMM, 2001, p. 46). E o Poço da Draga iniciaria uma ocupação maior da área devido a vários motivos, o que aumentou sua população e acarretou um processo de favelização (adensamento sem infraestrutura de saneamento).

Em algum momento do começo do século XX, logo após a inauguração da ponte em 1906, no encontro do riacho Pajeú com mar, forma-se uma bacia de águas paradas, conhecida apenas como “poço” (OLIVEIRA, 2006). Devido ao assoreamento foi necessária a colocação de uma draga que servia para a retirada da areia da bacia e, com isso, ajudava a entrar pequenas embarcações que poderiam ancorar para a carga e descarga de mercadorias, bem como para o embarque e desembarque de passageiros que seriam direcionados aos navios (SCHRAMM, 2001). Um dos moradores do Poço narra que “foi uma draga que [...] encalhou ali no caminho, né. Aí, arrumaram outra e trouxeram [para] cá, porque aqui tinha um estaleiro [...] e aí essa draga veio e ali mesmo se acabou”. Assim, os moradores usavam esse fato para indicar onde moravam: “ah, eu moro lá no Poço da Draga” (ORIGEM DO..., 2015).

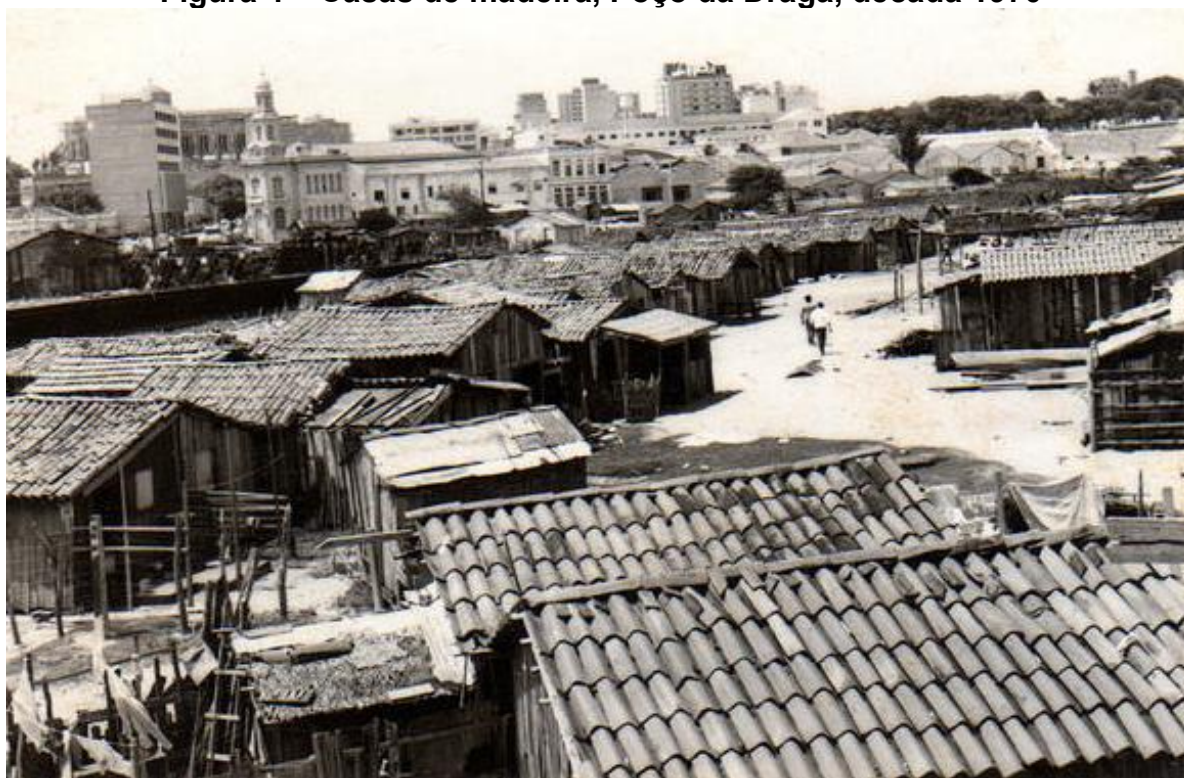
Segundo depoimentos de moradores naquele local, até a década de 1970 ou, pelo menos, até a INACE avançar sobre aquela área e sobre o Pajeú, dava para tomar banho em época de maré cheia. Quando a maré baixava e uma grande parte do poço secava, o local virava campo de futebol. Ali era a área de lazer para boa parte dos moradores do Poço.

Era muito amplo, era um terreno muito grande [...]. Naquela época, os navios vinham trazia aquelas toras de madeiras, e os caminhões colocavam ali. Hoje em dia, é muita casa, foram aterrando porque o Poço da Draga tinha muita lama. Quando a gente, ao passar, tinha que ser pela ponte [hoje Pocinho], porque na lama a gente aterrava até o joelho, parecia areia movediça, mangue mesmo. Aí com o tempo foi aterrando, foi construindo casa, chegou a indústria naval conseguiu aterrar e fazer a indústria naval, mais à frente, nós temos o Marina Park que também pertence a Elisa Gradvoll [proprietária da INACE]” (Jacinto, entrevista em 08 de novembro de 2003)

Na década de 1970, as casas continuavam de madeira e taipa, como mostra a figura 4. Essa primeira descrição vai mudar com o passar dos anos, sendo alvo de expressão em levantamentos realizados a partir de 2000, o que será mais bem-visto ainda neste capítulo.

Para Luciano Mota Gaspar (1970)²⁵, a formação do Poço da Draga se deu por alguns fatores. Em primeiro lugar, a proximidade com o porto fez surgir o uso da mão de obra de estivadores, portuários e ferroviários que fizeram ali perto sua moradia. O segundo motivo seria a proximidade da alfândega e armazéns. Terceiro, a linha ferroviária de Fortaleza que findava ali no porto e fazia a conexão com o interior do Estado, trazendo as correntes migratórias para a Capital devido às secas. Por fim, pescadores da vizinha Praia do Peixe – como fora conhecida a Praia de Iracema durante as primeiras décadas do século XX – instalaram-se no local.

Figura 4 – Casas de madeira, Poço da Draga, década 1970



Fonte: GASPAR, 1970.

Segundo Gondim (2007), nas primeiras décadas do século XX, Cidade já sentia o aumento populacional, mas sem condições sociais e econômicas para suportar o fluxo de pessoas que vieram, por exemplo, durante as secas de 1915 e de 1932. O aumento significativo da população na Capital contribuiu para o processo de favelização em alguns pontos da cidade: além do Poço da Draga, Arraial Moura Brasil, Pirambu e outros.

²⁵ Um dos primeiros levantamentos sobre o Poço da Draga foi realizado por Luciano Mota Gaspar, em 1970. Ver Gaspar (1970).

Até a década de 1940, a área do entorno do cais do porto, da Ponte Metálica, foi o local escolhido por muitos estivadores e pescadores para construir suas casas por ser perto de onde trabalhavam. O mesmo local também foi escolhido por emigrantes de outros locais do Ceará (GASPAR, 1970). Conforme notado por Gomes (2019) e a pesquisa levada a cabo pelos moradores também indicou, muitos dos antigos moradores do Poço da Draga são provenientes de Camocim e Aracati, ou seja, cidades também portuárias, sendo a primeira do lado oeste do Estado e a segunda do lado leste. Os moradores também têm origem do sertão cearense, como Canindé, Crateús, Morada Nova. (BRASIL *et al*, 2016).

Com a ocupação dos novos moradores no Poço da Draga, a localidade foi se adensando a partir da década de 1940, como mostra o levantamento comunitário (BRASIL *et al*, 2016). Um percentual expressivo dos moradores, 65%, chegou entre as décadas de 1940 e 1975. Contudo, 8% dos moradores aportaram no Poço da Draga entre 1916 e 1940. Os outros percentuais foram: 9% entre 1976 e 1990; 9% entre 1991 e 2005; e 9% a partir de 2005. Esses dados refutam as informações do Instituto de Planejamento de Fortaleza (IPLANFOR)²⁶ que, pelo Plano Local de Habitação de Interesse Social (PLHISFor), o Poço da Draga teria a origem a partir da década de 1970 (BRASIL *et al*, 2016). Outro estudo que refuta as informações do IPLANFOR é a pesquisa de Luciano Gaspar (1970) que aponta moradores com mais de 20 anos de residência na localidade.

A formação do Poço da Draga começou tímida e a ocupação parece não ter se ampliado horizontalmente por falta de espaço físico. No entanto, a localidade vem se expandindo verticalmente, em que muitas das residências ganham um ou dois andares. A disputa aumentou com a instalação da INACE, em 1968 (ver Figura 5). Na década de 1980, os moradores sofreriam com a perda de boa parte do acesso à praia, não só para o lazer, mas como fonte de renda de pescadores da área. A empresa privada INACE, para expandir suas instalações, provocou a saída de muitos pescadores da comunidade (GONDIM, 2008).

Segundo uma moradora do Poço, as casas que ficavam na praia Formosa, lado oeste da Ponte Metálica, foram vendidas para a INACE. A entrevistada afirmou que aqueles moradores não sabiam o real preço de suas moradias, “mas como o dinheiro estava ali tão perto, eles não puderam resistir” (Nota de campo 14 de abril de

²⁶ O IPLANFOR é uma autarquia municipal que tem, dentre outros, o propósito realizar estudos e pesquisas na capital, assim como monitorar e avaliar políticas públicas. (FORTALEZA, 2018)

2018). Segundo um morador, a própria colônia de pescadores do Poço da Draga foi retirada com a instalação da INACE:

Tinha muita pesca aqui, a gente conseguia muito trabalho através da pesca e com através dos tempos foi modificando. Inclusive, acabaram com o porto aqui, que era a colônia Z-18. Em [19]75 fundaram esse estaleiro aqui da Indústria Naval, [...], e indenizou a maioria da colônia daqui do Poço da Draga, transferindo uma parte para o Conjunto Palmeiras e outra parte para o Pirambu, dividiram a colônia. E hoje, restam poucas pessoas que moram aqui [Poço da Draga], porque a gente se transferiu para essa outra área aqui, principalmente, a rua Viaduto Moreira da Rocha (Jacinto, entrevista em 08 de novembro de 2003)

Na figura 5, marcada como ano de 1968, de acordo com o site da empresa INACE, mostra um Poço da Draga com um formato mais parecido com o atual. Um Poço da Draga com casas perto da Ponte Metálica e ocupando o lado leste indo por trás da Escolinha Comandante Fernandes Magalhães (o antigo Pavilhão Atlântico) até o prédio do DNOCS e também ocupando toda a orla pelo lado oeste, sendo o lado esquerdo da foto a praia Formosa.

Gaspar (1970) descreveu o Poço da Draga da seguinte forma:

A Favela do Poço da Draga é um núcleo populacional que se estende na faixa litorânea mais próxima ao centro comercial de Fortaleza, a cerca [sic] de 700 metros apenas, entre o Viaduto Moreira da Rocha (antiga Ponte Metálica) e a Avenida Alberto Nepomuceno. Compõe-se de 500 casas de madeira, taipa e alvenaria, construídas em terreno de marinha. (GASPAR, 1970, p. 38)

A foto da figura 5 retrata a localidade no fim da década de 1960. Pode-se observar o estaleiro, a Ponte Metálica, as casas ao longo da Rua Viaduto Moreira da Rocha, o poço formado pelo Riacho Pajeú. Esta área ficava alagada em época de grandes chuvas, pois aumentava a vazão do riacho. Isso também acontecia em época de maré cheia, mas na maior parte do ano, esta área ficava seca. Segundo a fala de uma moradora, na época em que alagava o poço, os moradores colocavam barcos para fazer passeios, nadar, pescar e, quando a área secava, o local virava campo de futebol.

Figura 5 – INACE, em destaque o Poço da Draga, em 1968



Fonte: ESTALEIRO EM..., 2014.

Em destaques da figura 5 estão: a escolinha das Irmãs Josefinas; os tanques da empresa CIDA0; e o local em que, somente a partir de 1972, seria construído o prédio do DNOCS. É possível também ver uma pequena ponte para atravessar o riacho Pajeú. O local foi absorvido pela INACE. O poço que se formava com a água do mar e o filete de água do Pajeú serviam de certa forma como fronteira entre a indústria naval e o Poço.

2.2 O Poço e o seu entorno

Os limites físicos do Poço da Draga são as Ruas dos Tabajaras (norte) e Gérson Gradvol²⁷ (sul), o prédio da empresa desativada CIDA0 (leste) e a Rua Guilherme Blum (oeste), conforme a figura 6.

Figura 6 – Limites do Poço da Draga, 2019



Fonte: Google Maps, 2018. Adaptado pela autora.

²⁷ Gradvol está gravada oficialmente dessa forma como rua.

Ao lado do Poço da Draga encontra-se a INACE, já mencionada, a qual produz navios de cabotagem, barcos pesqueiros, embarcações de apoio ao setor petrolífero e balsas. No aspecto ambiental, um filete de água do riacho Pajeú atravessa a localidade, o qual, em grande parte, corre por baixo de construções e estruturas de Fortaleza, desaguando na área ocupada pelas instalações da INACE, e não ao lado da Ponte Metálica.

A designação do Poço da Draga como foz²⁸ do Riacho Pajeú, onde se localizaria uma pequena área remanescente de mangue, como mostra o EIA/RIMA do Acquário Ceará (CEARÁ, 2011) é apontada por alguns estudos como sendo equivocada. No citado artigo de Brasil (2016), os autores apresentam mapas que desmentem essa localização, baseados em cartografias oficiais da Secretaria de Meio Ambiente (SEUMA) e que Ana Cecília Teixeira (2017) também refuta o fato em sua dissertação. A autora trata do “apagamento físico e simbólico do Riacho Pajeú” (p. 16) nos desenhos geográficos da cidade de Fortaleza. O referido estudo localiza a foz do Pajeú dentro do terreno da INACE, refutando a informação do EIA/Rima, conforme a figura 7. Essa discussão envolve a ZEIS do Poço da Draga, dentro da qual a Prefeitura Municipal poderia fazer com que o local onde corre o riacho se tornasse uma Área de Preservação Permanente (APP)²⁹. Se homologada essa área de preservação, o remanejamento de várias famílias do Poço da Draga poderia ser inevitável.

²⁸ Foz ou embocadura é o local onde uma corrente de água, como um rio, deságua. Sendo assim, um rio pode ter como foz outro rio, um grande lago, uma lagoa, um mar ou o oceano. (GEOGRAFIA, [s/d]).

²⁹ Lei Federal nº 12.651, Art. 3º inciso II - Área de Preservação Permanente – APP: área protegida, coberta ou não por vegetação nativa, com a função ambiental de preservar os recursos hídricos, a paisagem, a estabilidade geológica e a biodiversidade, facilitar o fluxo gênico de fauna e flora, proteger o solo e assegurar o bem-estar das populações humanas.

Figura 7 – Mapa do trajeto do Riacho Pajeú



Fonte: Reproduzido tal qual de Teixeira³⁰ (2017).

³⁰ "Produzido a partir de informações da Planta da Fortaleza Capital da Província do Ceará levantada por Adolpho Herbster Ex. Engº da Província e Archº Apozentádo [sic] da Câmara Municipal, 1888; da Carta da Cidade de Fortaleza e Arredores, levantada, desenhada e impressa pelo Serviço Geográfico do Exército, 1945 e plantas do sistema de drenagem de 1998 e 2004" (TEIXEIRA, 2017, p. 31).

Destaca-se a particularidade de que o Poço da Draga se encontra fincado entre os prédios da Caixa Cultural³¹, da INACE e um restaurante requintado, o L'O. Contudo, outras áreas são consideradas como pertencentes ao Poço da Draga. Por exemplo, no levantamento coletivo (BRASIL *et al*, 2016) levou-se em conta como área do Poço da Draga a da Vila dos Correios e casas ao lado da Caixa Cultural, na Avenida Tamandaré.

Outros locais e prédios constituem parte importante da história do Poço da Draga. O Pavilhão Atlântico é um lugar de recordações para os moradores dali. Como mencionado, este foi instalado no início do século XX para servir de local de espera para o embarque e desembarque de passageiros no porto recém-construído (ver Figura 8).

Figura 8 – Pavilhão Atlântico³², em 1910



Fonte: Arquivo Nirez, 2001.

Após a saída do porto da Praia de Iracema para o Mucuripe³³, o Pavilhão Atlântico, como outros equipamentos e instalações portuárias, foram deixados de lado pelo Poder Público. Contudo, o Pavilhão foi absorvido pela população local, principalmente, a do Poço da Draga. Para estes moradores, a história do Pavilhão Atlântico pode ser separada em antes e depois das Irmãs Josefinas.

³¹ O prédio da Caixa Cultural foi construído no século XIX para ser a alfândega da capital.

³² Ora os moradores do Poço da Draga chamam o prédio de Pavilhão Atlântico (atual nome do prédio), ou de Café Atlântico (referência ao antigo local de espera dos passageiros para o embarque nos navios); ora de “Irmãzinhas” com referência à antiga escolinha mantida pela Diocese, organizado pelas freiras Josefinas.

³³ Litoral leste de Fortaleza.

Segundo Dona Hortência,³⁴ moradora do Poço da Draga, em meados da década de 1960, o Padre Tito Guedes estava preocupado com o atual uso do Pavilhão Atlântico feito por moradores e transeuntes – o local seria usado como zona de prostituição. Assim, a Diocese solicitou o prédio ao Poder Público para a criação de uma escola que atendesse às crianças da localidade. Após a reforma do prédio, a escolinha de ensino fundamental foi fundada naquele lugar, nomeada de Comandante Fernando Cavalcante (Ver Figura 9).

Figura 9 – Prédio da Escola Comte. Fernando Cavalcante, entre 1965 – 1970



Fonte: Luciano Mota Gaspar, 1970.

Segundo a moradora Dona Hortência, as freiras permaneceram morando e ensinando ali até a década de 1980 (RODRIGUES, 2013). Lá se ensinava às crianças a alfabetização, o reforço escolar e a catequese, havendo também, no local, os ensaios do coral infantil da Igreja. As Irmãs Josefinas, ou “irmãzinhas” como são frequentemente chamadas pelos moradores, tinham um trabalho de assistência à localidade do Poço da Draga e adjacências, mantendo uma relação direta com os residentes. É possível que nesse relacionamento tenha havido desentendimentos entre alguns moradores do Poço da Draga e as Irmãs Josefinas, mas apenas uma entrevistada fez menção a esse fato o que foi analisado em Gomes (2019).

Na década de 1980, ocorreu a saída das Irmãs Josefinas do prédio. Gomes (2019) apontou três hipóteses para esse fato:

³⁴ Hortência [nome fictício] chegou à Fortaleza, vinda de Sobral, em 1965, para ser freira, mas depois da saída das freiras Josefinas do Poço da Draga, ela deixou a congregação. Ela foi a única que continuou morando no local, em um dos compartimentos do Pavilhão transformado em residência, até 2009 quando conseguiu uma casa no Poço da Draga em um acordo com a Prefeitura Municipal (Hortência, entrevista realizada em 13 de maio de 2016).

Os motivos para a saída das Irmãzinhas não ficaram claros, havendo três hipóteses para esta saída: 1) mudanças organizacionais na Arquidiocese; 2) a perda de espaço dos católicos para os evangélicos no Poço, vez que as Irmãs foram deslocadas do Poço justamente no período de ascensão evangélica; 3) conflitos envolvendo algumas das freiras e as lideranças locais (no caso, da ONG). Essa última hipótese foi apontada por uma única entrevistada, Dona Lídia [nome fictício], porém devo destacar que ela trabalhava e morava com as Josefinas na época e posteriormente morou no Pavilhão quando elas saíram. Trata-se de uma personagem que se viu bastante envolvida na questão (p. 116).

Dessa forma, outra escola foi aberta, agora com o nome Escola Infantil Francisca Fernandes Magalhães (ver Figura 10), através do projeto da Legião Brasileira de Assistência (LBA) de onde vinham os recursos, e com apoio do Rotary Club Fortaleza, que fornecia o fardamento às crianças. O mesmo prédio abrigou o Posto de Saúde Edmilson Barros de Oliveira, que foi desativado em 1993. O prédio da Escola Francisca Fernandes Magalhães foi desativado pela Prefeitura Municipal e Rotary Club em 2002, “alegando que poucos alunos estavam matriculados, e reservou o local para guardar materiais de construção” (OLIVEIRA, 2006, p. 30).

Figura 10 – Escola Infantil Francisca Fernandes Magalhães, década 1990



Fonte: Vancarder de Sousa (OLIVEIRA, 2006).

Outro uso do prédio do Pavilhão foi como sede da Associação dos Moradores do Poço da Draga (AMPODRA), que se deu a partir de junho de 2003. No local aconteciam atividades promovidas pela associação, tais como o reforço escolar para as crianças; aulas de inglês para adultos; e, nos fins de semana, aulas de hip hop para os jovens (OLIVEIRA, 2006). O lugar também foi usado para velórios e festas comemorativas.

O prédio foi reformado pela Prefeitura Municipal em 2012, no intuito de servir como restaurante e ponto turístico, voltando a ser o Pavilhão Atlântico (ver Figura 11).

Figura 11 – Pavilhão Atlântico, em 2013



Fonte: RODRIGUES, 2013

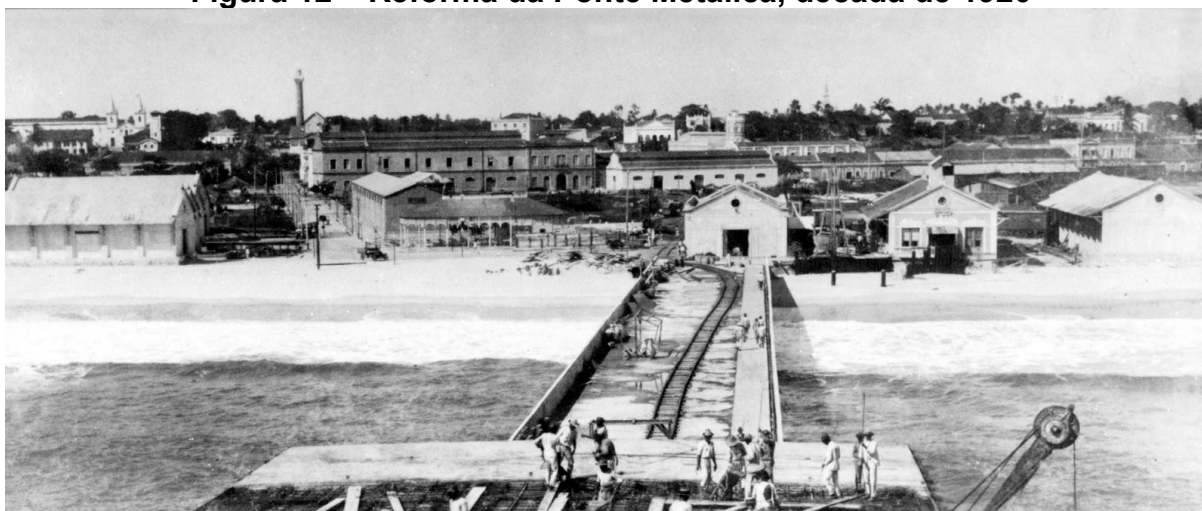
A reforma foi uma tentativa de voltar à arquitetura de 1910. Contudo, tal experimento não obteve êxito, seja por falta de investidores, seja porque alguns moradores resistiram, como afirmou um deles: “o Pavilhão é nosso, é da comunidade. Ninguém iria deixar outra pessoa aqui” (Nota de campo, 26 maio. 2018). Atualmente, o prédio está sob a gestão do CDMAC (A DRAGA..., 2014). Contudo, as chaves do Pavilhão Atlântico estão nas mãos da diretora da Velaumar que possui a agenda da programação de eventos e reuniões do prédio, assim como a solicitação de manutenção do mesmo, tais como pintura e troca de material elétrico. Adianto que a citada diretora é funcionária do CDMAC. Estes fatos serão relevantes à compreensão sobre a Velaumar. Presentemente, a situação do prédio sofre com a falta de água, principalmente para a limpeza dos banheiros e a falta de manutenção do próprio prédio.

A Ponte Metálica é outro local de grande importância para os moradores do Poço da Draga (GOMES, 2019). Historicamente, como dito anteriormente, a ponte foi de grande importância para a capital cearense, sendo ela o seu porto. No local, que compreende a margem direita do Riacho Pajeú, já havia uma estrutura de madeira

que servia de ancoradouro para embarcações desde o século XIX. O porto de Fortaleza começou a ser construído em 1886 “segundo o plano do engenheiro John Hawkshaw, pela companhia “Ceará Corporation Limited”, [...] e a referida companhia [...] fez entrega do prédio da Alfândega, feito de granito e cimento [...] (MENEZES, 1992, p.40).

Ainda no século XIX, houve também a instalação do ramal ferroviário “ligando o mercado, no Centro, à Alfândega Velha” (SCHRAMM, 2001, p. 32). No século seguinte, pela necessidade de escoar os produtos agrícolas do Estado, fez-se importante uma reforma no porto e claro, no velho trapiche³⁵. Assim, em 26 de maio de 1906, foi construído um cais e a ponte foi reformada com madeira e ferro e, por isso, o nome Ponte Metálica. Contudo, a reforma não resolveu todos os problemas. Ainda eram precárias as condições de embarque e desembarque de cargas e de passageiros realizada por botes e alvarengas, pois os navios não podiam aportar ali, devido ao assoreamento da costa fortalezense (GIRÃO, 1959). Então, em 1928, outra reforma foi feita, agora, com uma construção mais reforçada, de concreto armado. A linha ferroviária, após a reforma, chegava até o fim da ponte para o transporte de mercadorias que embarcavam e desembarcavam dos navios (ver figura 12). A ela fora dada o nome, pelo então Presidente do Ceará, na época, Desembargador Moreira da Rocha³⁶ e abençoada por Monsenhor Antônio Tabosa Braga, então vigário da Igreja de Nossa Senhora do Carmo (NIREZ, 2001).

Figura 12 – Reforma da Ponte Metálica, década de 1920



Fonte: Arquivo Nirez (GARCIA, 2017)

³⁵ Tipo de ponte de construção rústica feita geralmente de madeira.

³⁶ José Moreira da Rocha. Presidente do Ceará, de 12 de julho de 1924 a 19 de maio de 1928. Na Primeira República (1820 a 1930) os governadores dos Estados eram chamados de Presidentes.

A data, 26 de maio de 1906, é importante para os moradores do Poço da Draga, pois esta foi escolhida como marco do nascimento da comunidade, sendo, desta forma, comemorado todos os anos na localidade, após o centenário da construção da Ponte Metálica. Sobre as comemorações tratarei no Capítulo 4.

O Porto do Mucuripe foi construído na década de 1940, deixando a Ponte Metálica e os armazéns da Praia de Iracema sem uso definido, como dito anteriormente. Os trabalhadores perderam parte dos rendimentos que conseguiam com o trabalho no porto ou com o comércio que girava em torno do cais. Com a desativação do porto, as empresas que mantinham os armazéns também foram fechando.

O trem deixou de passar aqui, quando uma empresa chamada CIDAO, deixou de funcionar. [...] Foi na década de [19]80, esses trilhos transportavam mamona, do terminal da Francisco Sá, onde ficava a [empresa] Brasil Oiticica, para os tanques aqui da CIDAO, e daqui era exportada. (Cravo, entrevista realizada em, 27 de abril de 2002).

Solange Schramm (2001) discute o abandono pelo qual passou a Praia de Iracema após a saída do porto para o Mucuripe. Ainda se cultivava certas áreas com bares, restaurantes e casas noturnas. E, com isso, o bairro adquiriu fama de local de boemia (GONDIM, 2007).

Segundo Schramm (2001), a partir da década de 1940, “Fortaleza experimentou um acelerado processo de crescimento, quando sua população passou de 180.085 para 270.169 habitantes, um acréscimo populacional de 50%” (p. 43). Essa população era proveniente de correntes migratórias de todo o Estado e chegava em uma cidade que não tinha empregos nem lugares de moradia suficientes, o que provocou o “inchamento” da cidade, “coincidindo este momento com a proliferação das favelas”, segundo Linda Gondim (2007, p. 11).

Fortaleza mudou com o aumento de sua população e a Praia de Iracema se transformou em potencialidade turística, mas a Ponte Metálica nunca mais recebeu uma reforma depois de sua reinauguração em 1928. Em seus 113 anos³⁷, ela abrigou diversas formas de uso: o porto, já mencionado anteriormente, mas também foi lugar

³⁷ Como dito anteriormente, a sua inauguração se deu, 22 anos antes, no dia 26 de maio de 1906, e para os moradores prevalece é esta dada que prevalece.

de moradia, de transgressão à lei e, claro, lugar de lazer. Como lugar de moradia, ali havia pequenos barracos³⁸ que se estendiam pelo seu percurso (Ver Figura 13).

Figura 13 – Barracos na Ponte Metálica, Praia de Iracema



Fonte: DAVIS, [s/d].

A Ponte Metálica foi interditada pela Prefeitura Municipal em 1990, devido às suas péssimas condições, com a construção de um muro para impedir o acesso. Populares derrubaram a parede, reabrindo a passagem (BARBOSA, 2006). Como forma de transgressão, a ponte é usada por frequentadores mais ousados que ali vão fazer uso de drogas ilícitas. Por fim, como forma de lazer, o lugar é usado pelos moradores que praticam saltos de sua plataforma, inclusive, saltos da parte mais alta da ponte, chamada de Passatempo, mergulhos e caça submarina, lugar de encontro para ver o pôr-do-sol e namorar.

É por esse visual de locais simbólicos importantes para os moradores que estes travam uma luta constante, mantendo uma resistência para permanecer no local de nascimento, para a maioria deles, enfim, suas raízes, sendo reiterada todos os anos nos aniversários do Poço da Draga.

³⁸ Não foi possível precisar quando os barracos foram construídos na Ponte Metálica, mas a última moradora a sair da ponte foi a Dona Alzira, em 2012 (GOMES, 2015). A mesma faleceu em maio de 2019.

2.3 O Estado e o Poço da Draga

Neste trabalho, para se entender a ONG Velaumar é preciso falar como é composta a comunidade que a abriga, o Poço da Draga. A localidade possui uma população em torno de 1200 moradores divididos em 371 famílias, segundo o levantamento comunitário realizado entre janeiro e junho de 2016. (BRASIL *et al.* 2016). Somente após este levantamento foi possível precisar melhor a origem dos moradores da comunidade. Apesar disto, é necessário destacar que outras pesquisas censitárias já haviam levadas a cabo por entidades governamentais – o levantamento da SEINFRA, em 2001 e o Censo do IBGE de 2010 –, porém todas questionadas pelos moradores, pois a produção desses dados não houve a participação de nenhum agente local, sendo questionados também os resultados obtidos, como o total de sua população.

Diversas políticas de intervenção urbana do Poder Público ocorreram na Praia de Iracema e, algumas destas que não chegaram se concretizar, visavam à remoção direta dos moradores do Poço da Draga. Isto por conta de sua localização muito cobiçada pelo setor imobiliário e, principalmente, quando o turismo foi incorporado como grande potencial econômico para o Ceará³⁹. As disputas imobiliárias ocorrem ao longo das décadas desde a sua formação e o Estado, em seus planos de reurbanização.

Um dos primeiros registros de ameaça de remoção foi feito por Gaspar (1970): o plano diretor de Hélio Modesto (1963-1967), que previa a modernização na área central da Cidade, a construção de um Centro Cívico no Poço da Draga e realocação total da localidade para uma área não determinada. Segundo Gondim, o plano de Hélio Modesto “serviu de referência ao projeto do Centro Multifuncional de Feiras e Eventos do Ceará (CMFEC)” (2008, p.101) no começo da década de 2000. Oliveira (2006), Sousa (2007) e Gondim (2008) estudaram as implicações que o projeto do CMEFC teria sobre a comunidade. Contudo, este empreendimento foi construído na Avenida Washington Soares – no lado leste da Cidade (RODRIGUES, 2013). Em 1994, o projeto *Rua 24 Horas*, idealizado pela Prefeitura Municipal de Fortaleza, também provocaria a remoção dos moradores. O projeto foi abandonado,

³⁹ “No caso específico do Estado do Ceará o turismo surge como a atividade [...] capaz de impulsionar o desenvolvimento social, econômico e cultural, constituindo-se como a principal atividade econômica do final do século XX e início do século XXI” (CORDEIRO; BASTOS, 2014, p. 88).

em 1996, após a movimentação da Associação de Moradores do Poço da Draga (AMPODRA) (NOGUEIRA, 2017). A construção do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC)⁴⁰, em 1998, não provocou a remoção de nenhum morador, mas o seu advento, segundo Gondim (2008), “atraiu novamente a atenção dos gestores e do setor empresarial [principalmente, do setor imobiliário] para a comunidade” (2008, p.101).

A exemplo das políticas públicas que atingem o cotidiano da localidade, é importante levar em conta o possível impacto que o Acquário Ceará terá sobre o Poço da Draga. O Acquário Ceará é um projeto turístico idealizado pela Secretaria de Turismo do Estado do Ceará (SETUR), anunciado no Governo de Cid Gomes, em sua primeira gestão (2006-2009) e teve suas obras iniciadas em 2012.

O Acquário Ceará tem um alto custo de implementação, cerca de 250 milhões de reais. Trata-se de um oceanário “de classe mundial”, que tem como um de seus objetivos aumentar o potencial turístico e econômico da cidade de Fortaleza e do Estado do Ceará. A sua construção⁴¹, até a conclusão do presente trabalho, estava parada devido à falta de recursos e a processos judiciais⁴², incluindo ações movidas pelos Ministérios Públicos, tanto Estadual como Federal, principalmente devido às irregularidades nos processos de licitação.

O empreendimento tem o objetivo de aumentar o fluxo turístico de Fortaleza e se tornar o maior aquário da América Latina (GONDIM, 2013). O Acquário Ceará traz consigo outras questões que foram discutidas no trabalho realizado por Rodrigues (2013), tais como as várias denúncias do movimento Quem Dera Ser um Peixe, grupo articulado em oposição à obra, que serviram de base às várias ações do Ministério Público Estadual e Federal abertas contra o Governo do Estado e contra a SETUR.

O Acquário Ceará, se construído, seguirá a tendência das grandes obras de requalificação que é promover uma “expulsão branca” de moradores pobres da área (SANTILLÁN; GUARDADO, 2010; GONDIM, 2013). Barreira (2007) ratifica:

⁴⁰ O CDMAC é um empreendimento do Governo do Estado do Ceará em 1998. Linda Gondim (2007) discute a relação entre o Poço da Draga e empreendimento sob o olhar das “tendências do planejamento urbano contemporâneo, considerando as especificidades de uma sociedade periférica” (p. 21).

⁴¹ Como dito anteriormente, o local escolhido foi o prédio do DNOCS que fora cedido pelo Governo Federal ao Governo do Estado. Para melhor visualizar ver figura 1.

⁴² São ao todo 12 processos judiciais: cinco ações públicas, uma ação cautelar de exibição de documentos, uma ação de anulação de embargo da obra, uma ação popular, uma ação declaratória incidental, uma ação de improbidade administrativa, e dois processos investigatórios criminais.

[...] recuperar zonas deterioradas, entre as quais o centro, ou intervir na revitalização de áreas consideradas importantes integram o discurso não apenas dos gestores urbanos, mas de moradores ou entidades associativas interessadas na resistência ou controle do ritmo de mudanças. Alusões à violência ou referências à decadência servem de motivação na demanda de projetos governamentais, incluindo também propostas de interesses privados. (BARREIRA, 2007, p. 173).

Apesar de no projeto inicial do Acquário não estar prevista qualquer remoção após a sua inauguração, o Poço da Draga poderá ser alvo de expulsão indireta decorrente da gentrificação da área (GONDIM, 2013). O termo designa um processo de enobrecimento de áreas para reanimar “os usos públicos dos espaços urbanos” (LEITE, 2002, p. 116). Grandes intervenções são observadas em escala mundial e realizadas geralmente pelo poder público, com a intenção de aumentar o fluxo turístico, desenvolver a economia e revitalizar áreas urbanas degradadas (SANTILLÁN; GUARDADO, 2010).

Os espaços públicos podem ser requalificados por motivos diversos. Contudo, o mesmo espaço considerado subutilizado pelo Poder Público pode ter importância na dinâmica social local (BARREIRA, 2007). Nesse sentido, pesquisas desenvolvidas anteriormente por Gondim (2007), Oliveira (2006) e Sousa (2000; 2006) apontam que o Poço da Draga tem sido ameaçado devido a projetos de urbanização ou semelhantes. Uma razão é a sua localização privilegiada, bem próxima à Praia de Iracema.

Segundo moradores do Poço da Draga, para a construção desse equipamento, não houve reunião para que se pedisse a opinião da população sobre qual tipo de empreendimento desejariam que fosse erguido no lugar do prédio do DNOCS. Nas reuniões que ocorreram, tratavam-se apenas de anúncios da obra aos moradores (RODRIGUES, 2013).

O Acquário Ceará é uma obra onerosa para a realidade do Ceará e do Poço da Draga: o estado está localizado em uma região semiárida e sofre ocasionalmente com o problema de secas; a comunidade do Poço da Draga possui problemas de infraestrutura, como a falta de saneamento básico e limpeza do riacho Pajeú; e os serviços de água e luz só foram conseguidos devido à ação dos próprios moradores (GONDIM, 2008). Então trata-se de uma contradição pungente, investir tanto dinheiro público em uma obra turística, quando na área adjacente a população sofre de inúmeras carências e direitos fundamentais violados. Houve também omissão do Poder Público que fez com que o Poço da Draga perdesse

[...] equipamentos, como duas escolas (mantidas pela Congregação das Irmãs Josefinas e pela Colônia de Pescadores Z-18) [...] e um posto de saúde⁴³, que deixou de funcionar em 1993. [...] Em 2002, uma escola infantil mantida pela Prefeitura em parceria com o Rotary Clube foi desativada. (OLIVEIRA, 2006, p. 30).

Devido à construção do Acquário Ceará, os moradores perderam boa parte do acesso à praia. Um muro foi construído cercando quase todo o Pavilhão Atlântico, deixando apenas poucos metros de abertura, entre ele e o muro da INACE (RODRIGUES, 2013). Contudo, para alguns moradores, o empreendimento poderá proporcionar empregos para a comunidade, enquanto outros acreditam que poderá ocorrer remoção por causa do enobrecimento da área.

O movimento social Quem Dera Ser um Peixe se constituiu em fevereiro de 2012 e é composto por profissionais de várias áreas, tais como professores, historiadores, advogados e artistas. A relação entre o QDSP e do Poço da Draga se deu a partir das mobilizações, ou “inundações”, assim nomeados pelo grupo, que ocorriam em frente à obra do Acquário, sempre convidando os moradores do Poço assim como os moradores com mais tempo de vivência na localidade, a participar das reuniões, incentivando-os a contar suas histórias de vida, com o intuito de chamar a atenção para a história do lugar.

Em 2012, a Velaumar se absteve das reuniões do movimento social QDSP⁴⁴ que ocorriam em frente à obra do Acquário Ceará. No ano anterior, a fundadora da ONG faleceu, estagnando muitas das ações da organização. Segundo a diretora atual, sua luta pessoal foi grande para decidir fechar a ONG ou prosseguir com os trabalhos de sua mãe. Mesmo não comparecendo, em 2012, houve o reconhecimento dos trabalhos do QDSP pela Velaumar, premiando-o com o troféu “Amigos do Poço” (RODRIGUES, 2013).

As políticas públicas utilizadas pelo Poder Público são insuficientes para as demandas no Poço da Draga. O sofrimento com as chuvas e alagamentos é recorrente nas falas dos moradores. Um braço do riacho Pajeú corta o Poço da Draga, não chegando a atravessá-lo, devido a um grande obstáculo, o muro da INACE. Portanto, em épocas chuvosas, o charco formado pelo curso d’água interrompido transborda e causa transtornos. Por isso, muitas casas têm um batente mais alto para evitar a entrada das águas da chuva (RODRIGUES, 2013). Em meio a um paradoxo,

⁴³ Presentemente, o posto de saúde mais próximo da localidade fica no Centro de Fortaleza.

⁴⁴ O QDSP e suas ações foram objetos de pesquisa para minha monografia, ver Rodrigues, 2013.

o Poço da Draga tal como uma ilha, cercado por água – Riacho Pajeú e o mar – já sofreu por não ter água encanada e sofre com as enchentes.

Este item mostrou os planos de intervenção urbanos que o Poço da Draga vem sofrendo através do tempo. Aqui se faz importante entender o local, a sua dinâmica econômica e parte dos conflitos que ocorrem na comunidade. Por isso, descrevi um pouco da sua história e do seu desenvolvimento. Esse apanhado histórico buscou olhar o lugar como espaço de moradia, lazer e trabalho, transformado pelo tempo que muda fisicamente, mas muitos elementos ainda estão lá, tal como a relação dos moradores do Poço da Draga como a água, seja do mar, do rio ou da chuva.

2.4 O Poço em dados

Neste item apresento três levantamentos realizados no Poço da Draga: Gaspar (1970), SEINFRA (2001) e o levantamento⁴⁵ realizado por moradores do Poço da Draga, em 2016 (BRASIL *et al*, 2016)⁴⁶. Com eles é possível verificar o histórico da evolução da localidade em vários momentos de seu desenvolvimento. O levantamento do Poço da Draga aplicou “cerca de 310 fichas. A partir da aplicação destas, foram identificados 340 imóveis, e 371 famílias, levando em consideração as coabitações, correspondendo a aproximadamente 1200 moradores” (BRASIL *et al*, 2016, s/p).

A maior parte da população do Poço da Draga auferem baixos rendimentos. Pelos dados da SEINFRA (2001), um total de 291 famílias respondeu ao levantamento, obtendo-se os seguintes resultados: 6,19% moradores não possuem renda; 5,84% ganham até 1 salário mínimo; 35,74% ganham entre 1 e 2 salários mínimos; 15,46% ganham entre 2 e 3 salários mínimos; 12,03% ganham entre 3 e 4 salários mínimos; 6,19% ganham entre 4 e 5 salários mínimos; e 18,56% ganham mais que 5 salários mínimos.

No levantamento comunitário, informa-se que 39% dos moradores da localidade tem renda familiar mensal de 0,5 a 1 salário mínimo; 33% ganham entre 1,5 a 2 salários mínimos, 20% ganham entre 2,5 a 3 salários mínimos; 5% ganham entre 3,5 a 4 salários mínimos; e 3% ganham acima de 4 salários mínimos (BRASIL *et al*, 2016). Em comparação com dados recolhidos pela SEINFRA, o poder aquisitivo

⁴⁵ Mais à frente, explico como se deu o levantamento e os envolvidos no trabalho.

⁴⁶ Note-se que nem sempre foi possível comparar os dados dessas diferentes fontes, pois elas nem sempre incluíam as mesmas questões.

dos moradores do Poço da Draga, em relação aos de 2016 sofreu algumas alterações. Os moradores que não recebiam renda alguma, passaram a ter algum tipo de renda e o número daqueles que recebiam mais que 4 salários mínimos mensalmente, diminuiu, aumentando a faixa entre 1 e 3 salários mínimos. (Ver Tabela 1).

TABELA 1 – RENDA MENSAL FAMILIAR

SALÁRIOS-MÍNIMOS	SEINFRA, 2001		LEVANTAMENTO, 2016 (*)	
	N	%	N	%
Sem renda	18	6,19	–	–
Menor que 1	17	5,84	–	39
Entre 1 e 2	104	35,74	–	33
Entre 2 e 3	45	15,46	–	20
Entre 3 e 4	35	12,03	–	5
Entre 4 e 5	18	6,19	–	3
Maior que 5	54	18,56	–	–
TOTAL DE FAMÍLIAS	291	100	–	100

Fonte: SEINFRA, 2001; BRASIL et al, 2016.

Espaços com (–), os dados não foram informados ou não existem.

(*) A fonte BRASIL et al, 2016, informa apenas os percentuais.

Ainda em relação aos dados recolhidos pela SEINFRA (2001), no Poço da Draga, 461 de seus moradores responderam sobre a sua ocupação formal e informal no trabalho, obtendo-se o seguinte resultado: 29% dos moradores trabalham com carteira assinada, enquanto, 70,28% trabalham sem registro em carteira. Em outros dados, a SEINFRA aponta que dos 1071 moradores entrevistados, em 2001, 5,97% eram aposentados ou pensionistas e a soma de seus residentes desempregados, sem ocupação definida e outros, em um total de 85 pessoas, tinha uma porcentagem de 7,93%, “fora os que dependem da renda do chefe de família, como os estudantes (21,76%) e as donas de casa (9,62%)” (OLIVEIRA, 2006, p. 36). Percebe-se que houve uma mudança positiva no perfil socioeconômico dos moradores do Poço da Draga em 15 anos (Ver Tabela 2).

No levantamento de 2016 foi apontado que dos moradores que recebem algum Programa Social de auxílio de renda, 24% são beneficiários⁴⁷ do Programa Bolsa Família⁴⁸ (BRASIL et al, 2016). O mesmo levantamento também verificou o vínculo empregatício dos moradores: 42% são trabalhadores autônomos; 34% são

⁴⁷ Contudo, nem no artigo de Brasil (2016) e nem na monografia de Nogueira (2017) informa-se se há outro programa de distribuição de renda que faça parte da renda dos moradores do Poço da Draga.

⁴⁸ Programa de transferência de renda do Governo Federal para famílias com baixos rendimentos.

empregados com carteira assinada; 18% aposentados ou pensionistas; 6% são empregados sem carteira assinada (BRASIL *et al*, 2016) (Ver Tabela 2).

TABELA 2 – OCUPAÇÃO FORMAL E INFORMAL

DISCRIMINAÇÃO	GASPAR 1970 (*)		SEINFRA 2001		LEVANTAMENTO 2016 (****)	
	N	%	N	%	N	%
Com Carteira de Trabalho	10	20	23	2,63	–	34
Sem Carteira de Trabalho	–	–	–	–	–	6
Autônomo (**)	36	72	188	18,02	–	42
Desempregado	1	2	43	4,01	–	–
Aposentado/ Pensionista	3	6	64	5,97	–	18
Outros	–	–	275	25,68	–	(*)
Donas de casa	–(***)	–	103	9,62	–	(*)
População não ativa	–	–	375	34,07	–	(*)
TOTAL	50	100	1071	100	–	100

Fonte: GASPAR, 1970; SEINFRA, 2001; BRASIL *et al*, 2016.

Espaços com (–), os dados não foram informados ou não existem.

(*) O levantamento não distinguiu estas ocupações.

(**) Gaspar (1970) separou em pessoas que trabalham por conta própria e pessoas que prestam serviços e, nesta tabela, foram compilados como autônomos para melhor entendimento dos dados.

(***) Ainda segundo Gaspar, em seu levantamento, informa que 32 mulheres realizavam atividades domésticas e não contribuía para a renda familiar, tendo 11 mulheres que contribuía para renda familiar e 7 mulheres eram, na época, chefes da família, totalizando 50 mulheres dos 50 domicílios pesquisados. Contudo, não informou se essa contribuição era formal ou informal.

(****) A fonte (BRASIL *et al*, 2016) informa apenas os percentuais.

Em suma, este estudo teria encontrado que os moradores do Poço da Draga, em sua maioria, são trabalhadores autônomos. Infelizmente, o levantamento de 2016 não precisou quantos desses moradores são cadastrados no sistema de Micro Empreendedor Individual (MEI)⁴⁹. Este dado pode informar quantos ainda podem adquirir, após o tempo decorrido, o direito a uma aposentadoria.

Destaco que, como veremos adiante, os atuais dados apresentados sobre o Poço da Draga destacam, com mais precisão, questões sobre a infraestrutura, como bem mostrados pelo levantamento de 2016. Segundo os resultados do mesmo

⁴⁹ MEI é um programa do Governo Federal que visa tirar da informalidade os trabalhadores autônomos. Ele é um o cadastro de trabalhadores autônomos que tem faturamento até R\$81.000,00 ao ano. Estes possuem CNPJ [Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica] e podem fornecer nota fiscal de serviços. O programa dá direito a uma aposentadoria depois de contar seu tempo de serviço e pagamento do INSS [Instituto Nacional de Seguro Social]. Disponível em: <<https://www.portaldomei.gov.br/duvidas-frequentes>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

levantamento, 98% dos moradores da localidade têm abastecimento de água fornecida pela rede pública. (Ver Tabela 3).

TABELA 3 – ABASTECIMENTO DE ÁGUA

DISCRIMINAÇÃO	GASPAR 1970		SEINFRA 2001		LEVANTAMENTO 2016 (*)	
	N	%	N	%	N	%
Cagece ⁵⁰	0	0	223	84,79	–	98
Outros	50	100	40	15,21	–	2
TOTAL	50	100	263	100	–	100

Fonte: GASPAR, 1970; SEINFRA, 2001; BRASIL *et al*, 2016.

Espaços com (–): os dados não foram informados ou não existem.

(*) A fonte (BRASIL *et al*, 2016) informa apenas os percentuais.

A situação era diferente nos anos 1980. Até então a população do Poço da Draga contava apenas com um chafariz, que não dava conta de atender a todos. Assim, o vigia da empresa CIDAO passou a fornecer água para os moradores da localidade também. Segundo uma antiga moradora do Poço, as pessoas tinham que fazer fila, começando pela madrugada, para obter água potável.

Ainda segundo dados do último levantamento, apenas 13% dos moradores do Poço da Draga têm acesso à rede de esgotamento sanitário. Complementando os dados: 64% dos moradores têm fossa própria; 21% jogam no rio seus dejetos; e 2% fazem uso de outros meios não identificados pela pesquisa (BRASIL *et al*, 2016). (Ver Tabela 4).

TABELA 4 – INFRAESTRUTURA DE ESGOTAMENTO SANITÁRIO

DISCRIMINAÇÃO	SEINFRA, 2001		LEVANTAMENTO, 2016 (*)	
	N	%	N	%
Fossa Sumidouro	113	42,97	–	64
Rede Pública	17	6,46	–	13
Outros/rio	133	50,57	–	(**) 23
TOTAL	263(***)	100	–	100

Fonte: SEINFRA, 2001; BRASIL *et al*, 2016.

Espaços com (–), os dados não foram informados ou não existem.

(*) A fonte (BRASIL *et al*, 2016) informa apenas os percentuais.

(**) Aqui foram somados os dados de 21% dos moradores jogam no rio seus dejetos com 2% que fazem uso de outros meios não identificados pela pesquisa.

(***) Número em famílias.

⁵⁰ Companhia de Água e Esgoto do Estado do Ceará.

O levantamento de 2016 mostra que 99% dos residentes têm a coleta de lixo na rua, menos aqueles que moram nos becos e na área denominada Pocinho, mas que muitos deixam o lixo nos locais próprios (BRASIL *et al*, 2016). Quanto à situação da energia elétrica, todas as moradias registradas no levantamento, atualmente, estão ligadas à rede de distribuição de energia da cidade (Ver Tabela 5).

TABELA 5– DOMICÍLIOS COM ENERGIA ELÉTRICA

DISCRIMINAÇÃO	SEINFRA, 2001		LEVANTAMENTO, 2016	
	N	%	N	%
Coelce ⁵¹	237	90,12	340	91,64
Gambiarra	12	4,56	0	0
Não tem/não sabe	14	5,32	31	8,36
TOTAL	263	100,00	371	100

Fonte: SEINFRA, 2001; BRASIL *et al*, 2016.

Contudo, segundo uma moradora, já foi bem pior. Na década de 1970, poucas casas tinham energia elétrica, e apenas uma moradora tinha televisão, pois o marido tinha uma condição melhor de emprego.

Luz não tinha. Só quem tinha luz aqui era Dona Zínia, porque o marido dela era prático ⁵². Então tinha uma condição melhor na comunidade. Era a única pessoa que tinha televisão [...] E uma das coisas que era interessante desse período era [que] toda a comunidade ia assistir e a velha é daquelas velhas chatas, sabe? “Eu tenho, mas eu quero dormir”. E desligava a televisão. Aí ficava todo mundo na vontade [dizendo:] “ah!” todo mundo né? Dava a hora da novela todo mundo corre para lá, se ela tivesse de bom humor as pessoas assistiam, senão, fechava a televisão mesmo (Azaleia, entrevista realizada em 06 de abril de 2015).

Outra moradora diz que, até 1993, não havia luz em uma parte do Poço, conhecida como “Pocinho”. Segundo a entrevistada, era em torno de 35 casas que dividiam uma ligação clandestina.

A Orquídea foi quem conseguiu colocar luz lá dentro do Poço, nem luz tinha. Lá dentro, lá dentro do Pocinho mesmo. Lá não tinha luz, era uma viga de madeira em formato de uma cruz e tudo quanto fosse de gambiarra lá. Ela lutou, lutou até conseguir colocar luz, de poste, conseguiu colocar registro

⁵¹ Companhia de Energia do Ceará. Atualmente o fornecimento é feito pela Enel Distribuição Ceará.

⁵² Prático: MARINHA (TERMO DE) NÁUTICA: indivíduo conhecedor dos acidentes hidrográficos e topográficos de áreas restritas marítimas, fluviais ou lacustres, e que nelas conduz embarcações em segurança; piloto, timoneiro, patrão. Dicionário Google. Disponível em: <<https://www.google.com/search?q=Dicion%C3%A1rio>>. Acesso em 12 jun. 2019.

nas casas que não tinham. Era do poste direto pra casa e se queimasse, caísse a energia de uma casa, adeus, todas as casas iam ficar no escuro mesmo (Verbena, entrevista realizada em 25 de junho de 2018).

O Poço da Draga é um lugar que se transformou, no sentido de a maioria das residências da localidade ser atualmente de alvenaria e rebocada (ver Tabela 6), possuir energia elétrica, água e coleta de lixo, sendo semelhante a outros bairros de Fortaleza na questão do saneamento básico, se se observar os dados do relatório formulado pelo Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) que aponta em Fortaleza índices semelhantes (IPECE, 2012)⁵³.

Segundo o relatório do IPECE, apesar “dos avanços ocorridos na proporção de domicílios ligados à rede geral de esgoto ou pluvial em Fortaleza, conclui-se que a taxa de cobertura de esgotamento sanitário ainda é baixa e desigual na capital” (CEARÁ, 2012, p. 10).

O tipo de material usado na construção das casas ainda é, muitas vezes, considerado como fator discriminatório para caracterizar uma localidade como “favela”, tais como taipa, madeira ou outros materiais. Entretanto, o levantamento comunitário (BRASIL *et al*, 2016) apresenta dados sobre o tipo de construção das residências do Poço da Draga e concluiu que não há mais construção de madeira ou taipa (ver Tabela 6). Segundo Brasil:

Os materiais variaram entre alvenaria com e sem reboco e misto, não foram levantadas casas constituídas [somente] de madeira ou taipa. Isso mostra a evolução construtiva e a consolidação da comunidade. Segundo conversa com o morador Sérgio Rocha, nos últimos 15 anos, dos primeiros anos do governo Lula, 2003-2006, aos dias atuais, houve uma melhoria habitacional considerável, as casas passaram a ter revestimentos de piso e parede já que, ainda segundo ele, na década de 90 poucas casas possuíam esse nível de acabamento (BRASIL *et al*, 2016, s/p).

Uma moradora fala da mudança do tipo de construção das casas: “as casas [eram] velhas [e] feias, não tinha casa daquele jeito [duplex], tudo era baixinha. Depois foram fazendo esses casebres desiguais⁵⁴” (Hortência, entrevista realizada em 13 de

⁵³ Último relatório solicitado pelo governo estadual ao IPECE baseado nos dados dos Censos de 2000 e 2010 divulgados pelo IBGE. O relatório informa que Fortaleza tem o índice de domicílios com coleta de lixo de: 98,75%; domicílios ligados à rede geral de água, o percentual é de 93,31%, domicílios ligados à rede geral de energia elétrica, o percentual é de 99,70%; domicílios ligados à rede geral de esgoto ou pluvial, o percentual é de 59,56%.

⁵⁴ A desigualdade das casas está no sentido que algumas avançaram muito para as ruas deixando-as estreitas.

maio de 2016). Desiguais sim, mas muitas hoje são duplex e algumas possuem vaga para carro.

TABELA 6 – MATERIAL DE CONSTRUÇÃO – REVESTIMENTO DAS PAREDES

DISCRIMINAÇÃO	GASPAR 1970		SEINFRA 2001		LEVANTAMENTO 2016	
	N	%	N	%	N	%
Madeira	35	70	20	7,60	0	0
Tijolo (com ou sem reboco, ou misto)	5	10	242	92,02	294	100
Taipa	10	20	1	0,38	0	0
TOTAL	50	100	263	100	294	100

Fonte: GASPAR, 1970; SEINFRA, 2001; BRASIL *et al*, 2016.

No item tempo de moradia, que trata dos anos de residência no Poço da Draga, em 2016 há mais moradores com 20 anos (82%), em contraste com os dados de Gaspar (1970) segundo os quais, em 1970, apenas 22% tinham mais de 20 anos de moradia (ver Tabela 7).

No quesito “escolaridade dos moradores” apenas dois levantamentos puderam ser comparados, SEINFRA 2001 e o levantamento comunitário de 2016. Na tabela 8, observa-se o aumento do número de moradores com curso superior e a diminuição de analfabetos (ver Tabela 8).

TABELA 7 – TEMPO DE RESIDÊNCIA LOCAL

Discriminação	GASPAR 1970		SEINFRA 2001		LEVANTAMENTO 2016	
	N	%	N	%	N	%
Até 1 ano	2	4	12	4,13	–	–
Acima de 1 a 10 anos	20	40	83	28,52	–	–
Acima de 10 a 20 anos	17	34	64	21,99	67	18
Acima de 20 anos	11	22	132	45,36	304	82
TOTAL	50	100	291	100	371	100

Fonte: GASPAR, 1970; SEINFRA, 2001; BRASIL *et al*, 2016.

Espaços com (–), os dados não foram informados ou não existem.

TABELA 8 – ESCOLARIDADE DOS MORADORES

Discriminação	SEINFRA 2001		LEVANTAMENTO 2016 (*)	
	N	%	N	%
Analfabeto/Não estuda	62	5,79	–	3
Ensino Fundamental completo	55	5,14	–	10
Ensino Fundamental incompleto	572	53,41	–	31
Ensino Médio completo	91	8,50	–	23
Ensino Médio incompleto	92	8,59	–	17
Superior completo	1	0,09	–	11
Superior incompleto/ Profissionalizante	1	0,09	–	5
TOTAL	873	81,52	–	100

Fonte: SEINFRA, 2001; BRASIL *et al*, 2016.

Espaços com (–), os dados não foram informados ou não existem.

(*) A fonte (BRASIL *et al*, 2016) informa apenas os percentuais.

Diante dos dados apresentados, pergunta-se: o que é morar em uma favela? Para muitas pessoas, morar em uma favela é residir em lugar sujo (SANTOS, 1981), com casas de palafitas ou taipa em terrenos de terceiros (MEDINA, 1969), com condições precárias de urbanismo (GASPAR, 1970; MEDINA, 1969) sendo ainda atribuído o estigma de lugar de pessoas violentas ou criminosas (PERLMAN, 1977; GONDIM, 2008). Erving Goffman (2004) analisou os processos de construção social do estigma, em seu livro “Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada”, perguntando quem é este “indivíduo que está inabilitado de aceitação social plena” (GOFFMAN, 2004, p.4)? São aqueles que de alguma forma carregam uma marca social, como morar em um lugar que outros atores sociais associam com características de baixo ou nenhum caráter ou que associam a falta de limpeza, higiene e educação. Em outras palavras, o lugar de moradia poderia dizer algo sobre a subjetividade do morador.

Como foi visto, por conta de sua formação social, histórica e econômica, o Poço da Draga se adensou, entre as décadas de 1940 e 1950, como outras muitas aglomerações pobres. Estas receberam as primeiras definições sobre favela: "um grupo de moradias com alta densidade de ocupação, construída desordenadamente, com materiais inadequados, sem zoneamento, sem serviços públicos e em terrenos usados ilegalmente sem consentimento do proprietário" (PETIZ, 1963, p. 3 *apud* PERLMAN, 1977, p. 40).

Janice Perlman (1977) realiza uma desconstrução de quase todos os pontos dessa definição, deixando apenas a diferença entre ocupações pobres das favelas citada, por Petiz, que "é a ocupação ilegal da terra" (p. 40). Em seu livro são desconstruídos vários mitos sobre favela – casas sujas, favelados preguiçosos, sem valores morais, aglomerações patológicas. A autora observou o dia a dia dos moradores de três favelas e percebeu que, em geral: suas casas são limpas, asseadas, confortáveis a partir do material disponível para sua construção; possuem plantas no parapeito de suas janelas; muitos moradores acordam cedo para trabalhar e aqueles que estão no bar esperam seus turnos de trabalho; e os pais, em geral, se preocupam com educação dos filhos (PERLMAN, 1977).

Por sua vez, a pesquisadora Linda Gondim (1982) discute a manipulação do estigma de favelado com relação a moradores de conjuntos habitacionais no Rio de Janeiro. Ela percebeu que o preconceito não é só da população mais abastada da cidade, mas também de técnicos do Estado que operavam a ocupação de quatro conjuntos habitacionais escolhidos pela autora para a sua pesquisa. O processo de estigmatização do favelado se dá, segundo a autora, em denúncias dos "‘problemas sociais’ que adviriam da própria existência das favelas, bem como na proposição de medidas para eliminá-las" (1982, p.30). E ainda, "[...] ‘morar em favela’ constitui um elemento de diferenciação social, na medida em que o sistema classificatório de outros grupos sociais confere um estigma a este atributo" (1982, p.31).

O termo "favelado" não é bem aceito por alguns moradores do Poço da Draga, pois, segundo Heloisa Oliveira (2006) "as representações pejorativas associadas ao termo "favela" reforçam as condições de miséria e exclusão social às quais estão submetidos os favelados" (p.37). Por essas razões é recorrente na fala dos moradores da localidade o uso do termo "comunidade", "palavra que denota laços de afetividade e interesses comuns. A união e a solidariedade implícitas no termo permitiriam uma classificação positiva, ao contrário do que ocorre com 'favela'" (p.38).

O Poço da Draga também é conhecido popularmente como Favela Baixa Pau⁵⁵ ou Do Baixa Pau. Na reflexão de um morador, a mídia em geral tem grande envolvimento nisso. Ela usa termos “menos feios” para falar bem de uma localidade, com o termo “comunidade” ao invés de “favela”: “sempre gostei de me apresentar como [do] Baixa Pau. Porque é a origem mesmo do bairro [como] ficou conhecido. Poço da Draga [foi] depois da mídia chegando ‘pa pa pa’ que achava o nome muito feio, né” (Lírio, entrevista realizada em 21 de janeiro de 2017). Por outro lado, a alcunha, Baixa Pau, também é usada pela mídia televisiva e jornalística no trato de notícias policiais que envolvem o Poço da Draga. (PRAIA DE IRACEMA..., 2013).

Contudo, há diferença entre ser da “Comunidade do Poço da Draga” e ser da “Favela do Baixa Pau”? Para alguns moradores sim, mas outros não se importam em dizer que moram no Baixa Pau. Segundo a fala de um morador, ser do Baixa Pau pode ser usado para identificar uma postura de autodefesa, de se impor diante de outros grupos, em uma demonstração de poder.

Aí ele [o morador] já chega dizendo ‘sou do Baixa Pau mesmo’... Querendo ou não a gente se vê seguindo um legado, porque quando eu saí, eu segui o legado. A gente tinha um grupo, era eu e mais seis [...]. Só entrava nós sete e ninguém mexia. A gente sempre teve rixa com a [comunidade] Graviola⁵⁶. Agora [de] cinco, dez anos pra cá que não tem mais. A gente ia pra festas quando a gente passava a galera da Graviola fazia o corredor para a gente passar... Mexia não, tinha um respeito já. [...] Junto [ou] sozinho... Porque se eles mexessem, tinha que ser dez. Eu como fazia capoeira também eu derrubava dez [...]. Aí sempre tinha umas tretas de outros cantos. “Ah, por que que esses caras?” “Não, é os meninos do Baixa Pau” [risos]. Os ‘caba’ já... Ficava com medo. (Lírio, entrevista realizada em 20 de janeiro de 2017).

Ainda hoje, em alguns casos, os moradores fazem uso da alcunha Baixa Pau na defensiva, ou seja, usam para se proteger em momentos em que possam ser alvo de agressões. Manipulam essa expressão que é alvo de desprezo por outras pessoas, para transformar em um poder. Esta transformação de uso que pode ser até

⁵⁵ Há duas origens para essa alcunha. A primeira, data da criação do primeiro porto de Fortaleza. Os navios cargueiros não podiam atracar junto ao cais, mesmo com a draga, porque podiam encalhar, então, era necessário que pequenas embarcações fossem até o navio retirar a sua carga. A maioria dos navios que atracavam trazia grande quantidade de madeira e os estivadores chamavam os homens da vila aos gritos, para ajudar a desembarcar as toras “vamos baixar o pau, vamos baixar o pau”. As madeiras trazidas pelas embarcações ficavam em um galpão entre da Rua Boris e a margem riacho Pajeú, no início do século XX. A segunda conotação seria devido à violência dos próprios moradores, que, por vezes, precisava da intervenção da polícia. Mais um sentido da origem do nome estaria relacionado à expulsão violenta de pessoas de fora da comunidade que causavam confusão no local (OLIVEIRA, 2006; RODRIGUES, 2013).

⁵⁶ A Comunidade da Graviola localiza-se na Praia de Iracema, entre as ruas Nogueira Acioli, Gonçalves Ledo, Pedralina e a Avenida Monsenhor Tabosa.

o contrário e, em outra ocasião, estará ao seu favor, é o que Michel de Certeau (2009) trata em *A invenção do Cotidiano*. Nele, o autor afirma que “[...] a relação social determina seus termos, e não o inverso” (p.38), o que quer dizer que o uso da alcunha Baixa Pau pode ser bem útil quando necessário.

O termo “comunidade” é amplamente usado, sobretudo, pela mídia para denotar uma localidade pobre, mas com potencialidade, para amenizar o preconceito, ou seja, é politicamente correto, para ser mais aceito. É constante o uso do termo pelas lideranças comunitárias e por moradores do Poço da Draga para falar sobre eles mesmos. Contudo, o uso da palavra não é unânime dentre eles. Alguns moradores acreditam que usar o termo “comunidade” ao invés de “favela” não diminui o preconceito em relação ao lugar em que eles moram e o seu uso seja tão ruim quanto o uso da palavra “favela”. Uma moradora nega veementemente “eu não moro em uma favela, eu moro numa comunidade. Aqui as casas não são de madeira, tem até casa com vaga para carro” (Nota de campo, 28 de maio de 2019). Outro morador explica:

Ninguém chama ‘a comunidade da Aldeota’, ‘a comunidade do Meireles’. É ‘bairro Meireles’, é ‘bairro Aldeota’ ou somente os nomes desses lugares: Aldeota e Meireles. Dizer ‘comunidade do Poço da Draga, comunidade do Serviluz, comunidade do Bom Jardim, já quer dizer que naquele lugar mora muita gente pobre’ (Nota de campo, 16 de março de 2018).

A palavra “comunidade” pode dar a ideia de um lugar pacífico, sem conflitos, quase como um espaço utópico. Entendo que, no Poço da Draga há divisões, conflitos e fronteiras, diferenciações entre “nós” e os “outros” (BARREIRA; LIMA, 2013). O uso do termo “comunidade” e o levantamento da questão de se chamar a localidade de outra forma faz com que se questione o uso de terminologia para caracterizar ou classificar o espaço. Barreira e Lima (2013) elucidam que:

A percepção da segmentação dos espaços e suas divisões simbólicas incidem sobre diferentes percepções de “nós” e dos “outros”, que são categorias de que os moradores da cidade se utilizam para diferenciar os bairros entre si, ou as divisões internas dentro de um mesmo território. Em outras situações, as designações de “favela”, “bairro”, “comunidade” tornam-se uma via muito profícua para se analisar tanto a percepção dos sujeitos moradores sobre suas práticas como a relação que estabelecem com os espaços urbanos (p.539, aspas do texto).

Os “nós” e os “outros” aqui podem ser caracterizados como os “nós”, os moradores da “comunidade” e “outros” da favela, quanto ao uso do termo para falar sobre si e sobre o outro. No Poço da Draga, há uma separação que Oliveira (2006) discutiu e evidenciou: a diferença entre o “Poço” e o “outro lado”, ou “A rua dos ricos” e o “Pocinho”, como pode ser visto na fala de um morador:

A gente rezava terço, ia tudo pra acolá [para o Pocinho], pra banda ali tudinho a gente ia, agora que ninguém vai mais, né? Mas a gente ia pra todo canto acolá. Aí um dia eu vinha passando... “O que é que a senhora tá fazendo aqui”? Porque elas disseram que aqui era a Aldeota e lá era... Não sei qual foi o nome que deram lá... Eu disse: “não, minha filha a gente é tudo igual aqui. Não tem esse negócio de Aldeota, nem de coisa, não”. (Violeta, Guardiões da Memória em 27 de maio de 2018).

Aqui assim, a gente tem uma divisão das pessoas que vivem do outro lado [Pocinho]. Eu nasci numa casa bem na entrada daquele beco que tem umas pessoas, umas pessoas também que não é daqui e que chegaram depois. Aí aqui e acolá eu digo: eu já [vou] ali ver um assunto. Aí “mulher, o que é que tu quer aqui?” Eu digo: ‘mulher, eu nasci aqui, eu não posso mais andar aqui?’ (Amor-Perfeito, Guardiões da Memória, em 27 de maio de 2018).

O Pocinho está localizado dentro do Poço da Draga, à margem do Riacho Pajeú (ver figura 14). As relações sociais entre esses moradores da “rua principal” e do Pocinho, já discutida por Gomes (2019), apontam que, em certas circunstâncias, os moradores mais antigos não aceitam os mais novos por não terem laços de sangue com eles.

Até porque esse pessoal do Pocinho é um pessoal, digamos assim, eles são moradores porque hoje moram aqui, mas se você for pesquisar mesmo, eles não têm muitos vínculos familiar com o pessoal daqui não. São pessoas que chegaram recente, né, que conseguiram através de alguém que mora aqui uma casa, um aluguel aí, mas que não são moradores daqui (Alisso, entrevista realizada em 28 de maio de 2019).

A não aceitação desses moradores também estaria ligada a um julgamento “moral e formal” feito pelo estado das vielas do Pocinho e pelo tipo de construção das casas. Conforme nota Gomes:

Retomando a questão do estigma do Pocinho, havia um forte discurso dos moradores das ruas principais atribuindo aos moradores deste microterritório características como falta de educação formal e moral, comportamentos considerados desordeiros, agressivos, dentre outras ideias carregadas de valoração negativa. Pude perceber ao longo dos anos que as características atribuídas aos microterritórios espacialmente eram trasladadas para as pessoas que neles habitavam. Desta forma, como no Pocinho estavam localizadas as casas mais simples e havia maior número de vias estreitas, lá os carros de serviço público não podiam passar e se observava realmente o acúmulo de lixo. Assim, as famílias que se encontravam nas ruas ditas

principais consideravam que aquela área era mais suja e desorganizada, como o seriam os moradores de lá (2019, p. 125).

Como um dos maiores problemas que os moradores da localidade relatam é falta de saneamento básico, a maioria das casas despejam seus dejetos diretamente no riacho, onde bem próximo estão as casas do Pocinho. Um morador da rua principal relatou as dificuldades pelas quais passam aquelas pessoas.

Qual é o maior problema do Poço da Draga hoje? Saneamento básico. E é exatamente onde está maior parte deles, assim, é onde está o Pocinho, aqui atrás e que todo o esgoto nosso escoar aí. A gente não tem um tratamento de esgoto aqui, não tem. Então, fez, deu descarga daqui automaticamente a merda desculpa, eu falar, já vai lá para trás e de lá ela some ou se degrada, enfim, não sei. E aí para mexer com eles, com a residência deles, obviamente. Até porque eles estão assim se você for pegar um mapa do Google Earth você vai ver que estão mesmo no miolo, assim (Alisso, entrevista realizada em 28 de maio de 2019).

Segundo os residentes do Poço da Draga, o Pocinho era comumente visitado por eles, mas seria depois da instalação de novos moradores⁵⁷ e do tráfico de drogas que passou a ser evitado por muitos moradores da Rua Viaduto Moreira da Rocha, a rua principal, e das outras ruas da localidade. A questão do tráfico no Pocinho fica mais evidente quando tentam buscar melhorias para aquela área.

São pessoas mesmo da pesada, assim né. A gente tem uma dificuldade muito grande de acessá-los. É exatamente por isso, porque eles causam medo. Eles mesmos se fecham e a gente não conhece, não sabe quem são essas pessoas. No dia mesmo que eu fui lá com o pessoal da Fanor [Faculdade do Nordeste], eu vou até falar mais baixo [baixando o tom da voz], e aí a gente entrou e os meninos queriam conhecer a parte que entra pro Pocinho mesmo. Eu me desliguei total e quando eu pensei que não [eles] já tavam do lado da bocada. E aí um deles veio até nós e perguntou: o que é que tá acontecendo aí? Sentiram um pouco incomodados, como é que chega aqui um horror de gente ali e tal. Então eles se sentiram meio... Tinha um deles que tava até encapuzado, talvez para não ser reconhecido porque eles [os alunos] estavam batendo foto. E aí eu fiquei "Ai meu Deus e agora, o que é que eu faço?" [risos] Só que aí eu expliquei para ele que eu era morador, filho de fulano de tal, que a gente morava aqui, que a gente tava fazendo uma pesquisa sobre o lixo, como é que tá e os meninos queriam conhecer como era a passagem do riacho. Ele disse: 'então beleza'. Aí pronto, aí foi um susto inicial e aí depois um deles veio quando a gente estava indo embora. Aí ele disse até: olha, se você quiser traz o material, traz o cimento e tudo, que a gente chama a galera aqui, que a gente faz aqui o saneamento. Eles têm vontade de que aquilo melhora. Só que primeiro existe o problema do acesso até eles e depois existe o problema do próprio recurso para isso ser feito, porque lá eles moram realmente na merda mesmo, me desculpa falar. [...] E

⁵⁷ Principalmente com o advento do Centro Multifuncional de Feiras e Eventos do Ceará (CMFEC) no fim da década de 1990 e da possibilidade de receber um apartamento doado pelo Governo do Estado. Sobre o CMFEC ver Capítulo 3.

aí no próprio Conselho da ZEIS, nas discussões isso sempre vem à pauta, porque a gente sempre fala assim: quem é que vai acessar essas pessoas? A gente que é da comunidade, se a gente vai até eles para uma intervenção de remoção, de qualquer outra coisa, de limpeza, a gente vai automaticamente se expor e, para nós, isso não é legal. Porque afinal de contas a gente tá lidando com pessoas que lidam com tráfico que, enfim a gente sabe de todo o processo, como é que isso se movimenta. E aí até então, a gente sabe que se chegar esse momento, de acontecer esse diálogo e aí alguém vai tomar conta disso, talvez mediar isso para gente, mas é sempre um problema que vem à tona (Alisso, entrevista realizada em 28 de maio de 2019).

Em outras palavras, a questão do acesso às pessoas esbarra no ato ilícito que alguns moradores do Pocinho praticam. Mesmo que sua maioria deseje uma melhoria no local, o anonimato de alguns sobrepõe-se a esse desejo. Por vezes é preciso realizar a limpeza no riacho, sendo necessário conversar com os moradores das margens, informando que se eles não deixarem a Prefeitura trabalhar, é possível que a polícia os acompanhe para a realização da limpeza. Alguns moradores, geralmente os mais antigos, ou a presidente da Velaumar realizam essa intermediação.

Outro fato citado por Alisso é que os residentes do fim da Rua Gérson Gradvol, logo após a entrada pelo restaurante L'ô, geralmente estão à margem do que acontece no resto da comunidade, sendo considerados os menos engajados em qualquer tipo de atividade ou ações realizadas no Poço.

[...] porque muitas pessoas, senão a maioria, nem está sabendo desse negócio que tá acontecendo da ZEIS, desse movimento todo e tudo. Algumas pessoas sabem e ficam perguntando, mas no geral, sobretudo, a parte mais de lá, né, que é sempre a parte mais crítica e sempre a mais esquecida. [Que "lá" é esse?] O "lá" é... Sabe ali a entrada do L'ô [restaurante]. Pronto, você entra ali pelo L'ô, tem uma parte da comunidade para lá, segue o trilho e vai na INACE, na [rua] Gérson Gradvol. Aquela parte ali é sempre mais esquecida, sempre foi, já é uma coisa assim... Que é um problema antigo, digamos assim, interno nosso, que o pessoal lá é sempre mais esquecido mesmo e eu reconheço isso. Quando acontece uma coisa, é sempre para o lado de cá, e lá fica sempre mais esquecido. Então, eu acredito que deveria ter uma intervenção maior, uma aproximação maior com o pessoal de lá. Eu falo isso porque uma vez eu fui, inclusive, visitar o L'ô com o pessoal da Fanor [Faculdade do Nordeste] que a gente foi fazer uma visita né na comunidade e tudo e aí eu parei lá e aí um determinado morador me parou e soltou o verbo comigo. Eu fiquei até um pouco envergonhado, porque ele falava exatamente isso que as coisas não chegam lá, que o pessoal fica meio esquecido e tal. E eu internamente tive que concordar com ele [risos] (Alisso, entrevista realizada em 28 de maio de 2019).

Diferentemente do Pocinho, os moradores dessa rua, Gérson Gradvol, estão em condições semelhantes de moradia, em relação aos residentes da Rua Viaduto Moreira da Rocha. Contudo, como visto na fala do morador acima, apesar das reclamações, as informações não chegam ao fim da rua supracitada, aumentando o sentimento de não pertencimento ao local, por não se sentirem incluídas nos acontecimentos do Poço da Draga.

Em *Estabelecidos e Outsiders*, Norbert Elias e John L. Scotson discutem as relações de poder de uma comunidade fictícia de Winston Parva, na Inglaterra, explicando como seus residentes foram capazes de “monopolizar as oportunidades de poder e utilizá-las para marginalizar e estigmatizar membros de outro grupo, muito semelhante e a maneira como isso é vivenciado nas ‘imagens de nós’ de ambos os grupos, em suas auto-imagens coletivas” (2000, p.13). De forma muito análoga, observei na comunidade do Poço da Draga que a manipulação de oportunidades de poder é feita por um pequeno grupo de pessoas e entidades, deixando alguns moradores de fora.

Os conflitos internos, como os expostos aqui, apresentam a heterogeneidade do local. Mesmo que isso ocorra apenas no nível dos discursos, sua importância não perde em efeitos, sendo sempre enfatizada a união da comunidade, de ajuda mútua, como uma das características dos moradores dali. Na fala de uma antiga moradora, “o bom daqui [do Poço] é que aqui as pessoas se ajudam, todo mundo se ajuda” (Violeta, fala dos Guardiões da Memória em 25 de maio de 2019). Esse sentimento é reiterado por outra moradora que acredita na união das pessoas do Poço da Draga:

Unida assim, né, de um ajudar o outro quando tá precisando. Por exemplo, quando morre uma pessoa e não tem dinheiro, a gente sai fazendo uma vaquinha para comprar o caixão. Se uma pessoa ali carente acabou o gás e não tem gás, a gente faz uma vaquinha e compra o gás. No meu caso, porque aqui já é de praxe, uma pessoa se cortou ali, se feriu “vai, vai lá na Ivoneide que ela faz um curativo”. Aí vem aqui, eu já tenho material e já faço o curativo, e eu não cobro, sabe? Então é assim que a gente se ajuda. As pessoas acreditam muito assim em mim, modéstia à parte, assim para um conselho. Assim, “Gardênia, tu sabe onde fica a rua tal, tal” essas coisas assim. Pessoal acredita muito na gente (Gardênia, entrevista em 28 de maio de 2019).

A união do Poço da Draga também ocorre quando há uma necessidade de proteger o lugar de moradia ou da busca de uma melhoria, como já narrado aqui, na questão da aquisição da luz elétrica e do abastecimento d'água. Rugas e conflitos são postos de lado, em algum momento, quando há um motivo para buscar algo que será bom para todos.

Percebi a heterogeneidade de moradores no Poço da Draga, seus conflitos e entendimentos, a colocação dos estigmas no outro e até mesmo o reconhecer que há áreas que não são lembradas pelas pessoas que fazem o movimento na localidade. De ambas as partes, moradores do Pocinho e da rua principal desejam a melhoria do local: a limpeza do riacho e o saneamento básico, mas esbarram quando o ilícito e o medo andam juntos. Um lado teme o outro, ainda que não admitam, os temores são recíprocos. Medo esse que foi bastante enfatizado na análise de Elias e Scotson (2000), em Winston Parva. O medo estava profundamente enraizado naquela figuração social, de forma semelhante ao que observei em campo.

No capítulo seguinte, abordarei os motivos pelos quais ocorreu a criação da ONG Velaumar, atuante no Poço da Draga desde 2004. Tratarei também dos aniversários da comunidade que são organizados pelos moradores, a Velaumar e o ProPoço, dentre outras entidades, como meio de dar visibilidade à comunidade e também como forma de criação de uma tradição.

3. DE “VELA AO MAR” A VELAUMAR

3.1 A história antes da fundação da Velaumar

Na década de 1980, alguns moradores se reuniram para resolver o problema de abastecimento de água no Poço da Draga e, com a orientação do pároco da Diocese de Fortaleza, fizeram os trâmites para levar água ao Poço. “Então, o Padre [...] e a gente formamos uma Associação dos Moradores, e daí a gente começou a fazer os pedidos, até que nós conseguimos a água” (Entrevista realizada em 16 de agosto 2002 *apud* OLIVEIRA, 2006, p. 54).

A criação da Associação dos Moradores foi um dos marcos da história do Poço da Draga como consequência de um “evento catalisador” (SANTOS, 1981): a falta de água potável. Por conseguinte, formando um movimento que pleiteou junto ao Poder Público, conseguindo suprir a demanda.

O apoio da Igreja Católica à criação primeiramente da Associação dos Moradores e depois da Velaumar se faz parecido com a de tantas outras organizações não governamentais que surgiram pelo País no início da década de 1980. Ela também atuava diretamente, mantendo a escolinha Comandante Fernandes Cavalcante, como também com os ritos católicos – missas, batizados, casamentos –, sendo uma fonte de valores morais junto aos moradores.

No início da década de 1990, a fundadora da Velaumar chegou ao cargo de presidente da Associação dos Moradores do Poço da Draga (AMPODRA), a convite do ex-presidente e criador da mesma, o Sr. Craveiro. Este senhor revezava a presidência da associação com pessoas de sua própria família⁵⁸.

Segundo um componente da diretoria da ONG, o ex-presidente disse na época estar muito cansado e velho para atuar. Então, convidou a Dona Orquídea para concorrer à presidência da AMPODRA, pois ele a considerava uma mulher muito respeitada e de pulso forte na localidade.

E aí [em] [19]90 [...]. O [presidente da associação] vai lá em casa [e] pede para ela assumir [...] ‘porque aqui tem que ser uma mulher mesmo’ [...]. Ele via que ela botava a ordem lá em casa nos meus tios. Ela botava moral na casa e na rua também. Se tivesse alguém brigando na rua e se ela visse que estava tendo injustiça, ela ia pra cima e metia a peia. É. Então, as pessoas começaram a perceber nela um diferencial [...]. Porque houve um caso aqui

⁵⁸ É possível observar que existe uma centralidade da família em muitas organizações do Poço da Draga

do seu Cajá. Um [de seus] genros quis espancar ele. E esse genro era um dos homens mais temidos daqui. E nesse dia ele meteu a peia [bateu] nesse senhorzinho, um velhinho mesmo. Aí a minha mãe foi para cima pegou um pau e meteu a peia nele e aí no outro dia ele: 'quem é aquele cabeludo que deu em mim, quem é?' [...] Aí o pessoal da rua 'não foi homem não, foi a Orquídea'. Então, as pessoas viam nela essa força mesmo que mulher não tinha (Azaleia, entrevista realizada em 14 de abril de 2018).

Segundo entrevistas realizadas pela pesquisadora Heloísa Oliveira (2006), a gestão do senhor Craveiro foi muito elogiada pelos moradores: “[Ele] era uma pessoa muito boa, não quero dizer que a Orquídea seja má pessoa, mas o outro, [Craveiro], era uma pessoa muito educada, uma pessoa muito boa. Ele morreu, justamente depois dele, ela assumiu” (Margarida, entrevista realizada em 2 de outubro de 2002). O apoio ao seu Craveiro é também notório na fala deste entrevistado:

[...] então, quando o Gonzaga Mota ganhou [a eleição para governador do estado do Ceará, em 1984] ele batalhou e junto com os outros diretores e a ajuda do presidente que era o Craveiro, na época, conseguiu colocar água encanada nessa comunidade, através do mutirão comunitário e também melhorar a parte de esgoto dentro da comunidade (Girassol, entrevista realizada em 01 de novembro de 2003).

O fato de Orquídea ter sido eleita presidente da associação não quis dizer que ela teve o apoio total dos moradores do Poço da Draga, assim como teve o mandato do presidente da gestão anterior, seu Craveiro. Segundo relatos colhidos na época, ouvia-se como argumentos de oposição ao seu mandato algumas acusações, a exemplo de “moradora novata” e “analfabeta” a “objeto de manipulação”:

[...], porque [Dona Orquídea] não chegou a ter tantos anos aqui, dona Orquídea é uma pessoa nova aqui na comunidade, apesar dela ter passado praticamente oito a nove anos, não foi dez anos no poder, ela tem praticamente oito anos na comunidade, esse oito anos é, para mim, muito pouco, ela é praticamente uma pessoa que chegou ontem. Só eu tenho 33 [anos de moradia], e tem gente que tem muito mais. Então, ela chegou praticamente ontem na comunidade, ela é uma pessoa nova (Girassol, entrevista realizada em 01 de novembro de 2003).

A Associação foi fundada em 1984, só que essa senhora, dona Orquídea, chegou aqui, em estado de miséria. Eu acho que vinha de despejo, e o irmão dela morava aí. Segundo me consta, ela parece que tomou a casa do irmão, e tinha dois quatinhos que foram doados para ele, era um para cada irmão. [...] Ela quer ser a dona, ela não é a dona, ela não manda nada aqui. Isso aqui é patrimônio nosso, eu sou patrimônio. O que é patrimônio? É aquela pessoa que herdou bens materiais ou imateriais, e laços afetivos. Eu herdei, ela não herdou nada aqui. Ela tem dez anos [de moradia no Poço da Draga]... ela está querendo furtar [...]. Estou me articulando contra [a proposta de remoção da comunidade], porque a líder comunitária [Orquídea], não tem condições de ser líder, por que ela é analfabeta, é uma mulher que não tem... Ela está sendo manipulada, juntamente, com o [Coordenador da Temática

Terra do Centro de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos – CDPD] que está conivente com ela (Cravo, entrevista realizada em 27 de abril de 2002).

Dona Orquídea teve uma vida de privações. A filha dela, atualmente diretora da ONG Velaumar e moradora do Poço da Draga relatou um pouco sobre a sua família. Seu bisavô era português e sua bisavó era uma ex-escrava, ela veio do Crato e ele era natural de Maranguape. Azaleia não sabe muito bem como, posteriormente, seus bisavôs foram morar no Poço da Draga. Ela também não soube precisar quantos filhos eles tiveram, mas uma de suas filhas casou-se com um mestre de obras e tiveram 15 filhos e um deles, sua mãe. Muitos dos irmãos de Orquídea morreram de tifo. Quando criança, gostava de brincar com os primos, de jogar bila (bola de gude) e pular da Ponte Metálica. Ela estudou até o quarto ano primário, mas as dificuldades financeiras não a deixaram continuar os estudos. Dessa forma, aos oito anos de idade, fora trabalhar como doméstica, sendo esta a sua profissão durante muito tempo de sua vida.

Segundo Azaleia, Orquídea mesmo com pouca idade tinha a compreensão de que precisava ajudar em casa. Por volta dos 12 anos, Orquídea nadava muito bem e tinha o hábito de nadar à noite e, por isso, tinha o apelido de Coruja. Mas seu nado noturno tinha uma razão: a de buscar o “linguado”, ou seja, mercadorias que caíam dos navios que aportavam no Porto do Mucuripe e se davam por perdidas. Acompanhada de seus primos, ela mergulhava para recuperar essas mercadorias que ajudariam nas despesas de casa.

Ao se casar, Orquídea foi morar em outro bairro e teve oito filhos. Contudo, a separação foi inevitável:

[Ele] teve muitas mulheres quando ele morava com a minha mãe. Ele foi embora, a minha mãe tinha 30 anos. Deixou ela com oito filhos, praticamente, foi viver a vida dele, entendeu? E teve outros filhos lá e a minha mãe teve que dar continuidade à vida dela. Porque tinha oito pessoas que dependiam exclusivamente dela e ele não dava pensão até porque, naquela época, a mulher não tinha muita força como hoje. Se hoje está difícil para mulher, eu imagino esses anos todos aí atrás, né? Até o CPF dela, quem tinha o CPF era ele. Ela não tinha CPF. E aí ela teve que ir ralar mesmo (Azaleia, entrevista realizada em 14 de abril de 2018).

Orquídea volta a morar no Poço da Draga entre as décadas 1970 e 1980, após a separação. Primeiro, na casa que era de sua mãe, onde já coabitavam outras três famílias e, depois, seus patrões compraram uma casa para ela e seus filhos, na Travessa CIDAIO, também no Poço da Draga.

Ela foi trabalhar na casa dos M. Dias Branco⁵⁹, é tanto que eles são meus padrinhos. E aí a minha mãe chegou muito cedo lá na casa deles, trabalhou lá durante muito tempo com eles. [...] E eles [os patrões] compraram uma casa para ela que era ali na [na Travessa CIDAIO] [...] Por que a gente morava tudo na casa da [minha] avó [...] na antiga [sede da] Velaumar. (Azaleia, entrevista realizada em 14 de abril de 2018).

Após a morte de sua mãe, Orquídea vendeu sua casa na Travessa Cidal⁶⁰ e com a saída de alguns de seus irmãos da casa de sua mãe, ela e sua família puderam se instalar na residência, se estabelecendo de vez no Poço da Draga, para não mais sair.

Essa trajetória de vida de Orquídea serve para mostrar um pouco da pessoa que assumiu a presidência da AMPODRA, no início da década de 1990. Como citado anteriormente, a senhora se candidatou a convite do então presidente da Associação, passando cerca de 10 anos à frente da entidade em sucessivas eleições. Em sua primeira gestão, ela escolheu apenas mulheres da comunidade para compor o quadro administrativo: “Essas mulheres eram muito próximas da minha mãe, [...], ela gostava muito de estar com elas” (Azaleia, entrevista realizada em 06 de abril de 2015).

E aí ela montou [o quadro]. [No] primeiro momento ela chamou só as mulheres [para a] diretoria dela. [...] Eram dez mulheres. [...] [Orquídea] pega cada mulher de cada rua [...] A Dona Amarílis lá da Rua Gérson Gradvol. Ela chama [...] a Dona Calêndula. Lá da [Rua] Guilherme Blum [...]. Ela chama a Dona Gérbera lá da Travessa Estaleiro para dentro da associação. Então, ela vai trazendo pessoas de outras vielas para compor a associação. [...] Quando as pessoas vinham [dizendo:] ‘ah Orquídea não dá certo...! [Orquídea respondia a pessoa:] ‘Cadê a sua representante lá da rua tal? Eu não vou poder estar 24 horas fazendo as coisas da comunidade, porque eu tenho que comer e dar de comer aos meus filhos. [...] Então, ela começou a dar responsabilidade e descentralizar essa liderança dela dando corpo a essa associação. Então uma coisa que ela começou e [ela] passa 10 anos sendo eleita (Azaleia, entrevista realizada em 14 de abril de 2018).

Orquídea também buscou durante os seus mandatos estabelecer contato com o Poder Público. Segundo Azaleia, Orquídea fora várias vezes ao gabinete do governador, Tasso Jereissati e, muitas vezes, era uma longa espera. Mas não se deixava abater, levava uma quentinha e ficava na antessala do chefe de Estado à sua espera. Quando possível levava a sua diretoria como comissão:

⁵⁹ M. Dias Branco, na fala da entrevistada, trata-se da família de Manuel Dias Branco, proprietário da companhia homônima atuante no Ceará.

⁶⁰ A grafia da palavra “Cidal” na placa de identificação da via é feita com a letra “L” e não com a letra “O” como no nome da antiga companhia.

Quando [o governador a] recebia, quando ela conseguia... Quantas vezes a mãe falou diretamente com o Tasso, né, assim dizendo: "olha, nós não vamos aceitar". Tanto que no Centro de Feiras e Eventos é a gestão dele, de 2001. [...] Para onde a mãe ia ela levava a comissão dela. E todas elas tinham direito a voz. Não tinha que ser a dona Orquídea não. Tinha que ser todo mundo falando, porque se não falasse quando chegava aqui ela cobrava. "Porque é que você não falou? Eu não posso tá falando... Por que uma coisa eu falar outra coisa é vocês todas confirmarem o que eu estou falando, né, vocês são..." (Azaleia, entrevista realizada em 06 de abril de 2015).

Quando já presidente da Velaumar, ela já havia desenvolvido bons relacionamentos com os órgãos tanto do Governo do Estado quanto da Prefeitura:

[...] quando [Orquídea] era presidente da ONG [Velaumar], ela [...] também já tinha uma relação muito boa com essas secretarias. [...], ela funda a ONG Velaumar, e aí continua fazendo as atividades lá dentro de casa mesmo, [...] [a atividade] vai ser muito essas temáticas, dia das mães, [...] reunião, [...] fazer esse trabalho social de ouvir, participar. (Azaleia, entrevista realizada em 06 de abril de 2015).

Segundo ainda a integrante da diretoria da Velaumar, a fundadora da ONG adquiriu muitos conhecimentos que ajudaram em sua gestão na Associação dos Moradores e, posteriormente, na ONG. Isso teria acontecido, segundo o relato abaixo, quando ela trabalhou como empregada doméstica por mais de 30 anos.

Nunca assinaram a carteira dela, nunca deram os direitos a ela, entendeu? Era como se fosse uma escrava. [...] Ela nunca deixou a gente com outra pessoa, nunca e ela nunca admitiu nós trabalharmos em casa de família. [...] Como eu acho que esse conhecimento da [Orquídea] vem [...] desse povo que ela trabalhava nas casas, tá entendendo? Que apesar de ela não frequentar a escola, mas ela via aquilo tudo, ela vivenciava o conhecimento de outro nível. O povo que pensava os seus direitos, que cobrava desse direito. Então ela foi aí assimilando e isso da casa aonde ele estava. Porque eu não vejo da onde ela tirava tanto conhecimento para ir buscar essa informação lá, a não ser desse local. [...] Dela perguntar ao advogado que tava lá [e] que ela tava com dúvida, ela chegava e perguntava. Da médica, sabe? De uma [...] doença que ela perguntava. Então, ela ia adquirindo esse conhecimento para aplicar e aplicava e dava certo. [...] Mas [Orquídea] era uma mulher muito inteligente, [era] muito à frente dos outros [...] E aí ela traz isso para dentro da comunidade (Azaleia, entrevista realizada em 14 de abril de 2018).

O motivo da fundação da Velaumar não foi uma demanda dos moradores do Poço da Draga diretamente, assim como muitas ONGs que foram criadas no Brasil. Primeiramente, o seu advento se deu devido a conflitos por causa da instalação de

um equipamento na localidade, o Centro Multifuncional de Feiras e Eventos do Ceará (CMFEC)⁶¹. Tal empreendimento seria para:

[...] fortalecer a indústria do turismo, com apoio ao setor turismo de negócios; apoiar o desenvolvimento da indústria cultural local, oferecendo à população os espaços com condições técnicas adequadas às atividades ligadas às grandes reuniões e espetáculos; converter os impactos urbanos decorrentes de sua construção para criar condições efetivas para a viabilização de operações de revitalização com benefícios ao conjunto da população; melhoria das condições de recepção a visitantes, reforçando a imagem urbana e a memorabilidade da cidade e obtendo como resultado o incremento de sua competitividade como destino turístico (SEINFRA, 2001, p. 01 *apud* OLIVEIRA, 2006, p. 67)

Para implementar o projeto era necessária a remoção total dos moradores para um quadrilátero na Praia de Iracema (OLIVEIRA, 2006). Houve um cadastramento dos moradores e a entrega simbólica de chaves aos mesmos, ambos realizados pelo Estado. Segundo uma diretora da Velaumar, isso foi feito propositadamente pelo Governo do Estado para provocar desavenças entre os moradores.

[O CMFEC] veio para criar discórdia dentro da comunidade. [...] O projeto ele foi tudo pronto, as pessoas receberam [uma] carta como se fosse, simbolicamente, a carta do registro da casa de cada um, das suas moradias. A gente chegou a ter solenidade nos passando o nome do apartamento, sabe, a chave. Menina, foi uma coisa assim, majestosa. [...] O governo na época mandou que a comunidade escolhesse alguns lugares para ser deslocada. Então, a diretoria como os moradores entraram num consenso e teve várias reuniões com os Direitos Humanos⁶², com o pessoal da Igreja [Católica] e o local que a comunidade colocou seria naquele quadrante que hoje é a Caixa Econômica e o Ministério Público. Seria assim [entre à Rua] Senador Almino, Rua Dragão do Mar, [Rua] Almirante Jaceguai, a [Rua] Pessoa Anta. [...] E aí aquele quadrante ali era o único lugar que a gente aceitaria para uma negociação. Lógico que o Estado nunca iria querer, né? Já pensou o lugar mais nobre, um vizinho olhando para o [Centro] Dragão do Mar, uma favela olhando para o Dragão do Mar? (Azaleia, entrevista realizada em 14 de abril de 2018).

⁶¹ “Em outubro de 2001, os moradores do Poço da Draga são comunicados da proposta do Governo de construir o Centro Multifuncional de Feiras e Eventos do Ceará no local da ‘favela’. Tal projeto envolveu quatro consórcios, formados por 14 escritórios de arquitetura locais, consultores internacionais e professores da Universidade Federal do Ceará. [Previa] o aterro de 19 hectares do mar da Praia de Iracema [...], sendo o seu custo estimado em R\$ 200 milhões, oriundo de verba do Programa de Desenvolvimento do Turismo, através do financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). O novo centro contaria com 55 mil m² de área construída, abrangendo um mega-teatro para duas mil pessoas, jardins, auditórios, quadras esportivas e espaço para exposições” (OLIVEIRA, 2006, p. 63). O CMFEC foi construído na Avenida Washington Soares, na zona Sudeste de Fortaleza, distante do litoral.

⁶² Centro de Defesa e Proteção dos Direitos Humanos da Arquidiocese de Fortaleza (CDPDH).

As negociações não avançaram pela divergência da escolha da localidade entre o Estado e o Poço da Draga, além dos conflitos internos dentro da localidade. O Governo do Estado também apresentou a possibilidade aos moradores de se estabelecerem na Avenida Leste-Oeste, em frente ao Hotel Marina Park:

Assim [...] eles queriam mandar a gente lá para... em frente ao [Hotel] Marina Park no espaço daqueles galpões. “Não, nós só podemos negociar com vocês se for aquele quadrante”. E cinicamente, o Estado aceitou. Vírgula, né? É, porque aí eles fizeram toda aquela... Foi uma festa mesmo, sabe? [Eles disseram:] “Está aqui simbolicamente o seu apartamento, é no primeiro andar. A gente vai beneficiar o coabitado, o agregado, a pessoa que mora de [...] doação, o inquilino”. Minha filha tudo era um sonho. Resultado: para você ver, quando o Estado quer, ele cria a discórdia. O sonho era tão lindo, tão maravilhoso que as pessoas que moram dentro da comunidade queriam trazer os filhos que casaram e foram morar em outros bairros para dentro [do Poço] e queria que tivessem direito, como se eles estivessem morando aqui. Aí veio a discórdia. Por isso a [Orquídea] se ausentou da Associação (Azaleia, entrevista realizada em 14 de abril de 2018).

Na época da pesquisa realizada por Heloisa Oliveira (2006), os moradores acusaram a então presidente da Associação dos Moradores de favorecer as pessoas de sua família, enquanto outras a defendiam, como podemos ver nas falas:

[...] Porque ela [Orquídea] está querendo trocar nosso pedaço, em troca de 30 boxes no centro de convenções. Quer dizer, ela chegou aqui miserável, está com dez anos que ela chegou aqui, se apropriou do livro, que livro da associação não é comércio. É para se prestar serviço para a comunidade, coisa que ela nunca prestou. E nem tampouco, ela nunca sequer prestou conta do que fez (Cravo, entrevista realizada em 27 de abril de 2002).

[...] Quando foi para cadastrar as pessoas para aquele projeto do Centro Multifuncional, ela colocou quem ela quis. O filho dela que não morava aqui, ela cadastrou. Quando eu fui lá falar em favor de uma vizinha minha, ela me disse que quem mandava ali era ela, e não ia cadastrar [...] (*apud* OLIVEIRA, 2006, p. 56).

É um trabalho que não agrada a todos, agrada a uns e não a outros. Orquídea pode batalhar, pode fazer, o impossível, tanto ela como os membros, uns ela vai agradar, e outro ela não vai agradar. Então, é um trabalho meio difícil, trabalhar com o ser humano. Por que ela vai lutar pelo melhor, mas vai já vai ter pessoa que vai entender que não é o melhor, que ela está querendo para ela. E vai ter pessoa que vai entender totalmente diferente. Trabalhar com pessoas é um negócio difícil” (Petúnia, entrevista realizada em 27 de março de 2003).

Como anteriormente informado, a futura fundadora da Velaumar ficou no cargo da presidência por 10 anos, até 2003, quando houve novamente eleições para compor o quadro administrativo da Associação dos Moradores. Entretanto, ela perdeu. Os motivos teriam sido boatos espalhados pelo candidato da chapa concorrente, de que a ex-presidente da Associação seria a favor da remoção dos moradores, além de

que teria favorecido inscrições aos seus familiares (OLIVEIRA, 2006). Os conflitos causaram um desgaste na imagem de Orquídea. Pelo relato da diretora da Velaumar, os boatos teriam partido da diretoria da Associação que, na época, se voltou contra Orquídea:

O próprio grupo da diretoria se revoltou contra a presidente [a Orquídea], porque queriam o benefício para os filhos casados que moravam em outros bairros. [...] O Estado [disse] que era aquele quantitativo de apartamento e pronto e só poderia ceder para quem estivesse aqui no momento do cadastro (Azaleia, entrevista realizada em 14 de abril de 2018).

Ainda segundo o relato da diretora, o Governo do Estado teria, em algum momento, aberto a possibilidade de que outras pessoas que não estavam morando ali, se beneficiarem com a moradia: “Foi o próprio Estado mesmo que colocou isso, a possibilidade... E aí depois disse que não [...]. Era exatamente para enfraquecer a luta” (Azaleia, entrevista realizada em 14 de abril de 2018).

Em novo pleito, em 2005, já como fundadora da Velaumar, Orquídea perde novamente as eleições e não mais se candidatou ao cargo,

A [Orquídea] foi humilhada, acusaram até de roubo, sabe? Mas [ela] disse: ‘olha, puxa minha ficha, verifica onde eu roubei. Vocês sabem, vocês são da diretoria, a tesouraria tem uma tesoureira, a diretoria tem uma vice-presidente, então chama todo mundo, puxa aí de um dos órgãos onde é que entra o recurso, onde foi que eu me apropriei de algum apartamento para poder auto beneficiar minha família. [...] Ela dizia assim: ‘olha, se você me acusar, você vai ter que provar. [...] É você que está me acusando, busque prova e eu vou atrás de me defender de acordo com os anais jurídicos’. (Azaleia, entrevista realizada em 14 de abril de 2018).

Esses fatores foram capitais para a sua decisão de criar uma organização que também atuasse concomitantemente com a Associação dos Moradores, mas não em parceria com esta. Além dos motivos citados, a outra razão seria porque a fundadora da Velaumar quis dar continuidade aos seus trabalhos de ação social no Poço da Draga (OLIVEIRA, 2006).

Com esse desfecho, Orquídea passou a se dedicar exclusivamente à sua nova organização, a ONG Velaumar, inicialmente promovendo a distribuição de cestas básicas e realizando festinhas, tais como dia das mães e dia das crianças no Poço da Draga (OLIVEIRA, 2006).

A denominação “Velaumar” surgiu depois de sugestões dadas por um de seus apoiadores (aqui o chamaremos de Tagete), na época, do Comitê dos Direitos Humanos da Diocese de Fortaleza. Uma diretora da organização esclarece:

O [Tagete] nos trouxe dois nomes: um dos nomes é indígena e outro que era o Velaumar. [...] [o nome indígena era] Tribo Tremembés que ele falava muito nessa tribo. Mas aí, a gente não viu essa relação com a comunidade. E aí Velaumar tem tudo a ver, o mar, né? E uma das coisas que ele colocou foi que esse nome era uma forma que o pescador colocava. Porque ele era um estudioso também na área [...] na área dos pescadores. E aí ele dizia que era a forma que o pescador [dizia] quando a embarcação [entrava] no mar, era a forma como ele falava: 'vela ao mar', né? Então, a gente achou por bem e merecido esse nome. [...] [foi ele que] batizou. Então, a gente tem que fazer jus a quem de direito, né? E ele nos auxiliou muito, muito mesmo (Azaleia, entrevista realizada em 06 de abril de 2015).

Outras pessoas, que prestavam serviços à Arquidiocese, como advogados, também assessoravam os moradores e, posteriormente, fizeram o mesmo à Velaumar, no início da sua criação, como mostra o relato da diretora da organização:

Na época [em que] [Orquídea] fundou a ONG Velaumar ainda trabalhavam conosco o pessoal da Arquidiocese de Fortaleza [...]. O Sr. Tagete. é uma das pessoas que trabalhava na Arquidiocese e nós tínhamos essa relação muito próxima. Foi ele que nos ajudou no estatuto da ONG, foi ele que nos orientou como proceder na certidão negativa [...]. Foi ele que nos orientou a ir [às] secretarias, fazer o cadastro. [...] Dr. S. era advogado [...] da Diocese. [...] E aí essas pessoas nos auxiliaram muito. Foram eles que deram a base do corpo da ONG Velaumar. E aí a [Orquídea] já desenvolvia alguns trabalhos temáticos na comunidade, desde a parte de moradia, [...] educação, manifestação, as festinhas do dia das mães, a festinha do ano novo (Azaleia, entrevista realizada em 06 de abril de 2015).

Vale lembrar que a Diocese de Fortaleza também influenciou a criação da Associação dos Moradores do Poço da Draga que surgiu nos anos 1980 (OLIVEIRA, 2006) quando os moradores, juntamente com o pároco da Catedral, conseguiram água encanada para a localidade, como já mencionado. Atualmente a Diocese de Fortaleza não participa das atividades de movimentos sociais do Poço da Draga. Um dos motivos desta ausência é o aumento das religiões pentecostais ou evangélicas na localidade. Contudo, a ONG ajuda a promover as reuniões de batizado das crianças do Poço da Draga.

A AMPODRA continuou seus trabalhos. Após a derrota de Orquídea nas eleições de 2005, foram eleitos outros três presidentes. Jacinto (2005-2009), Prímula (2009-2010) e Cravo (2010-2014). Aqui, trago algumas falas dos moradores sobre suas visões dos mandatos citados. "A associação, aqui era dona Orquídea, depois passou para o Jacinto e continuou a mesma coisa, não estou vendo vantagem não. Não fazem reunião" (Zínia, entrevista em 08 de outubro de 2005).

Hoje [2005] eu vejo a associação trabalhando, hoje eu vejo o que é associação dos moradores, não quero criticar ninguém, mas hoje vejo o trabalho, o apoio, eu nunca pensei que eu fosse ter o apoio de uma associação de moradores, por que eu só via o nome, só sabia que tinha, mas não que funcionava. Esse prédio, ninguém usava esse prédio, ele não funcionava. Com a nova direção, a associação, esse prédio passou a funcionar mesmo. Toda pessoa que precisa de um espaço para fazer um trabalho pode utilizar o prédio, a iluminação daqui do campinho, funciona aqui do lado da pracinha, essa associação conseguiu. Eu acho que eu que tive um apoio, eu posso falar de uma associação que hoje ela funciona. (Jasmim, entrevista realizada em 24 de maio de 2005)

Só tem mesmo o grupo delas [Velaumar], que eu conheço só, da associação mesmo, eu não vejo... O presidente era muito bom, no começo, prometeu isso e aquilo, não sei o que é que houve, a gente pouco vê ele, a gente não vê o trabalho dele, reunião, nada. A gente não vê trabalho dele em nada. No começo era muita empolgação e tudo, mas foi só empolgação. (Anêmona, entrevista realizada em 01 de novembro de 2005).

Aí depois vem a Prímula (2009-2010). A Prímula [foi] presidente, [foi] eleita. E aí ela... A galera faz a impugnação da gestão dela [...]. Mas eu não entendi [o motivo], eu sei que houve uma impugnação. Aí depois vem o Cravo também [2010-2014] (Azaleia, entrevista realizada em 14 de abril de 2018).

É, que era o Cravo, ele... Eu não sei porque ele se meteu nisso porque ele nunca trabalhou para comunidade, aí foi definhando, definhando e acabou. Então isso desmotivou as pessoas, né. Foi aí que a Azaleia, que também a ONG tava quase esquecida, aí foi aí que ela sentiu necessidade de botar a ONG, não mais a Associação, mas outra coisa para lutar pela comunidade que é o que tá acontecendo agora. O que é o único meio que está sendo utilizado para mover a comunidade seja cultural, seja ação social. Então ela tá aí trabalhando, a gente ajuda, eu não faço parte da ONG, mas a gente ajuda. A gente colabora (Gardênia em 28 de maio de 2019).

As falas dos moradores apontam que na gestão de 2005, depois da metade do ano, houve uma redução no número de reuniões na Associação deixando-os desmotivados. A disputa pela liderança ocorria através das ações que as entidades realizavam. As duas organizações trabalhavam paralelamente, sendo isso também parte das críticas pelos residentes. Aparentemente, esse fato poderia ser um grande benefício para a comunidade, mas não de acordo com um morador:

Eles desenvolvem as atividades com as crianças lá, [...] aquela história, por que não ser aqui que está sendo a sede da associação? Por que não ser aqui para que as pessoas vejam que é aqui. Vamos todo mundo para lá, é um direito que a gente tem [...]? A associação está ali para lutar pela gente, vamos, aí acaba por que? Um grupinho faz um trabalho bem aqui, outro faz bem ali e a criança acaba sendo prejudicada, porque onde ela aprende mais ela está indo menos, sabe? (Iris, entrevista realizada em 30 de maio de 2005)

Entretanto, um acontecimento em agosto de 2011 deixou a ONG Velaumar sem atividades, durando até 2012. Sua presidente-fundadora falece. Os conflitos que

ocorreram entre 2000 e 2004 devido ao Centro Multifuncional e, mais recentemente, outra ameaça de remoção surgia, tornando-se mais concreta a cada mês, o Acuario Ceará, todos esses fatos já explicitados aqui, deixaram sua filha, Azaleia, refletindo o que deveria fazer com a entidade após a morte de sua mãe, se deveria continuar as atividades da Velaumar ou fechá-la de vez.

Suicídio: Eu nunca pensei. Deus me guarde. Mesmo com a perda da minha mãe, fiquei triste, fiquei doente, fiquei deprimida, passei mais de 20 dias sem dar notícia a ninguém. Não apareci no trabalho, não queria ver ninguém. Mas foi um momento de... reflexão, de fazer valer tudo o que a minha mãe viveu, me ensinou. Eu teria que dar continuidade. Por isso é que eu desenvolvo as ações e mais algumas coisas que ela fazia na ONG. Porque a gente só tá bem se o outro está bem. Você não está aqui por acaso, você tá aqui para contribuir para que essa sociedade seja mais humana e nós estamos perdendo essa humanidade (Azaleia, entrevista em 14 de abril de 2018).

Com o passar dos anos, a AMPODRA perde espaço diante da desconfiança dos moradores devido à falta de reuniões que serviam como lugar comunitário, de discussões e escolhas de lutas. A entidade perdeu a confiabilidade por parte dos moradores e em 2014, a associação, após o mandato de Cravo, fecha suas portas.

Não tem mais Associação não, foi dissolvida praticamente pelos próprios moradores. O presidente que ficou, ele era sozinho. Ele se dispersou do pessoal da diretoria e ele ficou sozinho, ele botou uma placa ali na casa dele. Quando passou os quatro anos do mandato dele que foi agora no ano passado [2014], ele tirou a placa e pronto. [...] teve uma eleição, teve tudo, mas a comunidade não o reconheceu [o eleito] como representante da comunidade” (Azaleia, entrevista realizada 06 de maio de 2015).

No momento está sem gestor, porque assim, não houve candidatura, tal. E aí é algo complexo porque a comunidade tem essa problemática de algumas vaidades mesmo, de grupos que se articulam e aí não gosta do *modus operandi* de um e tal...” (Lótus, Visita Guiada 23 de maio de 2015).

Atualmente⁶³, a AMPODRA não formou quadro administrativo devido à desmotivação e à apatia dos moradores, atribuídas pelas lideranças do Poço da Draga: que “Eu acho que desde que foi extinta a associação, a comunidade veio perdendo essa força de engajamento” (Gardênia, entrevista realizada em 28 de maio de 2019). Com o fechamento da AMPODRA, em 2014, houve também a diminuição da disputa pela liderança na comunidade. Assim, presentemente, o espaço

⁶³ Até o término deste trabalho.

comunitário no Poço da Draga está sendo na sede da ONG Velaumar, além de ser o local de movimento da comunidade. Este fato é um incômodo para alguns moradores:

Não temos aqui um espaço comunitário. A associação foi extinta, não lembro qual o ano. [...] e de lá para cá o único espaço comunitário que a comunidade expõe é exatamente a ONG. [...] E incomoda, porque acaba que é só isso, assim, mas é também... vamos pro jargão que se fala "é o que temos para hoje". Mas é, poderia ser mais descentralizado isso. (Alisso, entrevista realizada em 28 de maio de 2019).

A diretora decidiu continuar o trabalho que a mãe desenvolvia e lutar as lutas que sua mãe travava, mesmo havendo críticas à sua mãe, à Velaumar, mas acreditando que esses trabalhos não poderiam parar e que seria melhor para o Poço da Draga. Contudo, ela faria um pouco diferente da sua mãe:

Dia de sábado, eu já conversei com a comunidade: oh galera, é meu sábado, é o dia que eu tenho para minha casa. [...] É só porque [os moradores] vêm com a cobrança. Eles acham que eu tenho que ficar 24 horas para eles e eu aprendi. Coisa que a minha mãe não fazia. entendeu? A minha mãe se doava 24 horas, por isso, talvez, que as pessoas, às vezes, não davam... Não dava tanto valor ao que ela fazia (Azaleia, entrevista em 14 de abril de 2018).

Em 2012, aos poucos, a Velaumar retoma suas atividades. Uma delas é a promoção do curso de corte e costura para as moradoras. Falarei das atividades da ONG no Capítulo 4.

Neste item foi possível observar a criação de duas entidades: a AMPODRA e a Velaumar. Inicialmente a AMPODRA teve uma relação familiar até a gestão de Orquídea e, com a sua saída da Associação, fundou a Velaumar. No próximo item discutirei as organizações não governamentais e como o surgimento da Velaumar muito reflete a criação das ONGs no Brasil, como a influência da Igreja Católica em sua base de criação.

3.2 As Organizações não Governamentais e a Velaumar

A discussão sobre organizações não governamentais que se seguirá neste item servirá para compreender o nascimento da ONG Velaumar, objeto de estudo desta pesquisa. Faço primeiramente um apanhado sobre o surgimento dessas organizações no Brasil, que, posteriormente, irão fazer uma grande diferença no cenário de participação social, se tornando "protagonistas no espaço político e social brasileiro" (LANDIM, 2002, p. 245).

Durante as décadas de 1970 e 1980, principalmente após a redemocratização, surgiram novos sujeitos coletivos, a exemplo dos movimentos sociais e as organizações não governamentais (ONGs) (BARREIRA, 1992). As ONGs marcaram um novo campo de atuação na sociedade civil, relativo à participação dos cidadãos na vida pública (DOIMO, 1995; GOHN, 2008). Tratava-se de organizações que se ocupavam do fortalecimento e estruturação de grupos de movimentos sociais, assessorando-os.

Uma organização não governamental é uma formação da sociedade civil, não criada pelo Poder Público. “O termo [ONG] surge em documentos das Nações Unidas, nos finais dos anos 1940, designando um universo bastante amplo e vago de organizações com as quais esse Organismo poderia estabelecer consultorias” (LANDIM, 2002, p. 216).

Primordialmente, durante a Ditadura Civil-Militar no Brasil (1964-1985), havia grupos espalhados no País que se preocupavam com “educação de base”, “educação popular” ou “promoção social”. Em muitos casos, estes grupos eram criados e apoiados pela Igreja Católica e partidos de esquerda que não podiam se manifestar, devido à repressão política da época (BARREIRA, 1986)⁶⁴. O Poço da Draga tem uma experiência de atuação da Igreja Católica através da Diocese de Fortaleza ao instalar ali, na década de 1980 a 1990, uma escola de educação de base direcionadas pelas irmãs Josefinas, escola já citada anteriormente.

Esses grupos apoiados pela Igreja também eram identificados como “centros de educação” ou “de assessoria” a serviço da população ou de movimentos sociais, mas ainda não eram consideradas ONGs (LANDIM, 2002).

As chamadas ONGs se consolidam na medida em que se constrói e fortalece um amplo e diversificado campo de associações na sociedade, a partir, sobretudo, de meados dos anos 1970 – tendência que caminha em progressão pelas décadas de 1980 e 1990 (LANDIM, 2002, p. 221).

Na época, esses grupos eram reconhecidos “como algo de qualidade particular [que] situa-se justamente num ponto do caminho que vai da caridade pessoalizada à ação pública governamental, não se confundindo com nenhuma das

⁶⁴ Barreira (1986) discute o papel da Igreja e dos partidos políticos nos movimentos sociais urbanos em três localidades de Fortaleza (a da Favela José Bastos, a do Jardim Nova Esperança e da Favela do Lagamar). A Igreja teve uma importância crucial na década de 1970 quando bairros e favelas iniciavam seus grupos, buscando sanar suas dificuldades – casa própria, saneamento, enfim, o direito à cidade – em suas localidades.

duas", segundo Leilah Landim (2002, p. 215). Em outras palavras, esses grupos, no Brasil, inicialmente, não se reconheciam como ONG, apesar de executar trabalhos tal como as instituições internacionais não governamentais que já se concebiam assim. As ONG internacionais, principalmente as estadunidenses e as canadenses, investiam seus recursos em trabalhos aqui no país através de centros e grupos formados por religiosos e partidários da esquerda. Além disso, a experiência dos agentes nesses centros, muitas vezes, vinha de pessoas que foram perseguidas pelos militares, muitos exilados que retornaram ao país, trazendo suas experiências quando atuavam em ONGs em seus países de asilo (LANDIM, 2002).

Segundo Landim, esse seria o porquê da "invisibilidade social, o não 'fazer nome', era uma qualidade cultivada em organizações que – assim como seus agentes – não existiriam para si, mas para os outros" (1993, p.8). E apesar de trazer a ideia do senso comum de um não envolvimento com o Estado para a realização das ações, na realidade, elas cresceram como um dispositivo de cobrança dos atos do Poder Público.

Ainda hoje o nome "ONG" não tem um significado. Juridicamente as ONGs não se diferenciam de qualquer outra entidade sem fins lucrativos, "não existindo para efeitos de regulamentação jurídica enquanto tal, [...] [devendo] adaptar seus estatutos [...] para os casos previstos nas leis⁶⁵" (LANDIM, 1993, p. 216). Contudo, o seu significado pode ser considerado "enquanto categoria, construída socialmente" (LANDIM, 2002, p. 216).

E o trabalho foi avançando:

[...] como se sabe o instrumento foi ganhando vida própria e o que se viu com o tempo não foi a superação dos "centros", mas sim um movimento oposto: esses mesmos agentes e organizações foram-se dedicando a afirmar sua institucionalização e construir uma identidade comum, buscando reconhecimento público e reivindicando para si o papel de protagonistas autônomos nesse espaço. Em pouco mais de uma década, construíram uma profissão sem nome e fizeram um nome coletivo através do qual passaram a se reconhecer: ONG (LANDIM, 2002, p. 222).

A formação dessas entidades, segundo Landim, que mais tarde se transformariam em ONGs, ocorria através de "reuniões discretas", mas não secretas, sob a tutela da Igreja Católica. Aliás, por padres ligados a uma ala mais progressiva

⁶⁵ A Lei nº 9.790 de 23 de março de 1999 e a Lei nº 13.019, de 31 de julho de 2014.

da Igreja, a Teologia da Libertação⁶⁶ e também por protestantes. Essas organizações também formariam “redes de pessoas e lealdades: instâncias particulares onde se elaboravam novas formas de enquadramento social de um conjunto de agentes e organizações⁶⁷” (LANDIM, 2002, p. 222).

Nas décadas de 1970 e 1980, as ONGs estabeleceram relações com cooperações de fora do País⁶⁸. Os recursos financeiros provocaram impactos significativos em suas práticas e na sua configuração institucional. Durante a década de 1980, essas organizações ganham "reconhecimento e visibilidade social", mas não tão facilmente; somente "[...] a partir de todo um investimento, por um conjunto específico de agentes e entidades, na afirmação de uma identidade comum e na produção de concepções, práticas e instâncias específicas de legitimidade” (LANDIM, 2002, p 216).

Na década seguinte, 1990, houve uma ampliação do número de organizações e diversificação das demandas, tais como saúde da mulher, da criança e do adolescente; habitação; identidade negra, povos indígenas; participação no orçamento público e em políticas públicas de saneamento, saúde e educação.

Concomitantemente, as ONGs buscaram exercer um papel ativo com o objetivo de produzir conhecimento e democratizar informações, estando muitas delas articuladas com empresas e fundações. Naquele momento, ocorreu a busca por qualificação dos atores sociais (GONDIM, 2013a; GOHN, 2008) com a capacitação (educacional ou profissional), seminários e treinamentos que passaram a ser rotina nos serviços oferecidos (GOHN, 2008, p. 91).

⁶⁶ O movimento que surgiu a partir da segunda metade da década de 1960, na América Latina, após o Concílio Vaticano II e da Conferência de Medellín. “A Teologia da Libertação é um movimento apartidário que engloba várias correntes de pensamento interpretando os ensinamentos de Jesus Cristo como libertadores de injustas condições sociais, políticas e econômicas”. (GASPARETTO JR, 2013).

⁶⁷ “Nos canais de contato, ressaltam pertencimentos anteriores a organizações como MEB [Movimento de Educação de Base], AP [Ação Popular], Ação católica; há menções aos CPCs da UNE (Centros Populares de Cultura da União Nacional dos Estudantes) [sic], os MPCs, (Movimentos de cultura popular) [sic], o Programa nacional de alfabetização do MEC [Ministério da Educação e Cultura], no pré-1964; ou a organismos que tiveram peso no “ecumenismo” no Brasil, como ULAJE (União Latinoamericana de Juventude Ecumênica), ou CELADEC (Comissão ecumênica latino-americana de educação cristã)” (LANDIM, 2002, p 216).

⁶⁸ “[...] são mencionados tanto o campo católico, quanto o protestante: apoiavam o Encontro [Ad-Hoc que ocorreu em 1972], o francês CCFD (Comité Catholique Contre la Faim et Pour le Développement), o canadense Développement et Paix e o suíço CMI (Conselho mundial de Igrejas), através do seu Comitê *ad hoc* – daí o nome pelo qual o Encontro é referido” (LANDIM, 2002, p 226).

No Brasil, a Lei nº 9.790 de 23 de março de 1999 orienta e regula a formação das ONGs, chamando-as de Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público. Nesta regulação encontram-se as finalidades a que devem se destinar essas organizações para defesa ou promoção: assistência social; cultura; educação; saúde; meio ambiente; segurança alimentar; combate à pobreza; direitos estabelecidos; estudos e pesquisa sobre a mobilidade urbana; e estudos e pesquisas para divulgação de conhecimentos técnicos e científicos a respeito dos serviços citados anteriormente (Art. 3º do I ao XI).

Como foi visto, as ONGs surgiram como instituições de apoio aos movimentos sociais ou a movimentos sindicais, sendo de caráter não partidário (LANDIM, 1993) ou a partir dos centros de educação ou de assessoria a grupos e alguns destes, com apoio financeiro de entidades internacionais ou da Igreja, interessados em demandas mais amplas, tais como direito à moradia e à saúde básica.

Contudo, elas se tornaram protagonistas, cumprindo, principalmente, demandas onde não se sente a presença do Estado. Na atualidade, para manter seus projetos e ações, sabe-se que, muitas vezes, é necessária uma relação mais estreita com o Poder Público, apesar do intenso discurso anti-Estado no seu surgimento (DYSMAN, 2013). As organizações da sociedade civil, em geral, denunciam vícios estatais e se colocam contra qualquer engajamento político; o que, segundo Koslinski (2013), é o "fetiche de autonomia" em países em desenvolvimento, evitando a colaboração com o Estado e com o mercado para evitar a cooptação. Com o desenvolvimento das ONGs foi possível atender a diversas demandas, tais como direito da mulher e de políticas públicas para doenças como a AIDS, e em defesa do negro, do índio, das crianças de rua, do idoso, e da ecologia (LANDIM, 1993).

No momento atual, as discussões sobre as ONGs enfatizam a realidade e a pluralidade dos atores dessas organizações e a sua interatividade, no sentido de racionalidade e da subjetividade presente nas ações (GOHN, 2008). Diferentemente da prática dos movimentos sociais, a ideologia não é o elemento mobilizador, mas a criação de sujeitos políticos capazes de mudar e melhorar sua qualidade de vida. Quanto à identidade, os atores desses grupos se remetem a uma forma de aprendizado e também a um processo que é o reconhecimento não só externo, pelos outros sujeitos, mas interno, subjetivo (GOHN, 2008). Em outras palavras, os integrantes dessas instituições podem ter outros motivos para fazerem parte de sua

composição, tal como o aperfeiçoamento profissional. Da mesma forma que os participantes das atividades de uma ONG não necessariamente estarão lá por concordar com a ideologia da entidade, mas pelo que ela pode lhe proporcionar.

Sabe-se que não somente as ONGs, mas associações ou lideranças comunitárias, de um modo geral, nos projetos estatais podem colaborar para “gerar conflitos internos, burocratizar os movimentos sociais e ‘pacificá-los” (GONDIM, 2013a, p.154, grifo do texto). Nas entidades civis, pode haver desentendimentos entre os membros por questões ideológicas e a pacificação dos movimentos sociais pode ocorrer com a participação, por exemplo, de ONGs assessorando-os e de mediação entre estes e o Poder Público, tal como em projetos de habitação (GONDIM, 2013a).

Em geral, quando uma instituição pública não cumpre suas tarefas, é possível responsabilizá-la através de meios legais em uma esfera democrática, segundo Roberto Xavier (2011), através da prática de *accountability*, que “é uma cobrança de atores sobre outros [de instituições públicas] por determinados padrões, de julgar o cumprimento das suas responsabilidades à luz dessas normas e de impor sanções se estas ações não foram cumpridas” (p.14). Nas organizações de sociedade civil, como as ONGs, veremos como isso poderá ser feito, assim como entender sobre a legitimidade dessas operadoras sociais.

Emmanuel Caldas (2013) discute como é construída a legitimidade por parte das organizações sociais e como, por meio do processo de *accountability*, essas entidades adquirem autorização dos beneficiários. Segundo Caldas, o termo em inglês é referente à fiscalização ou responsabilização sobre as ações de uma organização de sociedade civil, que pode ser de uma entidade, como uma ONG e fiscalizada por outra que pode ser o Poder Público ou os beneficiários, ou mesmo, os participantes da mesma entidade fiscalizada, tais como apoiadores e patrocinadores da organização. As organizações, segundo autor, são legitimadas pela proximidade entre estas e os beneficiários, o que ele chamou de “*accountability* moral de proximidade”, ou seja, a proximidade entre ambos tornaria possível atender as demandas das bases, e ainda, os beneficiários estariam cotidianamente observando essas ONGs. A proximidade entre estas e beneficiários pode, ao mesmo tempo, se tornar um discurso das entidades, respaldando “um discurso de reivindicação de representatividade” (p.140) em que estas alicerçariam uma construção simbólica de autolegitimação.

Como vimos, as ONGs atuam também com projetos em localidades que, muitas vezes, são uma demanda observadas pelos integrantes da organização, ou seja, não é solicitada pelas pessoas desses locais em que há essa demanda. A ONG Velaumar se enquadra nesta estrutura, pois ela realiza ações sociais sem fins lucrativos, sem ter um mandato ou autorização dos beneficiários ou outra instituição do Poder Público, ou ainda qualquer outro tipo de entidade. Não quer dizer que todas as ações sociais e atividades da Velaumar ocorram dessa forma, ou seja, nenhuma destas sejam feitas sem a solicitação da população, muitas são realizadas sob demanda dos moradores do Poço da Draga.

Assim, como Xavier (2011), Caldas (2013) e Mariane Koslinski (2013), também mantenho o termo em inglês que “poderia ser traduzido, ainda que com perdas semânticas, como responsabilização e/ou fiscalização das ações de um ator por outro que concedeu autorização ou financiamento ou outro tipo de suporte para o primeiro” (CALDAS, 2013, p 126). Esse conceito também é usado como mecanismo de controle de ONGs (KOSLINSKI, 2013) e exige que essas organizações prestem contas de suas atividades.

Para Koslinski (2013) “o conceito de *accountability* [trata] da questão da legitimidade de um ator específico da sociedade civil, ONGs, que não funciona a partir de uma lógica de afiliação” (p.20). Em outras palavras, quando este ator tem outra motivação que não a de afinidade com a ideologia, como em um movimento social, por exemplo. Pois membros de uma ONG não necessariamente têm similitude com os ideais dos trabalhos de demanda realizada por ela, tal como um contabilista. Koslinski aponta que integrantes de ONGs também têm as suas próprias demandas e que esses poderiam se beneficiar a essas mesmas organizações, assim, “a prestação de contas [da ONG] seria a eles mesmos” (KOSLINSKI, 2013).

Segundo ainda Koslinski, em uma ONG, suas trocas não são mercadológicas, elas são autogovernadas e sem fins lucrativos, possuindo “estrutura formal própria [...] ou como uma novidade no setor cívico já que dizem promover causas sociais sem ter um mandato ou [sem serem] autorizados por uma base de referência” (KOSLINSKI, 2013, p. 22).

Para Koslinski, as ONGs devem ter ou, pelo menos, aparentar ter uma “autoridade moral” e outras características elencadas pela autora:

1. Imparcialidade, independência ou autonomia;
2. Veracidade e confiabilidade;
3. Representatividade;
4. *Accountability* e transparência.

Nesse sentido, é necessário que uma ONG transmita: “imparcialidade”, ou seja, que não está buscando interesses próprios, além de mostrar independência ou autonomia, para não atender às vontades do mercado nem do Estado; que ela aparente ter “veracidade e confiabilidade”, sendo capaz de fornecer informações com qualidade; “representatividade”, ou seja, ter respaldo daqueles que estão representando; e por fim “*accountability* e transparência”, ou seja, ter como prestar contas de seus atos aos seus beneficiários e à sociedade de uma forma geral (KOSLINSKI, 2013). Neste trabalho, é importante entender que tipo de respaldo a Velaumar tem dentro do Poço da Draga e que tipo de autorização é dado pelos moradores à organização na questão de atender suas demandas. Quem a legitimou como porta voz dessas demandas?

A Velaumar atua na localidade do Poço da Draga com certo apoio dos moradores. Esse respaldo vem do trabalho iniciado pela sua fundadora Orquídea, e continuado pela atual direção. Contudo, a entidade recebe críticas desde a sua criação. Estas são reflexos da administração realizada por Orquídea, que tinha fama de ser rígida. Há ainda algumas rugas que não foram superadas, tais como a fundadora ser acusada de querer beneficiar a família com apartamentos que seriam cedidos pelo Estado com a criação do Centro de Eventos no fim da década de 1990. Durante a sua gestão na presidência da AMPODRA, Orquídea, através de seus trabalhos, conseguiu apoio dos moradores, tanto que ficou à frente da entidade por 10 anos.

Ninguém queria a [a presidência da] Associação porque era uma coisa que tava dando certo, tava tendo resultado. Então as pessoas elegiam ela, mesmo ela [dizendo:] “não, eu não vou mais não”. “Não, mas só esse ano”. Sabe, isso se prolongou durante 10 anos (Azaleia, entrevista em 14 de abril de 2018).

De certa forma, isso foi transferido para a Velaumar. Não quer dizer que haja uma unanimidade entre os moradores. Depois dos acontecimentos já citados, Orquídea perde a eleição para presidência da AMPODRA, por duas vezes. Contudo,

a ex-presidente ainda mantém certa confiabilidade, pois continua seus trabalhos na Velaumar.

Presentemente, a confiabilidade que a Velaumar passa aos moradores do Poço da Draga é significativa, no sentido da adesão às atividades e ações que a ONG realiza na localidade. Veremos os vários projetos que a comunidade recebe da ONG e de suas parcerias⁶⁹. Estes trabalhos apontam que há um número de beneficiários que abraçam essas ações, como é possível também notar que estas atividades e ações abarcam uma variada faixa etária de moradores. Nesse sentido, a legitimidade da ONG, apesar de não ser unânime, vai se destacar das demais entidades existentes no Poço da Draga, sendo sempre a primeira a ser convidada para parcerias. Suas diretoras são, geralmente, as pessoas com quem se entra em contato para adentrar à localidade.

A ONG Velaumar tem o quadro de direção literalmente familiar, possuindo, em sua composição, filhos, filhas e netas da sua fundadora, Orquídea. Os cargos de presidente, diretora de ação educativa e cultural e um dos conselheiros são ocupados por filhos da fundadora. Os cargos de tesoureira e secretária são preenchidos por duas netas, filhas da presidente. Os ocupantes dos cargos restantes, dois conselheiros e o diretor de assuntos esportivos, não são pessoas da família de Orquídea. Esse quadro administrativo é outro motivo de crítica para alguns moradores:

Olha, desde o início eu admiro muito trabalho das meninas. Assim, realmente é... Não tem nem como não reconhecer. Mas chega um momento em que, isso bem no início, assim quando eu comecei a perceber, [...] assim, eu não sei como é talvez até agora ainda se revale um pouco disso, mas eu acho [a direção da Velaumar] um pouquinho fechado. No sentido em que as vezes chegam um projeto, chega uma verba, chega alguma coisa e a gente só sabe quando tudo já aconteceu ou está em vias de acontecer, ou realmente já passou. [...] É porque assim, hoje em dia trabalhar com movimento social não é fácil, não é. É uma luta realmente árdua e, eu acredito, que deveria ter mais projetos, Mas também eu acho que as meninas trabalham dentro do limite delas também assim. Porque acaba que, pelo menos eu vejo, assim no, grosso trabalhando mesmo só elas duas, a Azaleia e a Verbena. Talvez se tivesse um corpo maior de próprios membros mesmo, um tesoureiro, ou alguma coisa assim, então, e até chamar outras pessoas pra que pudessem somar juntos, efetivamente. E não apenas estar ajudando numa eventualidade, num evento digamos assim, que aconteça. Mas de fazer parte mesmo, te chamar, de ter reunião, de ter planejamento. Então isso talvez é o que falta [na Velaumar] (Alisso, entrevista realizada em 28 de maio de 2019).

⁶⁹ Ver quadros 1, 2 e 3 do Capítulo 4.

A descrição dos pontos apresentados anteriormente – o contexto da história da fundação da Velaumar com seus conflitos e o quadro administrativo da mesma, composto por pessoas de um único núcleo familiar –, nos faz refletir sobre a noção de *accountability* que os moradores do Poço da Draga possuem em relação àquela ONG.

Pode-se dizer que o respaldo que a Velaumar possui ocorre pelos trabalhos que a ex-presidente já realizava quando estava à frente da Associação dos Moradores e, atualmente, pela continuidade dos trabalhos que os dirigentes realizam no Poço da Draga. A AMPODRA não tem quadro de liderança desde 2014, como dito anteriormente. Por outro lado, esse fato abriu espaço para outras lideranças assumirem e, talvez, ascenderem no atendimento das demandas da comunidade, como foi o surgimento do movimento ProPoço⁷⁰ e o fortalecimento da Velaumar como entidade principal da localidade.

3.3 A atual gestão

Em 28 de janeiro de 2003, a ONG Velaumar – Assessoria, Desenvolvimento e Cidadania – foi fundada (OLIVEIRA, 2006).

Figura 14 – Logomarca da ONG Velaumar



Fonte: GOMES, 2019.

⁷⁰ Grupo formado de moradores do Poço da Draga. Falarei sobre o movimento no Capítulo 4.

O artigo 4º da Lei nº 9.790 de 23 de março de 1999, estabelece que servidores públicos podem participar dessas organizações no conselho ou diretoria. Este item tem relevância, pois a atual diretora de ação educativa da Velaumar, que é formada em pedagogia⁷¹, exerce função administrativa na área da cultura, em um órgão do Governo do Estado, o CDMAC. Enquanto a presidente da ONG ocupa um cargo comissionado na Secretaria Municipal do Desenvolvimento Habitacional de Fortaleza (Habitafor) da Prefeitura Municipal de Fortaleza.

A presidente da Velaumar está há seis anos nesse setor da Prefeitura e trabalha diretamente com outras localidades carentes, levando as demandas que chegam até à Secretaria. Ela faz uma descrição de seu trabalho:

Hoje eu trabalho na Secretaria... Vai fazer seis anos [...]. Lá eu trabalho diretamente com as comunidades, as favelas. Eu visito as favelas visando a necessidade que elas têm, levo as demandas para a Secretaria e na Secretaria a gente vê conforme pode ajudar através de ações sociais. [...] Um exemplo de demanda: Uma comunidade foi invadida, [...], nessa área que foi invadida temos crianças com microcefalia, temos idosos com câncer, doentes mentais; levo essa demanda pra dentro da Secretaria e [...] vai avaliar juntamente com o CRAS [Centro de Referência de Assistência Social] o perfil desse invasor de área. [...] Porque a Secretaria não avalia só, é o CRAS e a Secretaria Habitacional, e levo pra o banco e o banco [Caixa Econômica Federal] é que aprova ou não a situação, se ele vai ou não ser beneficiado através de uma moradia. Fora as ações sociais que tem que é com as assistentes sociais mesmo, aí a gente leva identidade, a gente leva certidão de nascimento, conselho tutelar, pressão, glicemia, que aí você faz uma avaliação completa de quem é diabética, de quem é hipertenso, de criança que tá fora da escola, de criança que é menor de idade e ainda não tem registro, tudo através da ação social você faz uma avaliação de como tá aquele o perfil daquela área que foi invadida (Verbena, entrevista realizada em 25 de junho de 2018).

Esse conhecimento técnico sobre como conseguir suprir demandas de localidades pobres, faz com que muitos moradores do Poço da Draga recorram à presidente da Velaumar para também resolver problemas como os acima descritos. O que torna motivo de cobrança por parte de alguns moradores é também motivo para eles mesmos usufruírem da situação, principalmente quando estes acreditam que as dirigentes possam fazer mais pela localidade devido aos seus locais de trabalho e de seus próprios conhecimentos.

No dia da entrevista com Verbena, houve um atraso para iniciar a conversa, pois uma senhora que lamentava sua sorte por ter problemas de depressão

⁷¹ Azaleia também estuda Direito pela Universidade de Fortaleza e Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará.

recorreu a ela, à procura de orientação. A diretora cedeu 45 minutos do horário marcado da entrevista para acolher a dita senhora. Antes do fim da entrevista, a presidente foi novamente procurada por uma moradora que havia perdido o prazo de inscrição dos vendedores ambulantes de um evento que iria acontecer no CDMAC. Segundo as diretoras da Velaumar, fatos como esse ocorrem quase que diariamente.

Perguntei às dirigentes da Velaumar como ocorre a relação entre repartições do Poder Público e as ações da ONG, considerando-se o fato de que estas trabalham em órgão público ao mesmo tempo em que presidem a organização. Em resposta, ambas disseram tentar manter uma relação separada, no sentido em que elas se sentem à vontade para criticar e cobrar os órgãos do governo do Estado e da prefeitura.

[...] Porque na Prefeitura, lá na Habitafor, todo mundo sabe que eu não tenho medo de perder o emprego, inclusive o prefeito. [...] [O prefeito] não chegou nem a descer [do palanque], eu gritei lá de baixo: “prefeito, o senhor vai gastar o dinheiro todinho aqui no Jangurussu, e o Poço da Draga?” Aí todo mundo [me olhou], inclusive, câmeras né, aí ele desceu calmamente, que ele é muito educado, [disse:] “tenha calma [...], vai chegar a vez do Poço da Draga” e [eu disse:] “eu vou tá viva?”. [...] Eu tacho o pau seja lá quem for. Primeiro o Poço, o Poço da Draga tá em primeiro lugar. O emprego eu tinha antes da prefeitura e posso ter depois outro depois que eu sair da prefeitura, mas o Poço da Draga é o primeiro lugar, é onde eu moro, é onde eu nasci, é minha raiz, minha identidade. [...] Chama o prefeito, chama o governador, nós briga, é... É uma luta deste tamanho que o povo diz. (Verbena, entrevista realizada em 25 de junho de 2018).

A Velaumar também promove atividades e ações comunitárias em outras localidades que não o Poço da Draga. Sobre as ações, foi perguntado às dirigentes da entidade qual era a forma delas se apresentarem, como representante da ONG ou de órgãos públicos. Ambas afirmaram que não representam ali o poder público, mas a Velaumar.

Azaleia: Nós fomos fazer o dia das crianças. A Rosalina⁷² deve ter uma média de uns três mil a quatro mil crianças.

Verbena: Na época que a gente foi, tá com três anos.

Azaleia: Minha filha, aí a gente conseguiu muito brinquedo, brinquedo mesmo [...]

Verbena: Peguei todo o meu salário, 800 e tantos reais. Tenho prova e tudo... [...] nós entramos pela Velaumar, nós não entramos pela prefeitura. Tem lugar que não aceita a prefeitura. Mas nós entramos como Velaumar sempre, sempre.

Azaleia: Quando vai, eu e a Verbena a gente vai pela Velaumar e aí tem algumas comunidades que não vê, não aceita ninguém da prefeitura a não ser nós e as pessoas que a gente convida da comunidade para lá. (Azaleia e Verbena, entrevista realizada em 25 de junho de 2018)

⁷² Conjunto Habitacional Rosalina é uma localidade pobre de Fortaleza situada no Bairro Parque Dois Irmãos. Edson Marques (2014) faz um estudo sobre a Rosalina e o estigma criado pela mídia de suas classificações sociais.

Para que possam ocorrer essas ações externas, muitas vezes, se negocia com os traficantes da área, cujo chefe expede uma “autorização” para que o trabalho seja realizado pela organização na qual não pode haver envolvimento com órgãos públicos. Dessa forma, as pessoas nessas localidades têm maior confiança quando as compreendem como integrantes de ONG, segundo a presidente da Velaumar.

Pode-se dizer que a ONG tem uma rede de relacionamentos na cidade de Fortaleza, tais como: o bairro Demócrito Rocha; o Conjunto Rosalina, no bairro Parque Dois Irmãos; a localidade do Arraial Moura Brasil, vizinho ao Centro de Fortaleza; a localidade Pau Fininho, no bairro Papicu; a localidade Alameda das Palmeiras, em Messejana; e o bairro José Walter. Em entrevista, a presidente e a diretora da Velaumar explicaram que seu contato nessas localidades é com os líderes comunitários e não com organizações.

Verbena: Não, não tem associação. A gente forma um grupo de pessoas de dentro da área, a gente cede as blusas da Velaumar, tem o símbolo da Velaumar e...

Azaleia: É o próprio morador fazendo a diferença no lugar onde reside (Azaleia e Verbena, entrevista realizada em 25 de junho de 2018).

Segundo as dirigentes, o contato com essas pessoas é feito através de outros eventos, ações sociais nos bairros, em Fortaleza, realizadas pela Secretaria Habitacional, órgão da Prefeitura Municipal, mas também pelas ações que a ONG promove no Poço ou quando se divulga pela rede social Facebook. O conhecimento das áreas que elas estudam, do local em que elas trabalham, segundo as dirigentes, torna possível a criação dessa rede de apoio.

Há muita cobrança dos moradores do Poço da Draga à Velaumar. Segundo sua diretora, a atuação da entidade “é mais criticada dentro da comunidade do que fora” (Verbena, entrevista realizada em 25 de junho de 2018). Contudo, a direção da ONG disse que não se pode parar um trabalho de ajuda social somente porque há críticas.

A diretora da organização aponta que, muitas vezes, os moradores de sua comunidade confundem as pessoas que trabalham na ONG e a própria entidade. Perguntei à presidente da Velaumar sobre apoio político em eleições, qual era a posição da Velaumar. A entrevistada respondeu-me que a entidade não assume uma posição de apoio. Cada elemento que compõe a Velaumar escolhe quem apoiar:

[Quando você fala assim Verbena: “vou te apoiar” para o governador, por exemplo, tá apoiando enquanto [Verbena] ou enquanto ONG?]

Verbena: Enquanto [Verbena].

Azaleia: Geralmente, se ela for ou se eu arranjar um [político para apoiar], a gente vai junto, nós duas, mas a comunidade, ela é livre, tá entendendo?

Verbena: É, a comunidade ela é livre.

Azaleia: [...] mas dizer que nós temos 200 votos, nós não temos.
(Azaleia e Verbena, entrevista em 25 de junho de 2018).

As dirigentes da ONG assumem um discurso neutro em relação às eleições políticas, enquanto entidade. Mas assumem um papel de apoio pessoal, divulgando quais candidatos apoiam, principalmente, em seus perfis das redes sociais de internet. Contudo, este fato não é um ponto de concordância entre os moradores.

Como se percebe a Velaumar exerce grande influência, por causa da história de liderança exercida pela fundadora como presidente da AMPODRA e depois como presidente da ONG, pela ajuda material e imaterial que as atuais administradoras realizam através das atividades da organização. Outro exemplo dessa influência é organizar as festas do aniversário do Poço da Draga. Com a pretensão ou não, elas conseguem, com isso, mostrar a atuação da entidade aos moradores, além de conseguir apoiadores para as suas causas.

3.4 A Velaumar e os Aniversários do Poço da Draga

O aniversário do Poço da Draga é um dos acontecimentos festivos que mais mobiliza os moradores da localidade praiana. Porém, para tratar da festa em si, se faz necessário entender como a localidade se autodenomina de “comunidade centenária”, que importância tem essa designação para os moradores e de que forma eles a utilizam em prol de suas demandas.

Na verdade, os moradores comemoram a data da construção da Ponte Metálica, 26 de maio de 1906, pois ela é um importante marco para o nascimento da comunidade, local onde os pescadores já aportavam suas jangadas à beira da praia e tinham suas casas bem próximas a ela, assim como as residências dos funcionários do porto. Cabe mencionar as correntes migratórias que também povoaram a área pelo acesso das linhas férreas, como já foi explorado no Capítulo 2.

Essa junção de fatores levou ao adensamento do Poço da Draga e, atualmente, os moradores tomam a primeira data de construção da ponte, como ano de formação da localidade. Trata-se de garantir uma história de criação, um referencial

de surgimento, como se nota na fala da dirigente da Velaumar:

A gente pega emprestada a [data de] inauguração da Ponte Metálica, mas com certeza já morava muitas pessoas, [...] que fugiram da seca para poder vim se apossar dessa área litorânea e que era a melhor forma de poder sobreviver dignamente: pescando. E o porto, ele serviu como um ancoradouro mesmo [para] as pessoas chegar e se aproveitar de viver aqui. Mas é um empréstimo da Ponte Metálica, mas como a gente quer uma referência, [...] precisa de uma referência histórica, aí a gente pega emprestada o aniversário da Ponte (Azaleia, entrevista realizada em 4 de setembro de 2018).

Não há um consenso nas entrevistas sobre a primeira comemoração do aniversário da Ponte Metálica. Contudo, segundo a diretora da Velaumar, a primeira comemoração teria ocorrido em 2010, quando a Ponte Metálica completava 104 anos. Na ocasião alguns moradores do Poço da Draga, fazendo uso de aparelho projetor, apresentaram filmes feitos por eles mesmos na ponte. Não há dados sobre o ano seguinte.

Em 2012, os moradores da localidade comemoraram os 106 anos da construção da Ponte Metálica (ver Figura 15) e foi o ano no qual comecei a acompanhar a festa. Esta teve uma coordenação em conjunto com uma líder comunitária do Poço da Draga, Gardênia, na época, do Conselho Comunitário de Segurança Social do Poço da Draga (2012-2013),⁷³ e do movimento social Quem Dera Ser um Peixe (QDSP), já citado aqui anteriormente. A festa ocorreu também como forma de divulgar a luta do grupo contra a construção do Acquario Ceará.

Figura 15 – Bolo comemorativo do 106º Aniversário da Ponte Metálica (2012)



Fonte: RODRIGUES, 2013.

⁷³ Conselho Comunitário de Desenvolvimento Social, uma associação que é parte de um programa de prevenção da violência, da Polícia Militar.

A festa ocorreu na própria ponte, à luz da fogueira, com palestras do memorialista Miguel Ângelo de Azevedo, conhecido como Nirez, e divulgação de fotos antigas do seu arquivo, da Ponte Metálica e da Praia de Iracema. Contudo, foram poucos os moradores que compareceram naquele ano (RODRIGUES, 2013).

A partir de 2013, haveria muitas mudanças significativas na comemoração. Tal mudança coincide com a decisão da diretora da Velaumar de prosseguir com as atividades que sua mãe desenvolvia enquanto presidente, antes de falecer. Em comparação com as que foram realizadas a partir de 2013, a festa de 2012 não passou de um pequeno encontro social.

As modificações no modo de comemorar os aniversários começaram quando os organizadores procuraram realizar uma festa para dar maior visibilidade ao Poço da Draga, como forma de comunicar a importância da localidade para a história de Fortaleza. Assim como em seus discursos, comunicar a resistência da localidade que foi vencendo cada tentativa de remoção.

Nesse sentido, em 2013, nos 107 anos da Ponte Metálica, os moradores passam a comemorar o aniversário do Poço da Draga, com o intuito de criar um cronograma de atividades culturais diversificadas e, também como lazer, ocuparia, primeiramente, apenas um dia, como no aniversário de 107 anos e cinco dias de comemoração, como no aniversário de 108 anos.

A partir de 2013, os cartazes de divulgação da comemoração trazem a Ponte Metálica sempre em destaque, como forma simbólica do nascimento do Poço da Draga. Chamo atenção para explicar que o aniversário é da ponte, mas quem recebe os parabéns é a comunidade.

A comemoração dos 107 anos do Poço da Draga ocorreu no dia 26 de maio, e a sua programação cultural e social iniciou-se pela manhã e terminou ao entardecer. Nela ocorreram atividades, como: vacinação de animais; atividades educativas e torneios esportivos; oficina de artes e grafite; roda de conversa com historiadores e moradores da comunidade; apresentações folclóricas e a festa de encerramento, tendo o “Café Atlântico” – outro nome para o Pavilhão Atlântico – como local principal para as atividades. A festa também teve divulgação prévia, de quase dois meses de antecedência, em jornais da cidade (MAIA, 2013).

Reproduzo, no Quadro 1, a programação completa realizada no 107º aniversário do Poço da Draga⁷⁴:

QUADRO 1 – VERSO DO CARTAZ DO 107º ANIVERSÁRIO DO POÇO DA DRAGA

PROGRAMAÇÃO DE ANIVERSÁRIO DA COMUNIDADE DO POÇO DA DRAGA 107 ANOS DE EXISTÊNCIA	
8 h- Abertura	Solenidade de abertura seguida de Café com Tapioca para os moradores e convidados.
HORÁRIO	PERÍODO DA MANHÃ
7h às 11h	Torneio Futebol Beach Soccer. Local: Campinho da Praia da Carminha
7h às 10h	Atividades físicas com educadores físicos. Local: Praia do Antigo DNOCS.
9h às 12h	Atendimento de saúde (aferição de pressão, orientação para o cuidado com a diabetes, combate à dengue e zoonoses). Local Pavilhão Atlântico e calçadão da Cidal [sic].
9h às 11h	Vacinação de cães e gatos (Zoonoses).
HORÁRIO	PERÍODO DA TARDE
14h às 16h	Cuca na Comunidade: oficinas de arte e grafite, com o tema “Poço da Draga, Fortaleza de Ontem, Hoje e Sempre”.
14h às 16h	Encontro de Gente Jovem. Local: Café Atlântico.
16h às 17h	Roda de conversa com historiadores e comunidade. Local Café Atlântico.
16h30	Apresentação de Contação de História com o educador Marcos Melo. Local: Palco
17h	Apresentação de danças folclóricas. Local: Palco
18h às 20h30	Forró Pé de Serra. Local: Palco.

Fonte: Verso do Cartaz do 107º aniversário do Poço da Draga.

⁷⁴ A digitalização do verso do cartaz resultou em uma figura pouco legível, motivo pelo qual apenas a frente do mesmo é mostrada na figura 16.

Ainda no verso do cartaz:

Convite

No dia 26 de maio, a Comunidade do Poço da Draga completa 107 anos de existência e resistência, com suas memórias e luta pela permanência no local de origem. História essa que perpassa a história [de] Fortaleza. Situada à beira-mar, a comunidade tem, à sua frente, o mar que banha as areias da Praia de Iracema. Em sua volta já se vê as marcas do progresso e, como consequência disso, as diversidades dos direitos básicos violados, contribuindo para a vulnerabilidade social. No entanto, os movimentos sociais existentes dentro da comunidade procuram diminuir ou mesmo extinguir os fatores que propiciam essa fragilidade. Venha comemorar conosco essa história de resistência, protagonismo e transformação. Comunidade do Poço da Draga: 107 anos de existência e resistência.

Data: 26 de maio de 2013.

Local: Em frente à Ponte Metálica velha [sic], no Pavilhão Atlântico.

Horário: das 8h às 21h [sic]. (Verso do Cartaz de divulgação do 107º Aniversário do Poço da Draga, 2013)


O cartaz da figura 16 apresenta o início de uma transformação na festa, com um cronograma da programação cultural a ser realizada, ou seja, tem-se agora uma preocupação com um roteiro de atividades no evento. A festa passa a ser organizada pela Velaumar com sua logomarca no cartaz do evento, e os moradores como apoio cultural.

O anúncio exibe também a letra da música “Longarinas”⁷⁵, composição de Ednardo, do álbum “Do Boi só se Perde o Berro” (EDNARDO, 1976). Na letra, o autor fala “nas longarinas da ponte velha que não caiu” e que ele “e a ponte velha teimam resistindo”. A letra da música teve a intenção de ilustrar a luta da comunidade pela não remoção e o desejo de permanecer no local.

Para os organizadores, a comemoração dos aniversários do Poço da Draga pode intensificar o sentido de identidade e de pertencimento ao local. Por isso, a ideia da criação de um calendário cultural anual para a localidade tem a intenção de mostrar uma comunidade resistente às tentativas de remoções, apresentando as suas lutas e sua gente e convidando a população de fora do Poço para participar das comemorações. Algo significativo é que a palavra “resistência” será levada para todos os festejos a partir de 2013.

⁷⁵ Longarinas significa cada uma das vigas longitudinais sobre as quais se assentam as travessas no tabuleiro de uma ponte.

Figura 16 – Frente do Cartaz do 107º Aniversário do Poço da Draga⁷⁶



Poço da Draga

107 anos

26 de maio de 2013

Longarinas (Estárido)


Faz muito tempo que eu não vejo o verde
Daquele mar quebrar
Nas longarinas da ponte velha que ainda não caiu.
Faz muito tempo que eu não vejo o branco
Da espuma espirrar.
Naqueias pedras com sua eterna briga com o mar

Uma a uma as coisas vão sumindo
Uma a uma se desmelgando
Só eu e a ponte velha, telmãim resistindo
A nova langada de vela
Pintada de verde e encaçado
Só meu mote não muda
A moda não muda nada

O mar engolindo lindo
A antiga praia de Iracema
Os olhos grandes da menina lendo os meus
O meu mais novo poema
E a lua viu desconfiada
A poiva do sol com mais um supermençado.
Era uma vez meu castelo entre mangueiras
E jasmíns florados

E o mar engolindo lindo
E o mar engolindo rindo
Bela mar, é, é, bela mar
É maninha, é maninha
Armá aquela rede branca
Que eu vou chegando agora.

COORDENAÇÃO: Associação de Desenvolvimento e Cidadania

PATROCÍNIO: 

APOIO CULTURAL: MORADORES DA COMUNIDADE

ENCENA PRODUÇÕES

Fonte: Divulgação, 2013.

⁷⁶ O impresso foi digitalizado para este trabalho.

Em recente entrevista, perguntei à dirigente da Velaumar qual foi o sentido do apoio dado pelos moradores, mencionado no cartaz (Figura 16). Em resposta, ela afirmou:

O maior apoio que nós temos mesmo é o morador abraçar as ações que acontecem durante esse período todo que viemos desenvolver com as atividades, com as ações culturais, oficinas, tudo o que a gente promove aqui, a gente não tem ocorrência nenhuma de agressão, com as pessoas que aqui visitam. Então, eu acho que esse apoio é a comunidade que vê dentro e é muito gratificante. Porque já colocamos aqui dentro da comunidade mais de três mil pessoas pra assistir ao show dos Selvagens e terminou numa tranquilidade que eu acho que [pausa] não dá nem pra imaginar. Então [...] esse apoio é a solidez da força desse morador mesmo. Em dizer: “esse evento é nosso, então a gente vai cuidar”. Porque os outros parceiros, eles vêm com o som, vêm com a tenda, vêm com iluminação, mas nada disso teria sentido se o morador não se visse dentro dele. Apesar de dizerem: “ah tem pouca gente”. Pouca gente no evento, mas por onde você passar as pessoas estão te olhando, tá te observando, tá cuidando de você. Então, não precisa eles estarem lá, precisa eles estarem interligados dentro do perímetro da comunidade e isso para mim é fenomenal (Azaleia, entrevista realizada em 4 de setembro de 2018).

O contingente de moradores nas festas dos aniversários é uma questão de conflito entre os organizadores. Diferente da fala de Azaleia, Prímula, outra moradora atuante na liderança do Poço da Draga, reclama da apatia dos moradores, principalmente aqueles que são vendedores ambulantes, diante dos eventos da comunidade. A moradora disse ainda que se houvesse mais participação dessas pessoas, poderia haver mais atividades e festejos e todos sairiam ganhando (Nota de campo 23 de maio de 2019).

Vemos no cartaz também os patrocinadores dessa festa, dentre eles, alguns já citados – INACE, CDMAC, SINTAF e Fundação SINTAF, – mas também, Governo do Estado do Ceará, Prefeitura de Fortaleza, Polícia Militar do Ceará, Corpo de Bombeiros Militar, Órbita Bar e Faculdade Maurício de Nassau. Segundo a dirigente da Velaumar, ainda não havia o apoio da Casa Civil do Estado do Ceará junto à qual, através de ofício, é possível conseguir materiais, tais como aparelhos de som e palco, para ações culturais públicas e gratuitas⁷⁷. Isso ocorreria apenas em 2016, ou seja, nos 110 anos de comemoração. Assim, foi necessário buscar patrocinadores

⁷⁷ Sendo uma das competências da Casa Civil: coordenar ações, promover a gestão e firmar convênios e congêneres objetivando a execução de programa de trabalho, projeto, atividade ou evento de duração certa, de interesse recíproco e em regime de mútua cooperação, cujo projeto de atendimento se dê no âmbito do social, da saúde, do esporte, da educação e/ou da cultura, bem como de melhoria da qualidade de vida da população cearense; contratar compra de materiais e serviços de qualquer natureza [...] (CEARÁ, 2017)

que pudessem colaborar com a logística, mesa e caixas de som, microfones, pagamento de cachês de artistas e seguranças. Esse apoio ficou a cargo das empresas citadas. Além disso, a dirigente da Velaumar expediu ofícios aos órgãos da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros, informando sobre o evento e solicitando apoio. O Órbita Bar (casa de shows) também colaborou com alimentos a ser distribuídos aos moradores. A Faculdade Maurício de Nassau cooperou com a participação de estudantes para o atendimento na área da saúde, tais como o aferimento de pressão, orientação para o cuidado com a diabetes, combate à dengue e zoonoses.

Naquele ano (2013), na organização das festividades, houve conflitos entre as lideranças do Poço da Draga. Primeiro, de acordo com a dirigente da ONG, o último presidente da Associação dos moradores foi convidado para o evento, mas não compareceu. Em uma nota de campo do ano, foi registrado outro conflito:

Quando perguntei Dona Gardênia se ia à festa, respondeu, com um ar aborrecido: “não”, e quando indaguei por que, ela disse: “porque não!” E mudou de assunto, passando a falar da reforma que ia fazer em sua casa. Depois, por iniciativa própria, explicou que a Azaleia [Diretora da Velaumar] “fez tudo sozinha”, não chamou nem a ela, nem a seu filho, nem ao [geógrafo que mora na comunidade⁷⁸] para participar da organização do evento. Disse que ficou chateada, pois tinham coisas a sugerir e queria também comemorar os três anos de criação do Conselho Comunitário de Desenvolvimento Social [...] “Ainda vou fazer uma comemoração do aniversário do meu conselho” (Nota de Campo, 26 de maio de 2013).

Na época, esse fato mostrou uma disputa entre líderes comunitários do Poço da Draga. No entanto, percebi em minhas idas ao campo que as duas lideranças não deixaram de se falar, por este motivo ou por qualquer outro. Em contrapartida à reclamação da moradora por não ter sido convidada, a diretora da ONG afirmou que não houve interesse das pessoas em organizar a festa, apesar de ter no cartaz a informação de que os moradores foram os “apoiadores”. Em 2018, a senhora que reclamou que não pode participar no evento em 2013, participou ofertando uma oficina de artesanato aos moradores.

Em 2014, o aniversário veio com o *slogan*: “108 anos de existência e resistência”, trazendo mais mudanças para a comemoração. A festa no ano anterior, que durou apenas um dia, agora, em 2014, duraria cinco dias, do dia 24 ao dia 26 de

⁷⁸ Esta pessoa se destaca nas discussões sobre a ZEIS do Poço da Draga e também é participante do Movimento ProPoço que, posteriormente, passa também a organizar as festividades do aniversário da localidade.

maio e do dia 31 de maio ao 1º de junho. O evento iniciou-se às 9 horas da manhã e terminou às 18h (para os domingos) ou às 20h (nos outros dias). Houve um cronograma de apresentações variadas, tais como show humorístico, programação infantil, esportes, apresentação de quadrilhas juninas e de instrumentos musicais, tais como de flauta doce, apresentado por um grupo de crianças da localidade. Naquele ano, iniciou-se um passeio pelo Poço da Draga, que ainda não tinha o nome “Visita Guiada”. Também houve palestra para a conscientização sobre moradia: “Conversando com o Poço sobre moradia e território”, com a professora da UFC Linda Gondim. O penúltimo dia da festa contou com um evento católico⁷⁹: a Coroação de Nossa Senhora e o último dia, com a festa de encerramento. O festejo não possuiu cartaz de divulgação, mas teve divulgação em jornais da cidade, destacando a presença do Prefeito de Fortaleza, Roberto Cláudio (POÇO DA..., 2014).

O aniversário de 109 anos do Poço da Draga, em 2015, foi organizado pela Velaumar e pelo Movimento ProPoço⁸⁰. O cartaz mostrado na Figura 17 não trouxe somente como aniversariante a Ponte e o Poço da Draga, mas também mencionou o porto e as pessoas da localidade.

Figura 17 – Cartaz do 109º Aniversário da Ponte Metálica



Fonte: Divulgação no Facebook (LIMA, 2015).

O roteiro do evento trouxe uma programação para cobrir quatro dias de festividades. Para o público infantil e juvenil tal programação era baseada em atividades lúdicas, esportes, capoeira infantil, torneio de futebol de salão feminino. Para o público em geral houve palestra sobre educação ambiental, exposição de fotos

⁷⁹ Este foi o único ano em que houve um evento católico entrou no cronograma do aniversário.

⁸⁰ Movimento atuante no Poço da Draga. Sobre o ProPoço será visto ainda neste capítulo.

dos moradores e da localidade e roda de conversa com o título: “Poço da Draga: identidade, patrimônio e moradia de qualidade”, com as professoras Linda Gondim (UFC) e Hilda Costa do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Na festa também ocorreu a reunião dos Guardiões da Memória⁸¹ e o passeio pelo Poço da Draga que levou o nome de “Visita Guiada”. Este passeio pelo Poço da Draga é realizado por um morador e participante do Movimento ProPoço. A programação também teve oficinas de arte, apresentações musicais, concurso da Beleza do Poço, desfile da melhor *Drag Queen* e, por fim, a festa de encerramento do aniversário. As atividades ocorreram, em sua maioria, no Pavilhão Atlântico e isso gerou discussões entre os organizadores, pois o evento poderia se esvaziar por se localizar em um único espaço comunidade. Assim, nos anos seguintes, as atividades do aniversário ocorreriam não só no Pavilhão Atlântico, ou seja, à margem da localidade, mas também no interior dela, na rua principal, a Viaduto Moreira da Rocha.

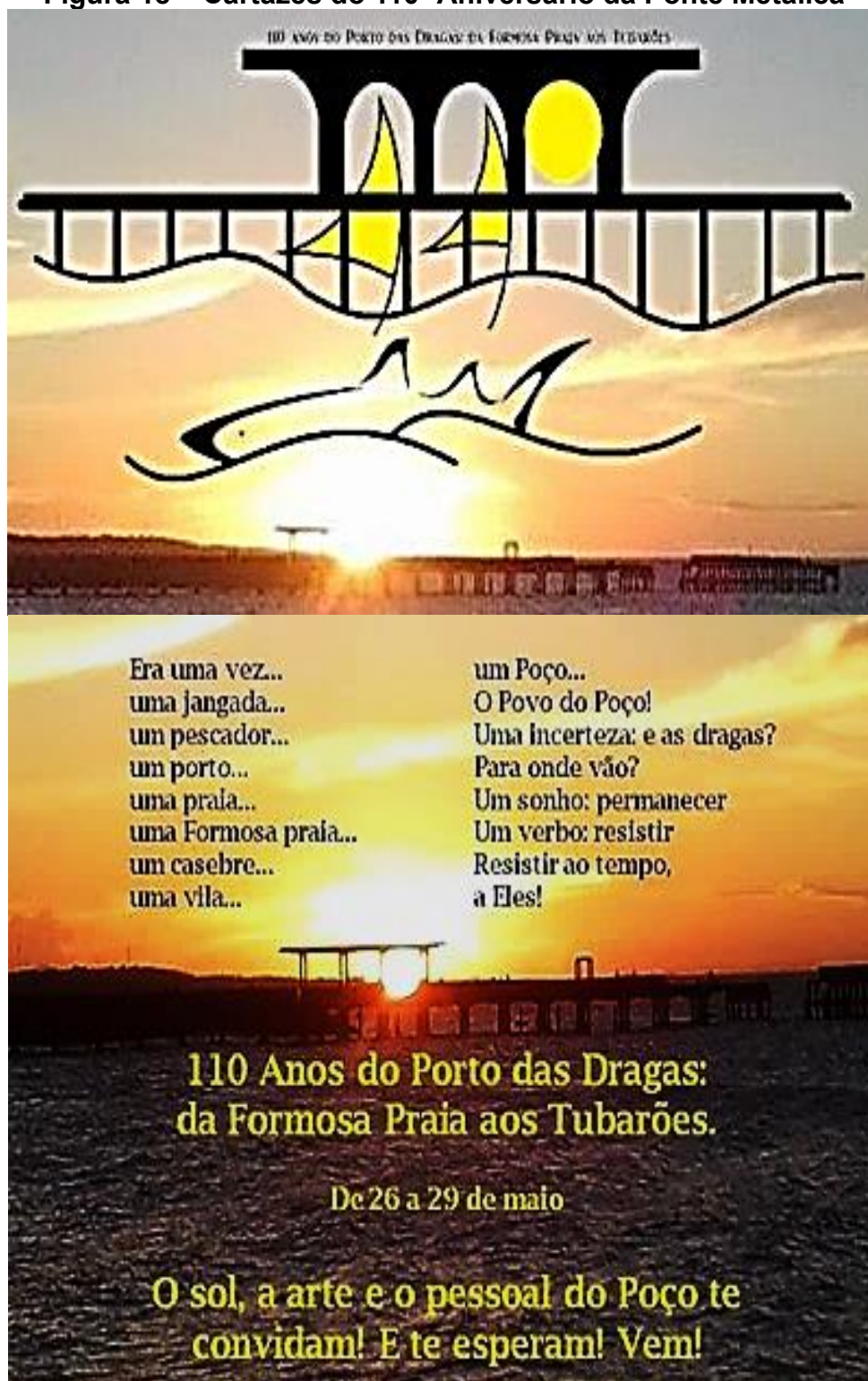
No aniversário de 110 anos, em 2016, o evento foi divulgado na rede social Facebook pelo Movimento ProPoço, que foi um dos organizadores da festa. O nome “Porto das Dragas” faz alusão ao antigo porto existente no local. (Ver Figura 18).

O título do cartaz tinha o intuito de chamar a atenção sobre a importância que o antigo porto e o mar tiveram para os moradores, além de destacar a constante vigília dos “olhares dos tubarões”, em uma analogia às ameaças de remoção, anteriormente mencionadas, que o Poço da Draga já passou. O texto do evento abaixo foi escrito pelos participantes do ProPoço, na página do grupo no Facebook:

A comunidade do Poço da Draga tem a Honra [sic] de pedir emprestado do primeiro Porto da cidade, a Ponte Metálica, sua data de comemoração de inauguração a 26 de maio de 1906. Aquele período em que a cidade entrava de vez no cenário de rotas comerciais, propiciou o surgimento de um núcleo de habitações formado por pescadores, retirantes e embarcadiços. Este povoado, chamado de Poço da Draga, ali se fixou tanto para moradia como pra dar suporte às demandas das atividades portuárias. O nome faz referência às Dragas que atracavam naquela localidade praieira de nome Praia formosa. O registro mais antigo que temos conhecimento é de um cartão postal datado de 1930, do arquivo do memorialista Nirez. O porto se mudou para o mcuripe [sic] nos anos 50, e no seu antigo local, já Praia de Iracema, permaneceu a comunidade em meio a um bairro pulsante, outrora característico na pesca, pescadores e peixes. O Poço da Draga, hoje, é alvo de olhares mais parecidos com os de um peixe predador, o tubarão, sentindo-se este, a presa, porém com o espírito do golfinho, sumido das águas da Formosa e Iracema, combatente do predador do peixe cação, sendo o seu maior rival em ação. Texto: Movimento Propoço (MOVIMENTO..., 2016).

⁸¹ Os Guardiões da Memória serão melhores apresentados ainda neste capítulo.

Figura 18 – Cartazes do 110º Aniversário da Ponte Metálica



Fonte: Cartaz do Evento criado no Facebook (MOVIMENTO..., 2016).

O primeiro registro histórico, como se pode ler na citação do texto do Facebook, trata de um cartão postal de Fortaleza, destacando a vista da cidade a partir do Porto de Fortaleza, uma pequena baía apreciada por um solitário observador e o “Poço da Draga”, como diz o escrito logo abaixo na foto (Ver Figura 19). Para os

organizadores do aniversário, este registro é importante, pois assim, o Poço da Draga faria parte da história do desenvolvimento da cidade e é a afirmação de seu status de localidade antiga.

Figura 19 – Registro do Poço da Draga em um cartão postal de 1930



Fonte: Atribuído ao Arquivo Nirez (CHAVES, 2006).

A festa de aniversário dos 110 anos do Poço da Draga se dividiu em quatro dias de comemoração e trouxe eventos tais como a Visita Guiada pelo Poço da Draga, os Guardiões da Memória, lançamento do livro “Cartografia Social e Cidadania” do professor Jeovah Meireles (GORAYEB; MEIRELES; SILVA, 2015), show de humor com o artista cearense Lailinho Brega, apresentações musicais, exposições fotográficas, oficinas de arte, palestras sobre educação ambiental e torneio esportivo de futebol de salão masculino.

No aniversário de 111 anos, em 2017, o cartaz (ver Figura 20) traz novamente a Ponte Metálica como aniversariante. Os cartazes de divulgação dos aniversários no Poço da Draga foram produzidos por um dos integrantes do Movimento ProPoço que, aqui chamaremos de Lótus.



Fonte: Cartaz do Evento criado no Facebook (MOVIMENTO..., 2017).

Contudo, nas divulgações em jornais sobre o aniversário, em 2017, é anunciado o aniversário do “Poço da Draga”, assim como nos anos anteriores – 2013, 2014, 2015 e 2016⁸². A divulgação do aniversário também ocorreu pelo meio digital através da rede social Facebook, nos perfis pessoais dos dirigentes da Velaumar, participantes do Movimento ProPoço e nas páginas do Poço da Draga e da ONG Velaumar.

As atividades para os quatro dias de festejos, do dia 25 a 28 de maio, contaram com programação infantil que ocupava as manhãs de todos os dias festivos com atividades lúdicas, incentivo à leitura, pinturas livres, jogos de tabuleiros, torneio de futebol de salão e roda de capoeira. Além disto, para os adultos, houve oficinas de fotografias; dança contemporânea, ritmos variados, com a salsa, merengue e carimbó, e atividade física com o ritmo Zumba; apresentações musicais de moradores do Poço da Draga tais como as Empreguetes (performance) e as Finas Irmãs Flautistas, apresentação musical de bandas covers – Banda Skyler (The Beatles), rappers; festas: Discotecas Pavilhão, forró pé de serra, e reggae; o tradicional Sarau do Poço da Draga; bloco carnavalesco, exposição de fotos e filmes sobre a comunidade; performance “Vocês viram um cará morto na praia?” encenado pelo morador do Poço,

⁸² Ver matérias: (MAIA, 2013); (POÇO DA..., 2014); (COMUNIDADE..., 2015); (ABREU, 2016); e (MONEIRO, 2017).

Wagner Castro; rodas de conversas sobre a relação mulher e música. A reunião do grupo, “os Guardiões da Memória”, aconteceu como o tema “111 realidades do Poço da Draga” e a Visita Guiada pelo entorno do Poço da Draga ficou em dois dias do programa. Além da exposição de fotos dos moradores promovida pelo Grupo Rastros Urbanos⁸³, com o tema “Habitar é deixar rastros...” coordenado pelos professores Cristina Maria, do Departamento de Ciências Sociais, e Tiago Cavalcante, do Departamento de Geografia, ambos da UFC. No ano seguinte, o mesmo grupo seria responsável pela reunião dos Guardiões da Memória.

A extensa programação ficou dividida em vários espaços da localidade: o Espaço Tenda 111 (tenda aberta entre o Pavilhão e o prédio da CIDAO); o Espaço #Maroca (ao lado da Caixa Cultural); o Espaço Pavilhão (o próprio prédio); Espaço Ponte Velha 111 (embaixo da ponte e ao lado da dela); Espaço da praia Sunset Café (entre a quadra poliesportiva e a Ponte Metálica); a Casa da Dona Yolanda; Espaço do Churrasco do Jacson (entrada da Travessa da CIDAO); Espaço Cantinho da Mara (banca de comida em frente ao Chafariz); a quadra poliesportiva; e por fim, as ruas do entorno e de dentro do Poço da Draga. Segundo organizadores, o objetivo foi levar a festa para dentro e fora da localidade e fazer com que os moradores participassem mais das atividades do aniversário.

Segundo os cartazes (Ver Figura 21 e 22), o evento teve a realização dos moradores do Poço da Draga, a ONG Velaumar, o Movimento ProPoço e apoiadores da causa da localidade. Estes seriam pessoas que não são moradores do Poço, mas que contribuíram para o evento, seja ofertando palestras, participando das rodas de conversas, ou dirigindo monitorias ou oficinas.

⁸³ O Grupo de Estudos e Pesquisas Rastros Urbanos atua desde 2011, desenvolvendo atividades de pesquisa e extensão. Ele está registrado no Diretório de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O projeto de extensão atual é o *Fotobiografias a Fortaleza que se conta em acervos fotográficos pessoais*.

Figura 21 – Programa do 111º Aniversário do Poço da Draga, dias 25 e 26 de maio de 2017



Aniversário de 111 anos do Poço da Draga

<p>25/05 – Quinta</p> <p style="text-align: center;">Manhã</p> <p>09:00- 12:00 – Espaço Pavilhão</p> <p>- Programação infantil (Brincando de brincar), Espaço de Convivência (livros, revistas sobre o Poço em mesas, jogos de tabuleiro e atividades em geral) e Projeto Cantando e Encantando.</p> <p>- Ação Saúde no Poço (profissionais da saúde, aferição de pressão, entre outros).</p> <p>- Ação Social (Conselho Tutelar, documentação, carteira de identidade, certidões, entre outros).</p> <p style="text-align: center;">Tarde</p> <p>14:00- 15:00 – Espaço Pavilhão</p> <p>- Balê infantil – Projeto Semente de Esperança de Caucaia (Juizado especial de Caucaia, sob a responsabilidade das filhas de Sant'ana na pessoa da Irmã Paulina).</p> <p>15:00- 16:00 – Espaço Pavilhão</p> <p>- Dança contemporânea - Projeto Semente de Esperança de Caucaia (Juizado especial de Caucaia, sob a responsabilidade das filhas de Sant'ana na pessoa da Irmã Paulina).</p> <p>15:00- 16:00 – Espaço Pavilhão</p> <p>- Percussão - Projeto Semente de Esperança de Caucaia (Juizado especial de Caucaia, sob a responsabilidade das filhas de Sant'ana na pessoa da Irmã Paulina).</p> <p>15:00 - 17:00 - Espaço da Praia na Ponte Velha</p> <p>- Jogos cooperativos com o professor Márcio do Atitude Atletas</p> <p>16:00 - Espaço da Praia na Ponte Velha</p> <p>- Projeto Água Viva, performance Lua Nova com Naiana Blue</p> <p style="text-align: center;">Noite</p> <p>18:00- 19:00 – Espaço Cantinho da Mara (Chafariz)</p> <p>- Bate-papo sobre Direito e Reforma trabalhista com advogado Paulo Ricardo Ferreira.</p> <p>18:00- 19:00 – Espaço Cantinho da Mara (Chafariz)</p> <p>- Grupo de chorinho Flor Amorosa</p> <p>A partir de 17:00 – Entorno do Poço da Draga</p> <p>- Exposição Histórias do Poço, com curadoria de Txai Costa e Mendes. A exposição acontecerá durante toda a programação</p> <p>20:00 - 00:00 – Quadra</p> <p>-LDPD liga desportiva poço da draga</p> <p>21:00 - 22:40 - Espaço Pavilhão</p> <p>- Tambor de Crioula - Filhos do Sol</p> <p>Realização:</p> <p>Moradores do Poço da Draga e apoiadores da causa da comunidade</p>	<p>26/05 – Sexta</p> <p style="text-align: center;">Manhã</p> <p>09:00- 12:00 – Espaço Pavilhão</p> <p>-Programação infantil (Brincando de brincar), Espaço de Coivência (livros, revistas sobre o Poço em mesas, jogos de tabuleiro e atividades em geral) e Projeto Cantando e Encantando.</p> <p>-Oficina de brinquedos recicláveis e apresentação de malabares com Júlia Jardim e Mariana Menezes.</p> <p style="text-align: center;">Tarde</p> <p>15:00 - 16:00 - Espaço Pavilhão</p> <p>- Oficina de fotografia com a temática "Cotidiano do Poço", com o fotógrafo Luiz Alves</p> <p>15:00 - 17:00 - Espaço da Praia na Ponte Velha</p> <p>- Jogos cooperativos com o professor Márcio do Atitude Atletas</p> <p>16:00- 17:00 – Casa da D. Iolanda (Josélia)</p> <p>- Sarau de Senhoras do Poço com o Professor Rodrigo.</p> <p style="text-align: center;">Noite</p> <p>18:30- 19:30 – Espaço Tenda 111</p> <p>- Apresentação de ritmos em formato de atividade de zumba com moradoras do Poço da Draga e entorno com Professor Kleber França</p> <p>18:30- 21:00 – Espaço do Churrasco do Jacson</p> <p>- Reggae com Greg Vibration e Bandit Dubwise</p> <p>19:00- 20:00 – Espaço Pavilhão</p> <p>- Show com Jordan Kelvin – Melhores que Ontem - música sertaneja.</p> <p>19:30- 19:45 – Espaço Pavilhão</p> <p>- Parabéns dos 111.</p> <p>20:00 - 20:30 - Espaço 111</p> <p>- Concurso Garota Poço 111?</p> <p>20:00 – 00:00 - Quadra</p> <p>- Torneio masculino de Futsal</p> <p>21:00 - 00:00 – Espaço Pavilhão</p> <p>-Viva laPachanga - Festa com apresentação de salsa, merengue, carimbó e outros ritmos latinos.</p> <p style="margin-top: 20px;">Apoio:</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;">      </div> <p style="text-align: center; margin-top: 10px;">OBS: PROGRAMAÇÃO SUJEITA A ALTERAÇÕES</p>
--	---




Fonte: Divulgação, 2017.

Figura 22 – Programa do 111º Aniversário do Poço da Draga, dias 27 e 28 de maio de 2017

Aniversário de 111 anos do Poço da Draga

27/05 – Sábado

Manhã

09:00- 12:00 – Espaço Pavilhão

Programação infantil (Brincando de brincar), Espaço de Convivência (livros, revistas sobre o Poço em mesas, jogos de tabuleiro e atividades em geral) e Projeto Cantando e Encantando- Ateliê ao ar Livre com Milton Ferreira da Associação dos Moradores do bairro da Serrinha- AMORBASE.

Tarde

14:00- 15:00 – Espaço Pavilhão

- Roda de conversa sobre Cidadania e Sociedade, com Arthur Petrola (Professor de Psicologia) e a Aquiteta Taís Pontes

15:00 - 15:30 - Pavilhão Atlântico

- Bloco carnavalesco Bons Amigos

15:30- 18:00 – Espaço Tenda 111

- Roda de conversa a "111 realidades do Poço da Draga" com: Guardiões da Memória e pessoas que já estiveram, viveram, além de es creverem sobre as vivências do Poço

16:00 - 17:00 - Pavilhão Atlântico

-Exposição de Fotobiografias – Poço da Draga - do Departamento de Ciências Sociais – UFC

16:00-17:00 - Espaço Pavilhão

-Roda de conversa sobre arte urbana: criação de utopias com Natalia Coelho.

16:00- 17:00 – Entorno do Poço da Draga

- Expresso 111 – visita guiada com Sérgio Rocha, Geógrafo e morador do Poço da Draga

16:00- 17:00 - Espaço Pavilhão

- Bate-Papo – Abrindo a caixa de ferramentas para ajustar as escolhas – com a professora Alessandra Schiarantolla

Noite

A partir das 18:00 – Espaço da Praia na Ponte Velha

- Cinemar (Mostra de vídeos sobre o Poço da Draga realizado pelos moradores do Poço e colaboradores dessa atividade), além da participação especial do Ser Ver Luz.

19:00- 20:00 – Espaço Tenda 111

- Show com a Banda Skyler cantando cover dos Beatles

20:00 - 00:00 - Quadra

- Torneio feminino de Futebal

20:30- 00:00 – Espaço Tenda 111

- Discoteca Pavilhão traz – Estácio Facó e Cé da Silva tocando sucessos desde os tempos da Quadra do S. Lôro, Quadra da D. MF Pretinha e Forró da D. Doca dos anos 70 e 80

-Realização:

Moradores do Poço da Draga e
apoiadores da causa da comunidade

28/05 – Domingo

Manhã

09:00- 12:00 – Espaço Pavilhão

-Programação infantil (Brincando de brincar), Espaço de Convivência (livros, revistas sobre o Poço em mesas, jogos de tabuleiro e atividades em geral) e Projeto Cantando e Encantando.

09:00- 10:00 – Espaço Pavilhão

-Roda de Capoeira Semente do Amanhã – Mestre Tubarão (Manelzinho) e Mestres convidados

10:00- 15:00 – Espaço Pavilhão

-Feijoada "O Poço celebra seus 111 anos" com samba da banda Samba Brasil e convidados.

Tarde

15:30- 16:30 – Espaço Tenda 111

- Sarauzona com Tales Azingo

- Roda de conversa com surfista Izabela Souza sobre sua trajetória no esporte

16:00- 17:00 – Entorno do Poço da Draga /Espaço Pavilhão

- Expresso 111 – visita guiada com Sérgio Rocha, Geógrafo e morador do Poço da Draga.

16:45- 17:30 – Espaço Ponte Velha 111, embaixo da ponte

-Performance "Vocês viram um cará morto na praia?" Encenado por Wagner Castro, morador do Poço da Draga.

16:45- 17:30 – Entorno do Poço da Draga – do Chafariz ao Pavilhão

- Performance Cor-Poético com Hayá Freitas, Rick Alves e Jéssica Alves

17:00 - 18:00 – Espaço # Maroca – ao lado da Caixa Cultural

- Forró pé de Serra com a banda Lampião Encantado

Noite

18:00- 19:00 – Espaço Pavilhão

- Coletivo Noz Voz Elas: Roda de Conversa sobre a relação mulher e música, seguido com shows.

20:00 - 22:00 - Quadra

- Torneio infantil de Futebal

19:30 - 20:00 – Espaço Pavilhão

- Talentos do Poço: As Empreguetes (Marilac, Tanete, Taneide e Tanilda), Finas Irmãs Flautistas (Deís e, Deisiane e Denise).

20:00- 21:00 – Tenda 111

- Preto Rapper

21:30- 23:00 – Espaço da praia Sunset Café

- Show com Nayra Costa

Apoio:









OBS: PROGRAMAÇÃO SUJEITA A ALTERAÇÕES

Fonte: Divulgação, 2017.

Na avaliação dos organizadores do evento de 2017, a extensa programação, dividida em quatro dias que tinha o intuito de facilitar a participação dos moradores nas atividades, diversificando horários e locais, não conseguiu atrair um grande número de pessoas. Dessa forma, alguns concluíram que muitas dessas atividades ficaram esvaziadas. Outro ponto que consideraram foi diminuir a quantidade de espaços, tentando concentrar mais as atividades em menos lugares.

No aniversário de 112 anos do Poço da Draga, em 2018, (ver Figura 23), participei das reuniões preparatórias que ocorreram na sede da Velaumar, tendo início na primeira quinzena de abril e uma vez por semana, nas segundas-feiras, até perto do dia do evento. Nessas reuniões foi decidido o que seria colocado no cronograma de toda a festa. Em muitas delas, poucos moradores compareceram para contribuir com alguma ajuda ou sugestão. Uma das vezes, apenas eu e a diretora da Velaumar comparecemos à reunião semanal. Essa era uma das reclamações não só da diretora, como também de outros poucos moradores que compareceram aos outros dias de reunião.

Figura 23 – Cartaz do 112º Aniversário da Ponte Metálica



Fonte: Divulgação, 2018.

O aniversário do Poço da Draga de 2018 contou com uma programação de três dias de festa. Muito do que ocorreu nos anos de festividades anteriores se repetiu: show humorístico, programação infantil, ações sociais, esporte. Outros eventos merecem realce na comemoração. São eles: o encontro dos “Guardiões da Memória” e a “Visita Guiada”. Estes, que já haviam ocorrido em aniversários anteriores, serão

descritos a seguir.

O tempo de existência do Poço da Draga é reiterado, nos festejos, como forma de realçar a importância histórica da localidade em várias instâncias, ou seja, não só para o morador fincar raízes de uma longa trajetória, mas também no enfrentamento ao Poder Público em casos de remoções. Nesse sentido, fazer o outro saber do tempo de habitação se torna importante como forma de manter a história do local. O encontro dos moradores mais antigos leva o nome de Guardiões da Memória. Nessas ocasiões, costuma ser destacado em suas falas o tempo de moradia no lugar. Em 2018, esse encontro teve a organização do Grupo Rastros Urbanos, da UFC, já mencionado (ver Figura 24).

Figura 24 – Cartaz sobre o evento “Guardiões da Memória”



Fonte: Anderson Lima⁸⁴, 2018.

⁸⁴ Anderson Lima criou o cartaz especialmente para o evento.

O projeto Guardiões da Memória foi concebido pela diretora da Velaumar, Azaleia, em 2014, “é um projeto [...] que fala sobre da parte oral, da história oral da comunidade. E [...] quando a gente vai fazer uma ação na comunidade, a gente coloca os Guardiões para relatar a vivência deles aqui na comunidade”. Em entrevista com a dirigente, ela relata que foi nos festejos do aniversário de 110 anos do Poço da Draga que o projeto foi realizado pela primeira vez:

[...] a gente queria dar uma visibilidade da história [dos moradores] da comunidade [...]. A gente trouxe [os Guardiões da Memória] para dentro da comunidade e a coisa começou a fluir e virou um projeto sólido. Tanto que [o guia] [...] [nas visitas guiadas], geralmente, é ele quem apresenta os moradores [Guardiões]. Pra nós, eles são uma referência da comunidade e eu espero que esse projeto se perpetue até quando tiver o último morador do Poço da Draga (Azaleia, entrevista realizada em 4 set. 2018).

Os Guardiões da Memória reúnem os moradores com mais tempo de residência na localidade, e eles contam suas memórias e suas histórias desde quando chegaram ou nasceram no Poço da Draga; falam sobre as mudanças físicas do lugar e sobre suas vidas ali às novas gerações e também aos visitantes do evento.

Como dito anteriormente, a reunião dos Guardiões da Memória, em 2018, foi organizada pelo Grupo Rastros Urbanos, que tinha o intuito de dar mais atenção a esses moradores e suas memórias, pois, segundo a coordenadora do grupo, no ano anterior a reunião não teve a devida centralidade e destaque na programação geral. Nesse sentido, o grupo promoveu e divulgou o evento que ocorreria na casa da “Madrinha do Poço da Draga”, Dona Iolanda. Na reunião, o grupo apresentou dois cubos feito de cartolina, com fotografias de cada lado do objeto. Este foi dado aos Guardiões que giravam o objeto, em cada foto havia uma surpresa: “olha, Gardênia, é você aqui nas pedras da praia, parece uma modelo” “ah, a minha mãezinha...[choro], me desculpe” (Violeta, fala dos Guardiões da Memória, em 27 de maio de 2018). O cubo revelava as fotos e os guardiões das memórias ao público que compareceu, e que lhes faziam as perguntas.

Um exemplo de guardião é uma senhora de 73 anos, apesar de não aparentar, por ser muito ativa. A senhora declama em alto e bom som: “sou a moradora mais antiga! Tenho 73 anos de vida aqui no Poço da Draga. Eu nasci aqui, sabia?” (Guardiões da Memória, em 27 de maio de 2018). Sua alegria em dizer isso é refletida nas suas histórias de infância dentro de um contexto, em uma época em que o Poço da Draga está iniciando o seu adensamento, principalmente, quando ela diz que

estudou na escola das Irmãs Josefinas ou quando fala do tempo em que não havia as casas do Pocinho. As histórias repassadas para as outras gerações são, para os moradores, uma forma de manter sua identidade, memória e a permanência no local (GOMES, 2019). Segundo Gomes, soma-se a esse fator a questão dos locais – Ponte Metálica, Escolinha das Irmãs Josefinas (Pavilhão Atlântico), o mar – além dos próprios eventos cíclicos como os encontros dos Guardiões, as Visitas Guiadas e os aniversários, que são “estratégias, instrumentos de memorialização de que as pessoas têm feito uso para fortalecer suas memórias, criando espaços de enunciação” (p. 244)

As festas são marcadas de lutas e alegrias, exalta a diretora da Velaumar. Contudo, em 2018, dois episódios marcam com violência dois eventos na região: o Maloca Dragão (evento musical realizado pelo CDMAC e Governo do Estado) e o aniversário de 112 anos do Poço da Draga. A Polícia Militar invadiu a localidade em busca de suspeitos. A primeira invasão foi numa tarde de sábado, 28 de abril, e a festa ocorreria à noite e a segunda invasão, na tarde de domingo 27 de maio. Em cada invasão, um projétil foi disparado, não se sabe se pela polícia ou se pelos procurados, ferindo um rapaz e uma senhora de 80 anos, respectivamente. Esclareço que ambos não estavam nos festivais citados, mas em suas residências. Destaco ainda que em festejos anteriores, nos quais participei no Poço da Draga e citados aqui neste trabalho, não houve episódio de violência.

Na festa de 113 anos do Poço da Draga, em 2019, o cartaz apresenta a Ponte Metálica e dela saltadores transformando-se em pássaros, simbolizando uma modificação, para alçar outros voos ou mesmo significando a liberdade. A divulgação foi feita pela ONG Instituto Cultural Iracema⁸⁵, através do “Praia de Iracema – Fortaleza dos Encontros”, projeto cultural da entidade realizado no bairro citado, conforme a figura 25.

A programação deste ano ocorreu em apenas três dias. No primeiro dia, sexta-feira, dia 24, com início às 18 horas e término às 20 horas. No sábado e domingo, dia 25 e 26, a programação foi mais extensa: iniciou-se às 08h00, com término às 21 horas.

⁸⁵ O Instituto Cultural Iracema é uma associação civil, pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, de interesse coletivo que desenvolve ações culturais, sociais, urbanísticas, esportivas e de economia criativa. Qualificada como Organização Social pelo Decreto Municipal nº 12.846, de 15/08/2011 (Diário Oficial do Município de 23/08/2011). Instituto Cultural Iracema. Quem somos. [s/d]. Disponível em: <<https://www.institutoiracema.com/quemsomos>>. Acesso em: 4 jun. 2019.

Figura 25 – Cartaz do 113º Aniversário da Ponte Metálica



Fonte: Divulgação, 2019

Além dos serviços sociais, já frequentes na programação dos aniversários, houve no primeiro dia, a apresentação de um vídeo do grupo Vernissage Instalação intitulado “Mulheres do Poço em Movimento”. Nele, apresentavam-se cinco moradoras de várias faixas etárias da comunidade, falando de suas vidas e sua relação com o local. Uma delas, uma jovem, disse que aprendeu a saltar da Ponte Metálica aos 12 anos de idade, que sua relação com a ponte e com o mar não se separam, pois, para ela, a ponte é lugar de fazer muitas coisas – namorar, saltar, descansar, observar o pôr-do-sol – e ela não se vê saindo e vivendo em outro lugar. No sábado, o destaque do aniversário foi o Sarau do Poço da Draga e o encontro dos Guardiões da Memória, que aconteceram no mesmo horário, pois a composição foi a mesma em frente ao Pavilhão, ou seja, como os mesmos integrantes falando da sua vida, da vida no Poço e muita música.

No domingo, foi o dia dos shows e de cantar parabéns para a Ponte/Poço. No último dia da festa havia muitas pessoas no show de encerramento. Mas a avaliação de uma moradora revela um sentimento de desapontamento e a sensação que o morador não se engaja mais nos eventos da comunidade, pois poucos eram os moradores do Poço da Draga ali presente. “Você viu pelo aniversário, três dias e pouca gente apareceu. Quer dizer, não está tendo engajamento, o pessoal é muito acomodado, e o pessoal também já tão calejado de tanta promessa, de sai ou não

sai” (Gardênia, entrevista realizada em 28 de maio de 2019). O motivo também seria o desapontamento com as lideranças que não mais trabalhariam pela comunidade, como se deu, em relação a AMPODRA, e também a questão de a Velaumar ser uma entidade controlada por uma família, segundo alguns moradores.

Desde de 2015, a festa de aniversário do Poço da Draga é promovida pela Velaumar, em conjunto com outro grupo, o Movimento ProPoço⁸⁶ e é responsável pela “Visita Guiada”. É um pequeno grupo, criado em 2015, a partir de um morador, uma ex-moradora e três amigos (não moradores) para promover eventos culturais na localidade, com o principal objetivo de dar maior visibilidade às lutas do Poço. Em sua descrição na página de uma rede social de internet, afirma que:

O Movimento ProPoço é uma iniciativa independente, formada por moradores e entusiastas pela causa de pertencimento à comunidade do Poço da Draga. A equipe é formada por integrantes de várias áreas do conhecimento, com intuito de promover arte e cultura como instrumento de interação social para resgatar o sentimento de fazer parte da comunidade e da Praia de Iracema, assim como da cidade. A proposta é proporcionar a compreensão e reflexão aos moradores sobre a realidade na comunidade, o seu papel na construção da história da cidade, e sua importância para identidade do local. (MOVIMENTO..., 2016)⁸⁷.

Figura 26 – Logomarca do Movimento ProPoço



Fonte: Gomes, 2019.

Os integrantes do ProPoço não participam da direção da Velaumar e vice-versa. Os dois grupos são distintos. O grupo não é uma ONG, se diz apartidário e desvinculado de qualquer movimento social (BRASIL *et al*, 2016). Suas ações englobam atividades culturais, educativas e de pesquisa. O movimento que surge em

⁸⁶ Contudo, muitos dos integrantes do ProPoço já ajudavam na organização antes do movimento ser criado.

⁸⁷ Não houve atualização da postagem da página do grupo desde 2016.

2015 despertou desconfiança na direção da ONG Velaumar, segundo Gomes (2019) que acompanhou o nascimento do ProPoço à época. O receio ao novo movimento seria de enxergá-lo “como um possível rival político e não como um potencial parceiro” (p. 39).

Gomes (2019) relatou conflitos ocorridos, em 2016, entre a Velaumar e o movimento ProPoço. Um dos fatos se deu quando um trabalho que deveria acontecer com parceria de ambos, a ONG se antecipara e realizara sozinha, como o réveillon do Poço da Draga. Segundo a autora, a própria criação do Movimento ProPoço e sua regularização como pessoa jurídica poderia trazer uma disputa local pela liderança social. Segundo a autora, na época da criação do movimento, em 2015, “o receio era de que, na hipótese de uma outra associação ou ONG se formalizar, houvesse uma mitigação da centralidade política ocupada pela Velaumar” (p. 41).

Em 2017, além do aniversário do Poço da Draga, o ProPoço promoveu eventos culturais, tais como: o bloco de carnaval *Cai no Poço*, o *Poço das Artes*, a *Festa no Poço*; e bailes como o *Baile da Saudade* e *Baile da Tertúlia*, além de um minicurso de canto. Para arrecadar fundos, o grupo realizou bazares na localidade. Em geral, essas atividades ocorreram principalmente no Pavilhão Atlântico. Contudo, o programa que mais se destaca do ProPoço é a “Visita Guiada”, em que o guia⁸⁸, o principal integrante do grupo e morador do Poço da Draga, leva os visitantes aos locais considerados por ele importantes para a localidade. Este programa não ocorre somente nos aniversários do Poço da Draga, mas também quando este recebe visitas de pessoas de outras comunidades, líderes comunitários e acadêmicos.

3.5 O levantamento comunitário

Além do aniversário do Poço, uma das ações que se pode destacar do ProPoço é o levantamento comunitário (BRASIL *et al*, 2016; NOGUEIRA, 2017).

O Movimento ProPoço sentiu a necessidade de produzir [...] [os] próprios dados [do Poço da Draga] e informações sobre a comunidade, e procurou a Universidade de Fortaleza (UNIFOR), especialmente o curso de arquitetura e urbanismo, para apoiá-los e ajudar a desenvolver a metodologia de levantamento de informações (BRASIL *et al*, 2016, s/p).

⁸⁸ Como será visto, esta mesma pessoa foi eleita integrante do Conselho Gestor da ZEIS do Poço da Draga na qualidade de morador e a Velaumar também participa como entidade da localidade.

Segundo a pesquisadora Amanda Nogueira (2017), que participou do levantamento, o trabalho ocorreu da seguinte forma:

Através de uma base de dados de um mapa fornecido pelo Instituto de Planejamento de Fortaleza [IPLANFOR], com o auxílio de imagens de satélites do Google Earth e imprecisões corrigidas pelos próprios moradores, montou-se um mapa norteador da pesquisa⁸⁹. [...] [as] equipes foram divididas da seguinte forma: um líder comunitário, um jovem residente e um membro pesquisador [...]. Além disso, montou-se uma base vetorial da comunidade utilizada em um Sistema de Informação Geográfica [SIG]. (NOGUEIRA, 2017, p. 78).

A elaboração do questionário do levantamento foi orientada a partir do conhecimento dos próprios moradores e dos profissionais – um geógrafo residente na localidade, a socióloga Marília Gomes, a arquiteta Amíria Brasil e seus alunos. Para obter os dados necessários, formulou-se uma ficha a qual foi dividida em oito tópicos: “habitantes, histórico, escolaridade, emprego, residência, esporte, relação com a praia e Acquário” (NOGUEIRA, 2017, p.76).

Segundo Nogueira (2017), para aplicação da metodologia do levantamento, alunos de duas universidades, Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e da Universidade Federal do Ceará (UFC) compunham o quadro das equipes: um pesquisador (universitário), um facilitador (líder comunitário) e um jovem residente da localidade. Nogueira explica que essa decisão foi fundamental para a aceitação do levantamento pelos moradores e para checar a veracidade das informações fornecidas.

O início dos trabalhos do levantamento deu-se em fevereiro de 2016 com término em junho do mesmo ano. Para o sucesso do trabalho, o sistema ia sendo alimentado à medida que os questionários fossem respondidos e, muitas vezes, a equipe tinha que voltar ao mesmo domicílio, pois não encontrava pessoas lá.

O levantamento propôs-se a elucidar alguns equívocos que se tem a respeito do Poço da Draga (BRASIL *et al*, 2016). Um deles foi a quantidade de moradores da localidade, que varia em sondagens já realizadas, sendo maior na de 2016. Também maior é o número de famílias (371), quando se compara o resultado de 2016 com aqueles nos quais o dado está disponível, mesmo em datas mais próximas, como no caso do PLHISFor, que contou 284 famílias em 2012. Quanto ao número de imóveis, a pesquisa de 2016 constatou 340 – número maior do que o

⁸⁹ Ver ANEXO A.

registrado no Censo de 2010 (270 imóveis) e no PLHISFor de 2012 (257 imóveis), porém ligeiramente menor do que a quantidade de imóveis registrada pela HABITAFOR em 2012 (354 imóveis). Note-se a discrepância desses dados em relação à pesquisa feita por Gaspar em 1970, que constatou a existência de 500 imóveis – o que evidencia a diminuição da localidade, provavelmente por efeito de deslocamentos e remoção ocorridas no passado, como mencionado no Capítulo 2.

TABELA 9 – LEVANTAMENTOS REALIZADOS NO POÇO DA DRAGA

DISCRIMINAÇÃO	GASPAR 1970	SEINFRA 2001	CENSO 2010	HABITAFOR [2012]	PLHISFor 2013	LEVANTA- MENTO 2016
Pessoas	--	1071	1032	1032	1132	1200
Famílias	50 (*)	291	--	375	284	371
Imóveis	500	273	318	354	257	340

Fonte: GASPAR, 1970; SEINFRA, 2010; Censo 2010 (BRASIL, 2010); HABITAFOR, 2012; PLHISFor, 2013; BRASIL *et al*, 2016.

(*) Chefes de famílias. O autor fez entrevistas em 50 casas, com 50 chefes de famílias, ou seja, 10% do total das casas. Assim, não apresenta o dado sobre a população total (GASPAR, 1970).

4 PROJETOS E AÇÕES DA VELAUMAR

A Velaumar, além de ser um ator central na organização dos festejos de aniversário do Poço da Draga, desenvolve outras atividades e projetos para população da comunidade. Neste capítulo, pretendo identificar os recursos políticos, institucionais e financeiros utilizados pela Velaumar para as suas atividades e saber também qual é sua relação com o Poder Público

4.1 A Velaumar e a ZEIS do Poço da Draga

A ONG Velaumar tem participado de atividades pertinentes à regularização das Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS), dentre as quais se inclui o Poço da Draga. Este instrumento urbanístico, definido no Plano Diretor de Fortaleza⁹⁰, Lei Complementar de n.º 62 de fevereiro de 2009, intenta dar segurança contra as ameaças de remoção às populações de baixa renda:

O reconhecimento de áreas como destinadas para [a] [...] habitação implica dizer que é assegurado às comunidades [...] das ZEIS que a finalidade-mor da área é a habitação, e não a construção de grandes obras [...]. A criação de uma ZEIS implica a responsabilidade do Poder Público em fornecer garantias para que a finalidade habitacional seja cumprida e, de fato, mantida. Deve haver a garantia contra a remoção das populações, sobretudo porque com a instituição das ZEIS o que é intentado pela população é justamente a segurança jurídica da posse e as melhorias urbanísticas nas áreas previstas. Este [...] é um dos benefícios nucleares que as ZEIS podem trazer. (GOMES, 2010, p. 58)

Na noite do dia 19 de novembro de 2012, houve uma reunião no Poço da Draga com representantes da HABITAFOR e moradores da comunidade, da qual participaram integrantes do QDSP, do Coletivo Flor de Urucum e do Escritório Frei Tito⁹¹, da Velaumar, e a presidente do Conselho de Segurança Comunitário do Poço da Draga (2012/2013). O objetivo desta assembleia era formar uma comissão,

⁹⁰ O Estatuto da Cidade (Lei n. 10. 257/2001), que estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências, dispõe no artigo 40 que o Plano Diretor é uma norma municipal que serve de instrumento básico à política de desenvolvimento e expansão urbana.

⁹¹ “O Escritório de Direitos Humanos e Assessoria Jurídica Popular Frei Tito de Alencar, está vinculado à Comissão de Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará e presta assessoria de advogados que promove ações de educação popular e conscientização sobre direitos humanos e cidadania. O órgão é constituído por advogados e estudantes estagiários, que presta assessoria jurídica a movimentos sociais e comunidades de baixa renda, também atuou na Comunidade Poço da Draga, elaborando cartilhas que explicavam a importância da Zona Especial de Interesse Social” (ZEIS) (RODRIGUES, 2013, p.82)

integrada por pessoas residentes na comunidade, a qual seria responsável pela organização da eleição para o Conselho Gestor da ZEIS da localidade. De acordo com o que estabelece o Plano Diretor Participativo de Fortaleza (PDP-FOR), cabe ao Conselho Gestor de cada ZEIS formular, juntamente com representantes da Prefeitura Municipal, as regras específicas para a regularização fundiária e urbanística da comunidade, a fim de implantar a ZEIS.

Naquela mesma noite foi escolhida a Comissão eleitoral para organizar o pleito para o Conselho. Prontamente, a população do Poço da Draga se mobilizou e conseguiu formar um comitê eleitoral e, logo em seguida, elegeu o Conselho Gestor. Entretanto, no último mês da gestão da então prefeita Luizianne Lins (Partido dos Trabalhadores, PT-CE), os eleitos para o Conselho não foram nomeados. A prefeita prometeu assinar o decreto que oficializaria o Conselho Gestor do Poço da Draga, na reinauguração da reforma do Pavilhão Atlântico, no dia 30 de dezembro de 2012, último dia de sua gestão, mas não o fez (RODRIGUES, 2013). Para esta pesquisa, conversei com alguns moradores sobre o ocorrido e eles relataram que isso foi muito desmotivador.

Os preparativos para a formação do Conselho Gestor da ZEIS no Poço da Draga começaram em 2018, com a iniciativa do Instituto de Planejamento de Fortaleza (IPLANFOR)⁹². Foram realizadas reuniões na localidade com os moradores, com servidores da Prefeitura e funcionários do IPLANFOR, órgão que vem organizando o processo de implantação da ZEIS na Capital⁹³. Uma dessas reuniões ocorreu em julho, com o intuito de fazer a escolha da comissão eleitoral. Entretanto, as dirigentes da Velaumar fizeram um movimento entre os moradores para que nada fosse decidido naquele dia, alegando que ainda não havia sido esclarecido a eles o significado e a importância de uma ZEIS. O outro motivo, segundo as dirigentes, é que todo o processo seria feito no tempo dos moradores e não da Prefeitura, pois recearam que pudesse ocorrer novamente o mesmo processo infrutífero de 2012. Dessa forma, as pessoas que estavam ali acataram a sugestão. Outra reunião foi marcada pela Velaumar, mas desta vez sem a presença dos servidores da Prefeitura

⁹² O IPLANFOR é uma autarquia municipal com o propósito de atuar na geração do conhecimento, no monitoramento e avaliação de políticas públicas, na articulação do planejamento estratégico e participativo e no fomento de iniciativas inovadoras (FORTALEZA, [2018]).

⁹³ São as ZEIS dos bairros: Bom Jardim, Pici, Pirambu, Moura Brasil, Lagamar, Dionísio Torres (Vila Vicentina), Mucuripe, Serviluz e Praia do Futuro e a localidade do Poço da Draga. Cada ZEIS terá seu Plano Integrados de Regularização Fundiária (PIRF) que são ações que devem estar conectadas para que ocorra tal zoneamento.

ou do IPLANFOR, e com os moradores do Poço da Draga, para os devidos esclarecimentos. A escolha da Comissão Eleitoral se deu em uma terceira reunião, no dia 10 de agosto de 2018, para a formulação do edital para a eleição.

Pelo Decreto nº14.121 de 21 de maio de 2018, no Capítulo III, foi estabelecido que:

Art. 6º - O Conselho Gestor da Zona Especial de Interesse Social será composto pelos seguintes membros e seus respectivos suplentes: I – 6 (seis) representantes eleitos entre os moradores da comunidade; II – 6 (seis) representantes do Poder Público, distribuídos da seguinte forma: a) Gabinete do Prefeito b) Instituto de Planejamento de Fortaleza - IPLANFOR; c) Secretaria Municipal do Desenvolvimento Habitacional de Fortaleza - HABITAFOR; d) Coordenadoria Especial de Participação Social – CEPS; e) Secretaria Municipal de Urbanismo e Meio Ambiente – SEUMA; f) Secretaria Regional correspondente; IV - 01 (um) representante da Câmara Municipal de Fortaleza e seu suplente. Parágrafo único. Os membros constantes nos incisos III e IV serão indicados por ato do Prefeito Municipal de Fortaleza e do Presidente da Câmara de Vereadores de Fortaleza, respectivamente. Art. 6º Proceder-se-á, através do processo eleitoral ora normatizado, à escolha de 12 (doze) representantes da comunidade para integrar o respectivo Conselho Gestor, sendo 06 (seis) titulares e 06 (seis) suplentes, bem como de 01(uma) organização titular da sociedade civil e de 01(uma) organização suplente.

Em agosto, a comissão eleitoral organizou a lista dos candidatos concorrentes e a eleição ocorreu no dia 14 de setembro. Foram eleitos os 13 membros moradores do Poço da Draga para o Conselhos (6 titulares e 6 suplentes) e a Velaumar foi eleita como entidade representante da localidade, sem nenhuma outra para ser sua suplente. Cabe destacar que um dos integrantes do grupo ProPoço é membro titular do Conselho eleito. No dia 13 de novembro de 2018, no Teatro São José, na Praia de Iracema, o Conselho Gestor do Poço da Draga e das outras nove comunidades participaram da cerimônia de posse desses conselheiros, com a presença do prefeito da capital e do dirigente do IPLANFOR.

[...] agora, a gente vai fazer o PIRF [Plano Integrado de Regularização Fundiária], [...] que aí então vai realmente garantir a posse da terra, digamos assim. Apesar de que a posse da terra não é o fim último de uma criação de ZEIS. Porque aí, assim, a posse da terra tem que vir com melhorias de moradia, condições de saneamento, né, e tal, acessibilidade, tudo isso vem junto do pacote (Alisso, entrevista em 28 de maio de 2019).

Outra pauta levantada pelo novo Conselho Gestor do Poço da Draga é em relação ao perímetro do zoneamento realizado pela Prefeitura para a localidade, em que algumas casas ficaram fora, como as da Rua Gérson Gradvol e da Travessa Cidal e toda as casas da Vila dos Correios (ver Figura 27).

Figura 27 – Demarcação da área de ZEIS do Poço da Draga



Fonte: IPLANFOR, 2015⁹⁴, com marcações das áreas que estão fora do perímetro.

Tal marcação foi percebida pelos moradores e posta em discussão nas reuniões sobre a ZEIS em 2012, sendo classificado pelo então representante da HABITAFOR, Daniel Rodrigues, como um “equivoco. Contudo, em 2018, a marcação não se alterou, causando desconforto para os moradores cujas residências não foram beneficiadas com o zoneamento. Segundo Alisso, integrante do Conselho Gestor da ZEIS do Poço da Draga, esse será uma das pautas das lutas do grupo que é tentar colocar tais residências no perímetro da ZEIS.

4.2 Recursos financeiros e parcerias

Se no caso da ZEIS a participação da Velaumar se deu numa relação de institucionalidade com o Poder Público, em outras atividades as parcerias e os recursos mobilizados nem sempre eram claramente definidos.

Segundo as dirigentes da Velaumar, os recursos disponíveis para as atividades que realizam, em geral, advêm dos próprios integrantes da organização, mas, ainda de acordo com elas, isso é objeto de descrédito: **Verbena**: “[Usamos] só o nosso dinheiro, não entra o dinheiro de outra pessoa”. **Azaleia**: “Ninguém acredita

⁹⁴ A marcação em vermelho mostra as casas que não entram na ZEIS.

nisso, mas nós estamos falando sério” (Verbena e Azaleia, entrevista realizada em 25 de junho de 2018). Há contestações tanto da fonte, como na destinação dos recursos.

Um exemplo de descrédito, que presenciei, ocorreu no aniversário de 112 anos, em que um morador reclamou sobre um bingo de uma bicicleta, dizendo que o objeto teria sido doado para a comunidade e não à Velaumar, perguntando ainda para onde iria o dinheiro da venda das cartelas. Indaguei à diretora da Velaumar sobre o caso e explicou que era necessário pagar às pessoas que trabalharam durante o evento, como seguranças e carregadores, e aluguel de mesas e cadeiras que ficaram disponíveis na festa - despesas que não seriam cobertas pelos patrocinadores do aniversário e nem por elas mesmas.

Quanto aos parceiros da Velaumar para realizar suas ações, as dirigentes disseram que a ONG realiza a maioria de seus projetos sem parcerias, se o projeto for de autoria da própria entidade. Por este motivo, elas costumam dizer que a entidade não possui parceiros permanentes de atividades. Muitos projetos ocorrem a partir de outras entidades e instituições que as procuram para aplicá-los no Poço da Draga.

Muitos projetos que a ONG realiza são abraçados pela sua rede de amizades. Segundo a presidente da Velaumar, tal rede se formou a partir dos locais onde trabalhou, como o laboratório do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva (IESC), no setor de serviços gerais, e mediante amizade com ex-alunos de faculdades, tais como a Maurício de Nassau e a Universidade Paulista (UNIP). Muitos destes estudantes se formaram na área da saúde ou assistência social e isso possibilitou que fosse montada uma rede de contatos pessoais com profissionais de variadas áreas. A presidente da Velaumar também chegou a se formar como técnica em enfermagem, indo trabalhar no IESC, dessa vez no laboratório.

Segundo as dirigentes, a realização das atividades da Velaumar ocorre, muitas vezes, através de indicações de apoiadores do trabalho da organização, e de áreas variadas que se oferecem para prestar serviços comunitários através da entidade⁹⁵. Às vezes, um morador que aprende nos projetos da ONG volta ensinando. O exemplo, nesse caso, é do morador Alisso que estudou flauta e violão em um projeto realizado pela Velaumar em parceria com a Universidade Estadual do Ceará e voltou

⁹⁵ A partir disso, o convite é feito para a realização de atividades no Poço da Draga, tal como um contato de um profissional da área da saúde que palestrou, em junho de 2018, para seis adolescentes da comunidade sobre motivação profissional e pessoal.

à Velaumar ensinando crianças e jovens a tocarem os instrumentos.

Outras ações podem ocorrer mesmo sem recursos, como no exemplo a seguir. Segundo a diretora da Velaumar, uma ação social de vacinação contra gripe (vírus H1N1) no Poço da Draga só ocorreu porque enviaram um ofício à Secretaria de Saúde do Município relatando que na localidade havia uma pessoa doente e com isso foram obtidas vacinas para os moradores.

Olha, a gente conseguiu uma proeza que eu digo [que] só a mão de Deus mesmo. A gente conseguiu 500 vacinas dessa virose [H1N1] e além das doses de vacina para dentro da comunidade, a gente trouxe três enfermeiros e um médico do posto. A gente fez um relato, né, que aqui tinha um idoso... A gente sempre faz um ofício e solicita. E aí, as coisas acontecem, entende. Como é, eu não sei, mas acontece. É incrível como acontece (Verbena, entrevista realizada em 25 de junho de 2018).

O conhecimento das dirigentes em suas áreas de trabalho e estudos – áreas de saúde, direito e pedagogia – ajudam nas atividades ONG. Em suma, a Velaumar não tem parceiros permanentes, mas constrói parcerias para a realização de seus projetos, suas ações ou atividades, e aceita a ajuda daqueles que possam somar, seja em trabalho ou em recursos.

As atividades e os serviços sociais fornecidos pela Velaumar são variados, tais como cursos, oficinas, palestras, festas comemorativas e programas educativos. Muitos deles são realizados em parceria com instituições, tais como o CDMAC, a Fundação SINTAF, o Coletivo Urucum, a Universidade Federal do Ceará (UFC), a INACE, Prefeitura Municipal de Fortaleza, Governo do Estado, Associação dos Aposentados Fazendários Estaduais do Ceará (AAFEC).

4.3 A Relação da Velaumar e a Fundação SINTAF

Um dos principais parceiros da organização não-governamental Velaumar é a Fundação do Sindicato dos Servidores Públicos Civis do Grupo Tributação, Arrecadação e Fiscalização do Ceará – SINTAF, que leva o nome de Fundação SINTAF de Ensino, Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico, Científico e Cultural. Esta foi criada em 2008 com a intenção de realizar projetos culturais, de ensino, pesquisa e extensão à sociedade, bem como o aperfeiçoamento científico e tecnológico das administrações pública e privada.

A Fundação SINTAF promove cursos para o ensino superior (pós-graduação – mestrado e doutorado), de capacitação técnica e científica para pessoas do setor público e privado. O setor de pesquisa técnica está relacionado à área pública de finanças e, nesse sentido, criou um Observatório de Finanças Públicas do Ceará (OFICE) que desenvolve pesquisas e publica livros sobre a área tributária. Os locais atendidos pelos seus cursos de capacitação técnica tributária estendem-se pela capital e interior do Estado do Ceará. Para a realização desses cursos de formação técnica selam-se parcerias com entidades de ensino e pesquisa, tais como a Fundação Getúlio Vargas (FGV) e o Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas Universidade de Lisboa (ISCSP)⁹⁶.

A diretora da Fundação SINTAF explica que

[...] a SEFAZ é uma coisa, o sindicato [SINTAF] é um sindicato que é custeado pelos servidores da Secretaria da Fazenda para que lute pelos direitos deles e a Fundação SINTAF ela é um braço do sindicato. Nesse sentido que como sindicato tem uma veia muito política, atuar no social, no cultural, no científico ficava muito difícil. Aí ele criou essa fundação e custeia isso. Então, praticamente a gente é um só, em tese né, porque a gente exerce outro tipo de função (Anis, entrevista realizada em 06 de dezembro de 2018).

A Fundação SINTAF também possui vários parceiros⁹⁷ que ajudam na realização de seus projetos, tais como: o Sindicato dos Fazendários do Ceará – SINTAF; a Associação dos Aposentados Fazendários Estaduais do Ceará – AAFEC; Caixa de Assistência dos Servidores Fazendários Estaduais – CAFAZ; o Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas Universidade de Lisboa – ISCSP; a Fundação Getúlio Vargas – FGV; a Universidade do Parlamento – UNIPACE; Tribunal de Contas do Estado do Ceará – TCE-CE; Prefeitura Municipal de Fortaleza; a Secretaria da Fazenda do Governo do Estado do Ceará – SEFAZ; a Secretaria das Cidades do Governo do Estado do Ceará; e a Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social Governo do Estado do Ceará – STDS.

Em 2012, teve início o Programa de Responsabilidade Socioambiental – ProSocial, que nasce da necessidade de buscar “atuar no desenvolvimento humano por meio do incentivo à arte, à cultura e de atividades de capacitação profissional,

⁹⁶ Os cursos de educação superior (mestrado, doutorado) não são ofertados aos moradores do Poço da Draga.

⁹⁷ Em folders de divulgação, anteriores a 2016, outras entidades já fizeram parte da parceria com a Fundação como: Jornal O Povo (curso de redação), CDMAC, INACE, Instituto Aldy Mentor; Instituto de Desenvolvimento Institucional das Cidades do Ceará, Universidade Estadual do Ceará (UECE), Universidade Federal do Ceará (UFC).

promovendo, assim, a melhoria da qualidade de vida dos envolvidos” (Folder: Programa de Responsabilidade Socioambiental, 2012). O ProSocial tem a função de desenvolver ações e atividades para a população da circunvizinhança da SEFAZ, em parceria com a Fundação SINTAF e desta com entidades públicas e privadas. Na verdade, apenas a localidade do Poço da Draga tem sido beneficiada com os projetos da entidade. Entretanto, segundo a diretora da Fundação, há uma pretensão de atender a outras áreas da cidade de Fortaleza.

O ProSocial realiza muitos projetos no Poço da Draga: “a gente quis sair da história do técnico para ir para o social e a comunidade mais próxima era o Poço da Draga” (Anis, entrevista realizada em 06 de dezembro de 2018). “Sair do técnico”, ainda segundo a diretora da Fundação, significa dizer que se pretendia, além de fornecer cursos técnicos para os funcionários públicos e privados, atender moradores de localidades pobres fornecendo cursos de capacitação, tais como corte costura, computação e mecânica; palestras educacionais; e dinâmicas sociais, a exemplo do Sarau do Poço da Draga. “[...] a ideia da gente sempre foi: se eu tirar uma pessoa do risco é um impacto para gente, enorme”. (Anis, entrevista realizada em 06 de dezembro de 2018).

A visão que a Fundação tem sobre o Poço da Draga, segundo divulgação no folder do Programa de Responsabilidade Socioambiental (2012), é:

[O Poço da Draga] possui cerca de dois mil moradores, e está localizada em uma região que vem sendo alvo de vultosos investimentos voltados ao que se denomina é requalificação urbana, especialmente focada no turismo. Várias obras, como o Acquário, estão sendo executadas no entorno da Comunidade, o que trará inúmeros impactos sociais, econômicos urbanos e ambientais para o local. Segundo relatos dos integrantes da ONG Velaumar e depoimentos de moradores, as condições de saneamento básico são precárias, bem como é grande o número de usuários de drogas e desempregados, fatos constatados quando de visitas à Comunidade. Nota-se, ainda, que não existe o direito à moradia efetivo, haja vista o Poder Público municipal não ter procedido à regulamentação da Zona Especial de Interesse Social (ZEIS⁹⁸). Com o objetivo de melhorar a vida dos moradores da Comunidade, a Fundação SINTAF abraçou o projeto e começou a promover várias capacitações profissionais, observando as potencialidades locais. (p. 6).

⁹⁸ O folder é anterior ao processo de regulamentação da ZEIS do Poço da Draga já mencionado.

Em 2012, foi realizado um Convênio de Cooperação Técnica e Social⁹⁹ entre Fundação SINTAF, a SEFAZ e o SINTAF. Neste convênio, cada entidade assume uma função. A SEFAZ tem a função de promover cursos, inclusive em colaboração com a STDS, órgão do Governo do Estado do Ceará. Também disponibiliza espaços, recursos físicos e logísticos, tais como o seu auditório para a realização dos projetos, e seus funcionários para a implementação desses trabalhos. A SINTAF é entidade provedora dos recursos financeiros de todos os projetos do convênio. Por fim, a Fundação SINTAF deve gerir os recursos repassados pelo sindicato, para a execução dessas ações sociais. O convênio se renova de dois em dois anos. O atual convênio visa a execução de dois programas sociais: o Programa de Responsabilidade Socioambiental previsto no Planejamento Estratégico (2015/2018) da SEFAZ e o Programa de Responsabilidade Socioambiental da Fundação SINTAF.

Dentro das ações da Fundação SINTAF, desenvolvidos na localidade do Poço da Draga em parceria com a Velaumar, estavam vários cursos de capacitação, como o curso de informática básica e redação, inclusão digital, inglês instrumental, mecânica básica de motos, corte e costura, empreendedorismo, doces e salgados, noções de artes cênicas, auxiliar administrativo e auxiliar turístico. Houve também projetos específicos para os jovens, a saber:

- 1) O *Projeto Jovem Bolsista* que integrou o projeto *Primeiro Passo* da SEFAZ e STDS, em parceria com a Fundação SINTAF e a ONG Velaumar e que consistia em atender jovens entre 16 e 24 anos para participar de cursos que os capacitassem para o mercado de trabalho.

Há também ações que envolvem palestras, desenvolvimento social e conscientização ambiental:

- 2) O *Contando e Encantando*, que teve o objetivo de incentivar a leitura em crianças de forma lúdica;

⁹⁹ “O presente Termo de Convênio tem por objeto a cooperação interinstitucional para a execução do Programa de Responsabilidade Socioambiental da SEFAZ, prevista no Planejamento Estratégico (2015/2018) e do Programa de Responsabilidade Socioambiental da Fundação SINTAF, ProSocial, cujas ações estão especificadas no Plano de Trabalho”. Convênio de Cooperação Técnica e Social, nº 003 de 2016, p. 03. O mesmo foi publicado no Diário Oficial do Estado no dia 30 de maio de 2016, Série 3, ano VIII, nº 099. Percebe-se que ambos, SEFAZ e Fundação SINTAF tem o mesmo título de programa. (SECRETARIA DA FAZENDA, 2016)

- 3) O *Poço de Cultura*, que incentivava a leitura por meio de agentes que iam até a residência de moradores, levando livros e revistas;
- 4) O *Poço Sem Fronteiras*, que realizou um curso preparatório para prova do Enem e que, inclusive, foi uma iniciativa da Velaumar com o envio do projeto à Fundação SINTAF;
- 5) O *Café com Cidadania*, que se tratava de um ciclo de palestras, trazendo temas como: Estatuto da Criança e do Adolescente; Saúde Bucal; Nutrição Saudável; Família; a Violência e o *Bullying*; os benefícios da prática de esportes para o cidadão; Cooperação e solidariedade para o desenvolvimento comunitário.
- 6) O *Biblioteca Compartilhada*, último projeto de 2018, que visa disponibilizar bibliotecas em locais estratégicos, de fácil acesso aos moradores, sem restrição ou cadeado, segundo a diretora da Fundação SINTAF¹⁰⁰. Este projeto visa beneficiar primeiro a localidade do Poço da Draga e, posteriormente, outros locais de Fortaleza também serão beneficiados. A biblioteca do Poço da Draga já está funcionando.

Aqui destaco um dos projetos que, pode-se dizer, está criando raízes: trata-se do Sarau do Poço da Draga, que teve início em 2014. De iniciativa da Fundação SINTAF em parceria com o CDMAC e a Velaumar, o sarau é uma extensão do Sarau das Palavras, realizado para os membros da Associação dos Aposentados Fazendários Estaduais do Ceará (AAFEC). Em agosto daquele ano, foi lançado o primeiro Sarau do Poço da Draga, ocorrendo o encontro dos aposentados com os moradores da localidade mensalmente no Pavilhão Atlântico.

O “Sarau do Poço da Draga” consta de um músico¹⁰¹, pago pela Fundação, geralmente com um violão, para acompanhar aquele que se dispusesse a cantar. Também é aberto para quem quiser contar suas histórias de vida. Dona Violeta relata que a primeira vez que foi ao sarau teria sido por curiosidade, pois nunca havia ido a um e logo que chegou, perguntaram se alguém sabia alguma poesia que quisesse declamar e, rapidamente, ela se prontificou. Essa mesma senhora relatou no último

¹⁰⁰ Ver Quadro 2.

¹⁰¹ O violeiro é um professor da Rede estadual de ensino na cidade de Eusébio e entusiasta da comunidade. Ele se desloca de Aquiraz, onde reside, para tocar do Sarau. Ele diz se considerar filho dessas senhoras, sendo a recíproco sentimento (Nota de campo, 28 de maio de 2019).

encontro que fica contando os dias para o próximo sarau: “Eu gosto tanto disso, porque é muito bom” (Nota de campo de 12 de julho de 2018).

No sarau em que participei, em 2018, também tive de cantar uma canção, pois, segundo os integrantes, aquele que comparece a primeira vez tem que cantar. Lá, encontrei um grupo de 14 pessoas, sendo 12 senhoras, oito delas viúvas, todas moradoras do Poço da Draga. Ninguém neste dia declamou poemas, mas houve muita música e alguns dançaram e cantaram.

Como dito anteriormente, o encontro ocorria no Pavilhão Atlântico, contudo, segundo os moradores que participam, o local mudou porque os associados da AAFEC estavam deixando de comparecer e, da mesma forma, os moradores do Poço da Draga, seja por achar que ali estava “perigoso” – devido a assaltos recorrentes no entorno do Pavilhão – seja por ser considerado longe, ou também porque as crianças faziam algazarra ali perto. A maioria dos que vão ao sarau são senhoras idosas, algumas delas com problemas de locomoção. Por esses motivos, o sarau passou a acontecer na casa de um dos moradores que fica na rua Viaduto Moreira da Rocha, bem próximo à Velaumar. Segundo Dona Violeta, a mudança ocorreu para dar mais conforto às senhoras, inclusive ela é uma das pessoas com problemas de locomoção.

Presentemente, o Sarau do Poço da Draga ocorre todas às segundas quintas-feiras de cada mês. O evento é geralmente temático – em fevereiro, carnaval; em maio, dia das mães; em junho, festa junina. O sarau ocorre sempre em clima de alegria e com muitas gargalhadas.

A anfitriã do sarau, Dona Iolanda, conhecida como a “Madrinha do Poço”, também é uma figura de destaque no Poço da Draga. Ela recebeu tal título pela grande quantidade de afilhados na comunidade.

Foi em [19]92 que evoluiu. Aí as vizinhas, né, as vizinhas muitas delas era como se fosse irmã da gente. Era a comadre Lurdes que morava em frente à minha casa e eu sou madrinha de duas meninas dela. O [Lótus] fala muito de madrinha. Eu era madrinha de duas filhas dela, né, aí as afilhadas ensinar os filhos a me chamarem de madrinha, mesmo eu nem ser madrinha. Eu sei que é tanto madrinha. [...] Uma vez passou os bêbados, que eu nem sei quem [são]: “[A sua] benção, tia” e eu: “Deus te abençoe meu filho” [Risos]. Aí diz assim: a senhora conhece? Não, mas pediu a bênção né? (Dona Iolanda, Fala dos Guardiões da Memória, 27 de maio de 2018).

Percebem-se os laços que envolvem a comunidade, seja pelo parentesco direto, seja pelo compadrio. Por vezes, moradores se descobrem parentes em algum grau. Esses fatores fazem compreender a rede de ajuda tão exaltada pelos moradores

do Poço da Draga.

O grupo Rastros Urbanos, que patrocinou o encontro dos Guardiões da Memória em 2018, também produziu um cartaz em homenagem à Dona Iolanda (Figura 28).

Figura 28 – Cartaz da “Madrinha do Poço”.



Fonte: Weaver Lima¹⁰², 2018.

¹⁰² Wever Lima ajudou na homenagem a senhora, criando o cartaz e foi organizado pelo Rastros Urbanos.

Este cartaz causou empolgação e certa confusão quando algumas pessoas abordaram a Professora Cristina Maria, coordenadora do Projeto Rastros Urbanos, que estava com os cartazes. Primeiramente, os moradores perguntavam se poderiam possuir algum desses. O cartaz foi pregado no portão de algumas das residências causando inquietação dos residentes que perguntavam se a “Madrinha havia morrido”. Em resposta, sua filha explicava aos amigos: “Não, gente. Minha mãe está bem e viva”. A professora contou ainda que a “Madrinha” também se divertiu com a situação: “todo mundo achava que ela tinha morrido. Ela disse: ‘morri não. Eu fui homenageada e em vida. Tem coisa melhor do que isso?’” (Cristina Maria, entrevista realizada em 14 de dezembro de 2019). Dona Iolanda também foi notícia de jornal, sendo aclamada Dama do Sarau do Poço da Draga (FORTE, 2019).

A Fundação SINTAF realiza projetos no Poço da Draga desde 2012, como será visto no Quadro 2 e, quanto aos parceiros externos, a Velaumar foi escolhida como tal, segundo a diretora da Fundação, porque suas integrantes são vistas como líderes comunitárias, de forma que estas seriam as divulgadoras dos projetos, convocando os moradores a se fazerem presentes. Muitas vezes, a ONG cede o local da sua sede para a realização desses trabalhos. Podemos citar como exemplos o *Projeto Poço de Cultura*, os agentes da leitura se reuniam para a capacitação e apresentação de relatórios e o *Projeto Biblioteca Compartilhada* em que a ONG será a responsável pela informação da manutenção do armário que conterà os livros. A Velaumar seria, assim, segundo a diretora da Fundação SINTAF, uma ponte entre a própria Fundação e os moradores:

E por que a Velaumar? Porque foi o contato que a gente teve foi com a [diretora da Velaumar], [pois], para você poder entrar, para você ser vista, porque a comunidade tem gente boa e tem gente ruim, então, você [...] tem que ter alguém para fazer esse meio de campo. (Anis, entrevista realizada em 06 de dezembro de 2018).

Apesar de a parceria entre a Fundação e a Velaumar existir há alguns anos, de acordo com a diretora da Fundação SINTAF, não se faz um convênio direto com a Velaumar devido à informalidade que caracteriza a ONG. Um exemplo disto é que a sede da entidade é o mesmo local de residência de uma das diretoras da ONG. Não há uma conta corrente em nome da Velaumar, na qual se possa depositar a verba em seu nome. Por outro lado, segundo a diretora da Velaumar, há um excesso de zelo proveniente da Fundação em querer comprovar que os projetos foram realizados,

tirando fotos dos eventos em demasia: "é possível comprovar com relatórios de atividades realizadas nesses projetos" (Entrevista realizada em 25 de junho de 2018).

Em 2018, a Velaumar conseguiu recursos através do evento "Plural". Segundo o site Vós¹⁰³, o Plural foi um evento para discutir inovações, criações e uma série de atividades como debates, palestras, feira de artesanato e gastronomia, visando ao bairro Praia de Iracema (PLURAL, 2018), ocorrido em julho de 2018, em várias instituições culturais – Estoril, Casa de Cultura Digital, Centro Cultural Belchior – e estabelecimentos – Mincharia, Café Couture, Mambembe – promovido pelo grupo empresarial Jangadeiro de Rádio e Televisão e a plataforma de conteúdo Vós. Todo o dinheiro dos ingressos das palestras – de professores e alunos (sociologia, arquitetura e urbanismo) da UFC, representantes de empresas privadas, músicos, que trataram de assuntos variados (empreendedorismo, marketing, saúde pública, educação ambiental, direito à cidade) foi revertido para a ONG. O projeto ainda teve como patrocinadores a Prefeitura Municipal de Fortaleza, o Governo Federal, o Banco do Nordeste, as Farmácias Pague Menos, a Associação Brasileira da Indústria de Medicamentos Isentos de Prescrição (Abimip), o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) e Ades¹⁰⁴.

A relação entre as duas entidades, Fundação SINTAF e ONG Velaumar traduz uma parceria com ranhuras e divergências, mas com o mesmo objetivo, realizar projetos na localidade do Poço da Draga. Ambas destacaram a importância de realizar tais projetos e ações para os moradores da localidade, parceria que tem desde 2012. Apesar de não ter sido firmado nenhum contrato, convênio ou termo de parceria entre a Fundação SINTAF e a Velaumar, houve repasse de recursos entre 2013 e 2014, 2016 e 2017, para projetos com as crianças do Poço da Draga, segundo entrevista com a diretora da Velaumar:

[Você pode falar um pouco sobre quais eram os convênios que vocês tinham com a Fundação SINTAF?]

Azaleia: [...] a gente tinha uma parceria, eles faziam um repasse de R\$700,00 para a gente pagar R\$500,00 a educadora, que prestava o serviço e R\$200,00 reais era para comprar o lanche das crianças.

[Era uma ajuda financeira mesmo que eles davam. Mas já cessou?]

Azaleia: Já. Cessou no ano passado [2017]. Começou em 2013, não, 2013?

¹⁰³ O Vós é uma plataforma de conteúdos que conta história por meio dos seus canais de vídeos, para sua revista eletrônica e grava áudio para rádios de frequência média. Em seu sítio de internet, a sua descrição diz: "Vós conta histórias em cada página de uma revista ousada, cuidada nos mínimos detalhes. Engajada em melhorar sempre, levar mais longe a cultura da nossa gente, a nossa história, o nosso futuro" (VOS, 2018).

¹⁰⁴ Marca de suco da empresa Coca-Cola.

É porque é só um ano, aí em 2014 encerrou-se. Aí de 2014 até 2015 deram uma parada, voltou em 2016 e foi até 2017.

[Entre 2015 a 2016 não teve?]

Azaleia: Não. Não. Essas mudanças nem todo presidente da Fundação tem o interesse de trabalhar, com a comunidade. É do direito deles também, né? [Então tem que esperar um diretor que queira?]

Azaleia: É, que queira.

(Entrevista realizada em 05 de setembro de 2018).

De todos projetos citados entre as duas entidades, a verba é usada para manter a atividade na aquisição de água, lanche e outros materiais; a ONG informa a Fundação sobre o material a ser comprado ou adquirido e esta faz a compra.

Com relação a projetos que envolvem outros parceiros além da Fundação SINTAF, a diretora da Velaumar tomou como exemplo o projeto “Doces e Salgados”, que ocorreu em 2018. Para a execução do curso, boa parte dos custos foram arcados pela ONG, a exemplo do gás de cozinha, da água potável e da energia elétrica, além do uso do próprio espaço da sede. Com exceção destes, o valor referente ao pagamento da professora, bem como os alimentos usados para cozinhar, segundo a diretora da Velaumar, eram de responsabilidade da Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social Governo do Estado do Ceará (STDS). Por sua vez, nesse projeto, a Fundação era responsável pela parte financeira de recursos para manter o curso em funcionamento na falta de algum material. Nesse sentido, a entrevistada afirmou: “aí qual era a nossa parte? A financeira. Precisou de água, precisou de suco, precisou de açúcar, aí a gente deu isso daí” (Anis, entrevista em 06 de dezembro de 2018).

No entanto, segundo a diretora da Velaumar, a professora teve que utilizar seu próprio material de trabalho (frigideiras, panelas, assadeiras) para ofertar o curso, assim como cada participante teve que levar seus próprios insumos de cozinha. Posso citar ainda o “Curso de informática” que atendeu a muitos moradores do Poço da Draga, que ocorreu sede do Instituto Aldy Mentor¹⁰⁵. Neste projeto, a ONG também ficou responsável pela comunicação e mobilização dos moradores para participar dos cursos na localidade. Além da divulgação de cursos e seminários, a entidade cuida da organização das inscrições para os diversos projetos promovidos pelas demais entidades supracitadas.

¹⁰⁵ O Instituto Aldy Mentor tem por finalidade promover o desenvolvimento humano e a inclusão social e digital, possibilitando o exercício da cidadania e a reintegração dos excluídos na sociedade. (INSTITUTO..., [2012]).

No discurso das entidades aqui exposto, ambas ressaltaram a diferença entre convênio – acordo em que há repasse de recursos de uma entidade a outra – e parceria, em que não há repasse de recursos. Contudo, tanto o convênio quanto a parceria podem ser assinados entre entidades públicas com entidades privadas que, através de um ou do outro, pode haver repasse de recursos para a realização de projetos.

No quadro 2, apresento a lista das atividades realizadas entre a Velaumar e Fundação SINTAF, entre 2012 e 2018. No quadro 3, apresento as diversas atividades e projetos realizados com a Velaumar em conjunto com outras instituições. No quadro 4, elenco as atividades e projetos que a ONG realizou, sendo algumas delas, em parceria com outras instituições. Algumas dessas atividades realizadas, como com a Prefeitura Municipal, ocorrem após o envio de ofício ao órgão responsável, como a Secretaria de Saúde ou a Secretaria de Educação do Município.

QUADRO 2 – ATIVIDADES E PROJETOS REALIZADOS EM PARCERIAS, CONVÊNIOS ENTRE A VELAUMAR COM PARTICIPAÇÃO DA FUNDAÇÃO SINTAF DE 2012¹⁰⁶ A 2018

INSTITUIÇÃO POR PARCERIA OU CONVÊNIO	NOME DO PROJETO	DESCRIÇÃO	RECURSO	DATA – INÍCIO e TÉRMINO
Fundação SINTAF	Projeto de Humanização do Poço da Draga	Doação de máquinas de costuras: duas de costura reta; uma overlock e uma goleira.	Parceria	2012(*)
SINTAF, Fundação SINTAF, CDMAC, Aldy Mentor	Projeto de Humanização do Poço da Draga	Curso de informática atendeu 42 alunos divididos em três turmas.	Parceria	01/03/2012
Fundação SINTAF / SEFAZ / SINTAF	Projeto Inclusão Social do entorno da SEFAZ	Curso de corte costura, Empreendedorismo; Inteligência Emocional; Noções de artes Cênicas (criação de marionetes); Encanto Nosso de cada Dia.	Parceria	2012-2013
SINTAF, Fundação SINTAF, CDMAC / UECE	“Poço de Cultura”	Cinco agentes culturais – um para cada 100 famílias, trabalhando uniformizados, levando material do Projeto, [reforçando] o exercício cotidiano da leitura crítica. Instalação de uma biblioteca na sede da ONG Velaumar.	Convênio	Março de 2013-2014

(*) Datas prováveis

¹⁰⁶ Escolhi iniciar o recolhimento das atividades da Velaumar, a partir de 2012, pois foi quando iniciei a minha primeira pesquisa na comunidade sobre o movimento Quem Dera Ser um Peixe (RODRIGUES, 2013).

Continuação:

INSTITUIÇÃO POR PARCERIA OU CONVÊNIO	NOME DO PROJETO	DESCRIÇÃO	FONTE DE RECURSO	DATA – INÍCIO e TÉRMINO
Fundação SINTAF, AAFEC, CDMAC e a Velaumar	Sarau do Poço da Draga	O projeto iniciado para os aposentados da AAFEC e alargado para o Poço da Draga. Em parceria com o CDMAC e a Velaumar.	Parceria	Agosto de 2014
Fundação SINTAF, SEFAZ, SINTAF; apoio: Instituto Aldy Mentor e STDS	ProSocial do Entorno da Sefaz	Cursos profissionalizantes: Informática Básica, Inclusão Digital e Design Gráfico para moradores da comunidade Poço da Draga ou que residiam no entorno de unidades fazendárias. Beneficiados: 47.	Parceria	De agosto de 2014 a fev.de 2015
Fundação SINTAF. Apoio SEFAZ / STDS	ProSocial	Modelagem, Mecânica de Autos, Camareira e Mecânica de Motos.	Parceria	22/05/2014
SEFAZ / STDS / Fundação SINTAF	Jovem Bolsista (Programa Primeiro Passo)	Curso de qualificação profissional para jovens moradores do Poço da Draga.	Parceria	18/06/2015
Fundação SINTAF, SINTAF / SEFAZ.	ProSocial	Curso de Doces e Salgados.	Parceria	2015
Fundação SINTAF, SINTAF / SEFAZ.	ProSocial	Curso de Auxiliar Turístico.	Parceria	2015
Fundação SINTAF, SINTAF / SEFAZ. / Jornal O Povo	ProSocial	Curso de Redação.	Parceria	2015
Fundação SINTAF / STDS	ProSocial	Curso de Inglês Instrumental para jovens moradores do Poço da Draga.	Parceria	2015
Fundação SINTAF, SINTAF / SEFAZ. Apoio: AAFEC / Restaurante L'escale.	Café com Cidadania	Doze edições de palestras sobre: família, saúde bucal, alimentação, cooperação e solidariedade, Estatuto da Criança e do Adolescente, Estatuto do Idoso, violência (<i>Bulling</i>), os benefícios da prática de esportes e educação ambiental, para aposentados da SINTAF, moradores do Poço da Draga e do entorno da SEFAZ.	Parceria	30/05/2015 a 02/07/2016
Fundação SINTAF / Universidade do Parlamento (UNIPACE)	Poço sem Fronteiras ¹⁰⁷ .	Promoção de aulas por videoconferência para moradores do Poço da Draga	Parceria	2015 a 2016

¹⁰⁷ Projeto Poço Sem Fronteiras escrito em 15 de fevereiro de 2016 pela diretora da Velaumar.

Conclusão:

INSTITUIÇÃO POR PARCERIA OU CONVÊNIO	NOME DO PROJETO	DESCRIÇÃO	FONTE DE RECURSO	DATA – INÍCIO e TÉRMINO
Fundação SINTAF, SINTAF / SEFAZ.	ProSocial	Curso de Auxiliar administrativo	Parceria	2016
Fundação SINTAF, SINTAF / SEFAZ.	ProSocial	Projeto Contando e Encantando: promover o incentivo à leitura em crianças.	Parceria	Out. de 2016 a jul. de 2017
Fundação SINTAF; apoio: SEFAZ / AAFEC / Empresa My Home / CAFAZ	Evento “Atitude Cidadã”	Proporcionar atividades educativas e culturais - palestras e a participação, disponibilização de serviços de saúde, tais como aferição de pressão e teste glicêmico. .	Parceria	24/03/2017
Fundação SINTAF / SEDUC de Fortaleza	Poço sem Fronteiras.	Curso preparatório para o Enem de 2017 realizado na Escola São Rafael	Parceria	06/05/17 a novembro de 2017
STDS / Fundação SINTAF / Instituto Sementes da sustentabilidade	Projeto Criando Oportunidades: Doces e salgados	Curso de preparação de doces e salgados; preparação e manuseio de alimentos para 20 alunos.	Convênio	06/08 a 07/09/2018

Fonte: Fundação SINTAF.

QUADRO 3 – ATIVIDADES E PROJETOS REALIZADOS EM PARCERIAS, ENTRE A VELAUMAR E OUTRAS ENTIDADES DE 2012 A 2018

INSTITUIÇÃO POR PARCERIA OU CONVÊNIO	NOME DO PROJETO	DESCRIÇÃO	DATA – INÍCIO e TÉRMINO
INACE	Doação de tecidos e aviamentos	Doação de tecidos e aviamentos para a confecção dos fardamentos, pagando R\$13,00 a peça às costureiras.	2012(*)
CDMAC	Evento “Idade Luz”	Cerca de 300 idosos de quatro entidades de Fortaleza, tais como o Lar Torres de Melo e das comunidades do Poço da Draga e das Graviolas.	24/09/2012
SENAC	Curso de modelagem e corte e costura	Curso para mulheres entre 18 e 29 anos, beneficiadas: 38.	2013
Coletivo Urucum / LABOCART - Laboratório de Geoprocessamento do Dep. de Geografia - UFC	A comunidade dá as coordenadas: mapeamentos sociais de territórios em conflitos socioambientais ¹⁰⁸	Elaboração de mapas sociais de territórios em conflito com as obras realizadas em função da Copa do Mundo de 2014. O público alvo: Poço da Draga, Montese e Castelão, onde sofreram ameaças de remoção.	Agosto de 2012 a junho de 2013
Faculdade Maurício de Nassau	Ação social	Aferição de pressão, teste glicêmico	06/03/2016

(*) Data provável

¹⁰⁸ Descrição do projeto retirada do site do Fundo de Direitos humanos.

Conclusão

INSTITUIÇÃO POR PARCERIA OU CONVÊNIO	NOME DO PROJETO	DESCRIÇÃO	DATA – INÍCIO e TÉRMINO
ProPoço /Alunos da arquitetura UNIFOR	Levantamento censitário do Poço da Draga	Realizar um levantamento censitário e cartográfico no Poço da Draga.	janeiro a junho de 2016
Faculdade Maurício de Nassau	Vestibular no Poço da Draga	Realizar processo seletivo de vestibular para a faculdade citada.	16/12/2016
Solicitado à Prefeitura Municipal através de ofício-	Dia de Ação Social	Atendimento médico, vacinação de crianças	18 a 21/01/2017
Solicitado à Prefeitura Municipal através de ofício	Dia “D” – Ação Social	Atendimento médico e vacinação, contra o vírus da gripe HN1.	12/05/2018
Solicitado ao Governo do Estado através de ofício-	SINE Móvel (Sistema Nacional de Emprego)	Cadastro de pessoas para se empregar.	25/05/2018
Solicitado à Prefeitura Municipal através de ofício-	Vacinação	Atendimento médico e dia de vacinação: tríplice, sarampo e HPV.	18/08/2018
Caixa Cultural	Circuito Caixa Maratoninha	Para 30 crianças de 05 a 12 anos, divulgando o esporte e sua prática. Inscrições feitas na sede da Velaumar.	16 e 19/08/2018
Caixa Cultural	Programa Educativo Caixa “Gente Arteira”	Cursos e oficinas para jovens e adultos de grupos escolares, idosos e pessoas com necessidades especiais. Os temas referem-se a diversas linguagens artísticas como pintura, desenho, animação, fotografia, percussão, canto, dança. Objetivo: unir ações de arte-educação, por meio de visitas monitoradas com transporte gratuito e lanches. Responsáveis do grupo contatam a Velaumar para reunir os participantes ¹⁰⁹ .	08/09/2018
Escola de Saúde Pública do Estado do Ceará / Governo do Estado	Posto de Saúde no Poço da Draga	Uma vez por mês, funcionários do Posto de Saúde Paulo Marcelo realizam atendimento médico na ONG Velaumar. Duração de seis meses.	10/09/2018
SOLAR Foto Festival / Porto Iracema das Artes / Instituto Dragão do Mar / Museu da Cultura Cearense / Ceará Cultura SECULT / CDMAC / Espaço Qualquer Lugar / Secretaria das Cidades	Circular Poço da Draga ¹¹⁰	“Uma ida àquela localidade centenária da Praia de Iracema”: Visita Guiada pelo morador artista e cartógrafo Sérgio Rocha; Passagem pelos retratos realizados por Luiz Santos transformados em lambe-lambe; e realização do Solar Foto festival, pelas ações da residência de Luís Santos e parceria com a ONG Velaumar e com moradores.	09/12/2018

Fonte: Página Facebook Velaumar, “Azaleia, diretora da Velaumar”, 2018.

¹⁰⁹ Disponível em: <<http://www.caixacultural.com.br/SitePages/DetalhaPrograma.aspx?idprograma=6>>. Acesso em: 15 set. 2018.

¹¹⁰ Ver ANEXO C.

QUADRO 4 – ATIVIDADES E PROJETOS REALIZADOS PELA VELAUMAR SEM PARCERIAS INSTITUCIONAIS DE 2012 A 2018

PROJETO OU ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	DATA
Dia do Idoso	Café da manhã em comemoração do dia do Idosos.	30/10/2012
Artesanato	Oficina de enfeites natalinos para crianças.	07/12/2012
Dias dos Pais	Concurso de redação “Meu pai é um exemplo”.	09/08/2013
Direcionamento de currículos	Vagas de arrumadores masculinos, camareiras, barman, copeiros e auxiliar de eventos com carteiras de habilitação.	03/2014
Dia de Ação Social	Distribuição de brinquedos no dia das crianças na Alameda das Palmeiras (Messejana).	12/10/2015
Dia de Ação Social	Ação social: aferição de pressão, teste glicêmico no Poço da Draga.	09/12/2016
Programa Cultural	Programação com música, teatro contação de história, dança e oficina de desenho.	15/12/2016
Programa Cultural	Passeio no Zoológico de Municipal para as crianças	07 /10/2017
Dia das crianças	Comemoração ao dia das crianças no Poço da Draga	21/10/2017
Oficinas de Bonecas	Criação e confecção de bonecas.	04/11/2017
Artesanato	Confecção e decoração de embalagens.	06/12/2017
Artesanato	Curso de fabricação de sabonete, shampoo, e produtos de higiene.	08/12/2017
Dia de ir ao Zoológico	Lazer promovido pela Velaumar.	01/07/2018
Dia de Ação Social	Festa em comemoração ao dia das crianças na Alameda das Palmeiras (Messejana).	14/10/2017
Programação Infantil	Reverendo as brincadeiras populares para as crianças	04/12/2017
Dia de Ação Social	Aferição de pressão, levantamento de demandas na Alameda das Palmeiras (Messejana).	23/07/2018
Balé infantil	Aulas para 52 crianças, entre cinco e 12 anos, divididas em dois turnos manhã e tarde.	31/07/2018 Em andamento
“Diálogos sobre sexualidade”	Palestra sobre saúde sexual	25/08/2018
Violão	Aulas de violão	27/08/2018 Em andamento

Fonte: Página Facebook Velaumar, “Azaleia” [nome fictício], diretora da Velaumar, 2018.

Além da parceria de longa duração como da Fundação SINTAF, outra relação antiga de trabalho em conjunto é com o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC) que costuma apoiar muitos projetos realizados no Poço da Draga. Logo após a sua construção no fim da década de 1990, o CDMAC em conjunto com a Associação dos Moradores do Poço da Draga (AMPODRA), sob a direção de Orquídea, realizaram cursos de empreendedorismo para os vendedores ambulantes do entorno do CDMAC e adjacências. Com isso, abriu um cadastro para eles trabalharem dentro da instituição. Essa parceria começou em 2000 e terminou em 2005, como o projeto Galera Dragão:

Em 2005, praticamente acabou o projeto Galera do Dragão, restando apenas quatro pessoas da comunidade que vende lá dentro do anfiteatro. Nem sempre essas pessoas são beneficiadas, por conta que se tiver um show e o pessoal que hoje tem o gerenciamento do Dragão quiser colocar as barracas ali, não vendem. Aí perdeu-se muito esse contato. Eles vendiam além do anfiteatro, vendia-se dentro da praça verde. Na Praça Verde praticamente já não existe [venda]. No anfiteatro é muita perrengue pra poder bater de frente [com a diretoria do CDMAC] pra que a coisa possa dar continuidade (Azaleia, entrevista em 4 de novembro de 2018).

Outro projeto é o *Brincando e Pintando* coordenado por Azaleia, diretora da Velaumar,

E o projeto mesmo que a gente tem um link com o Dragão ainda, é o projeto Brincando e Pintando do qual eu coordeno desde 2000 [no CDMAC] e onde a gente abraça o jovem da comunidade, meninos e meninas de 16 a 24 anos que estejam no ensino médio e que venha de escola pública daqui do entorno. Lá eles têm a oportunidade de vivenciar teatro, música, dança e já passaram por nós dentro dessa programação 275 [adolescentes]. Hoje nós temos 70 deles formados aqui, mas com muita, muita, muita luta. Eu costumo dizer que a cada gestão perde muito desse projeto (Azaleia, entrevista em 4 de novembro de 2018).

O *Brincando e Pintando* compõe a programação fixa do CDMAC voltada para as crianças, sob a orientação de monitores, uma série de jogos, pinturas, brincadeiras, oficina, teatro de bonecos dentre outros. Segundo a diretora da Velaumar, esses monitores são selecionados, em sua maioria, entre os adolescentes do Poço da Draga e adjacências. Como apontado na fala da diretora, a cada gestão o projeto perde um pouco espaço na grade cultura do CDMAC, pois, segundo ela, cada gestor quer deixar sua marca, escolhendo realizar projetos em detrimento de outros.

Em 2011, se iniciou um projeto com a INACE, quando a presidente da Velaumar ainda era a Orquídea e, depois, sua filha assumiu o projeto. Após a promoção do curso de modelagem e costura, formando 20 mulheres do Poço da Draga, a diretora da Velaumar em entrevista, informa que se criou outra demanda dessas mulheres:

[Na época] [...] quando o curso terminou, eu vi aquelas mulheres todas com os certificados [...] "e agora? Não tem máquina, não tem onde conseguir nada. Vamos guardar mais um diploma?" E elas estavam muito satisfeitas [com] o curso [...]. E aí eu peguei todos [os diplomas] tirei cópias [...] e fui lá na Fundação [da SINTAF] e perguntei se existia a possibilidade, deles doar umas máquinas de costuras para dentro da comunidade. [Foi-nos] doado duas máquinas overlock, duas [máquinas de costura] reta, e uma [máquina] goleira. E aí é a que [hoje] está lá no Pavilhão [Atlântico] e aí a gente trouxe para dentro [e] gerou [outra demanda:] faltava o tecido. Não tinha à mão o material. E aí eu fui de novo bati as fotos [dos] certificados, bati as fotos das máquinas e fui em busca de fornecedor, pessoas que pudessem ofertar para essas mulheres. E aí o pessoal lá [da INACE] se prontificou que todo fardamento da [empresa] fossem feitos pelas mulheres do Poço da Draga. A primeira leva que [...] mandou para dentro da comunidade foram 750 peças. As mulheres quase que ficaram loucas com tanta coisa para fazer [...] (Azaleia, entrevista realizada em 4 de setembro de 2018).

Atualmente, a Velaumar organiza o trabalho das costureiras para mais demandas de fardamento da empresa INACE ou de outro pedido que surgir. Esse fato é um ponto de rugas no Poço da Draga. Uma moradora relatou que a organização das costureiras estaria errada de duas formas: primeiro, as máquinas encontram-se em um compartimento do Pavilhão Atlântico, cujas chaves estão em mãos da diretora da Velaumar; segundo, utilizando a energia elétrica pública para realizar o trabalho e só uma parte do pagamento do trabalho vai para as costureiras e outra parte seria da diretora. Em conversa com a diretora, esta relata que não há outro local para guardar as máquinas doadas e que, antes estas estavam em um espaço muito pequeno na sede da Velaumar – que também é a residência da atual presidente – e, por isso, elas foram para outro espaço da localidade, o Pavilhão Atlântico. E sobre o lucro do trabalho feito, este é dividido entre as costureiras e pessoas que participaram das tarefas.

Em conversa com outro morador, soube que, durante o período em que Orquídea estava à frente da Velaumar (2004 a 2011), muitas atividades de outros entes sociais, cuja divulgação era responsabilidade da ONG, não foram amplamente difundidas para todos os moradores da comunidade, apenas para os mais conhecidos da diretoria. Esta seria para ele uma falha muito grande da presidente para com

aqueles que estão do entorno da entidade. Também foi uma reclamação dos que habitam no Pocinho de que as informações das atividades ocorridas na ONG não chegam até ali. Contudo, estes do Pocinho também são alvos de críticas por outros moradores.

Na pesquisa agora teve gente que só abriu a porta pra mim e pro Lótus, e dizendo que se não fosse nós dois, não abria não. Porque vocês conversam com a gente, aqui só tem coisa que acontece e a gente vem a saber depois. Ter [resistência à ONG] tem, mas tem porque eles não vão até a [a diretora da Velaumar] saber as informações. Eles não vão porque tem medo de ir e não receber as informações, aí criam isso na mente. Se eles fossem mais abertos dava certo, mas ali muita gente é fechada, povo trancado, chato e aí depois fica achando ruim que o filho de um foi colocado em algo e o de outro, não foi. (Hibisco, entrevista realizado, 19 de maio de 2016)

Aparentemente uma das faltas foi vencida, pois o morador do primeiro relato, hoje, participa de muitas das ações que a entidade realiza, inclusive dos aniversários do Poço da Draga. Em conversa com a diretora sobre os casos, ela disse que não haverá anúncio de porta em porta de nenhuma atividade como a sua mãe fazia e que teria sido por isso que a fundadora havia adoecido, pois se preocupava mais com os outros do que com ela mesma. Os anúncios são feitos pela rede social Facebook, nas páginas pessoais da diretora e presidente da Velaumar e cartazes pregado no portão da sede da ONG. “Aí o morador diz: ‘ah, Azaleia, não tenho internet’. Então, vem aqui perguntar o que está sendo oferecido, porque eu não vou tá [faz o gesto de bater na porta] fazendo isso, não” (Nota de campo 21 de maio de 2019).

Suas rugas com alguns parceiros – CDMAC, Fundação SINTAF, INACE, ProPoço – não a tem impedido de realizar suas ações e atividades e nem essas instituições e entidades têm obstáculos aos seus projetos no Poço da Draga. Segundo a diretora da Velaumar, essas diferenças quando ocorrem são superadas para que esses benefícios não deixem de acontecer na localidade. Também, como mostrado, as parcerias entre a ONG e as outras instituições não significam necessariamente uma relação harmoniosa, cada novo projeto e parceria representa a construção de uma nova relação, e a pesquisa demonstrou que se trata sempre de um equilíbrio móvel de tensões (ELIAS; SCOTSON, 2000). Esta depende muitas vezes da boa vontade do gestor da entidade, independente se pública ou privada, para iniciar ou dar continuidade às ações, projetos ou programas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da pesquisa foi o de entender como a organização não governamental Velaumar atua na comunidade do Poço da Draga.

De início, discuti o contexto em que o Poço da Draga está inserido, a partir de um levantamento histórico para entendermos quais eram as questões que suscitaram a criação de organizações, como AMPODRA e, a posteriori a Velaumar, para a defesa de direitos básicos, como o abastecimento ou a moradia para os residentes da localidade. É com este pensamento que tais organizações foram criadas.

A partir de dados de vários levantamentos censitários sobre o Poço da Draga, pude observar seu desenvolvimento através dos anos, notando que houve sensíveis mudanças no tamanho de sua população de 1970 para 2016, assim como mudanças sociais em relação ao aumento do número de moradores alfabetizados, ou o tipo de construções das casas que, pelo levantamento de 2016, não registrou casas de taipa.

Após entendermos como se dá o contexto do entorno do Poço da Draga, volto o olhar para a ONG Velaumar, pois esta é criação de seus próprios moradores. Compreendi que o nascimento dela se deu a partir da disputa de poder pela liderança na comunidade. Ou seja, após perder, pela primeira vez, a eleição para presidente, a ex-dirigente da Associação dos Moradores funda uma ONG para continuar suas atividades de liderança, em 2003. O rompimento dos trabalhos na administração da associação por parte da fundadora foi conturbado, mas os conflitos não pararam.

Este trabalho foi realizado com o intuito de trazer luz sobre como ONGs familiares atuam em comunidades pobres e como estas adquirem ou não respaldo dos moradores para realizar suas atividades. Neste sentido, apresentei o conceito de *accountability* (CALDAS, 2013, KOSLINSKI, 2013) para entender como os moradores do Poço da Draga legitimam ou não as ações e atividades da Velaumar. Essa aceitação e reconhecimento de muitos moradores validam as ações da ONG. A legitimidade ocorre com a adesão às atividades – cursos, eventos, monitoria, palestras –, entendendo que isso possa render algum benefício pessoal e, talvez, financeiro para os participantes. Ocorre até mesmo quando acatam o adiamento da reunião da escolha da Comissão Eleitoral da ZEIS. O baixo número de moradores nos

aniversários, sempre organizado pela ONG Velaumar e, a partir de 2015 em conjunto com o ProPoço, pode se dar porque, como observou Gomes (2019):

Nos aniversários, principalmente nos últimos anos, 2016 a 2018, a programação foi bastante extensa e houve concentração de atividades como os shows musicais noturnos. Em alguns destes, principalmente os eventos com discotecagem, era comum a grande presença de pessoas de fora, [...] foi perceptível que havia uma demarcação. Os moradores tinham preferência pelos eventos mais voltados para eles, ouvi algumas vezes comentários no sentido de que “essas festas não são para nós” (p. 214).

Em outras palavras, o não comparecimento às festas explica-se pelo fato de moradores não se sentirem incluídos em algumas partes do evento, pois ocorria que estes “assistiam à atividade do lado de fora, formando um verdadeiro círculo na parte exterior do espaço” (GOMES, 2019, p. 214). Os eventos em geral, voltados para os moradores, dizem respeito às atividades de ação social – na área da saúde ou emissão de documentos – ou voltados para as crianças.

A ONG Velaumar não precisa de legitimidade perante o Poder Público, pois a entidade não participa de licitações junto a este. Suas obrigações estão junto ao que concerne aos débitos fiscais, como comprovar a origem do recebimento dos seus recursos. Contudo, ocorre indiretamente uma relação com o Poder Público, quando o prefeito participa do aniversário da localidade e discursa ao lado das dirigentes, como em 2014.

Com o desenvolvimento da Velaumar no Poço da Draga, os moradores não deixaram de ser beneficiados pela organização com as suas diversas atividades, mesmo que estas causem muitas controvérsias quanto à maneira de trabalho da ONG e acarretem também alguns conflitos com outras entidades que trabalharam na localidade, tais como o Conselho Comunitário de Desenvolvimento Social e a Associação de Moradores. Com a primeira entidade, os dirigentes da Velaumar não teriam convidado a presidente do Conselho para participar da organização do aniversário de 107 anos da comunidade, em 2013; e com a segunda, quando em 2004, o candidato concorrente à presidência da Associação dos Moradores acusou a fundadora da Velaumar de ser a favor da remoção dos moradores do Poço da Draga (OLIVEIRA, 2006), ou ainda quando os moradores questionam o uso pela Velaumar de doações feita à localidade.

O quadro de atividades realizadas pela Velaumar mostrou que a entidade atua fora do Poço da Draga como, por exemplo, na Alameda das Palmeiras, em Messejana, e na comunidade Rosalina, no Parque Dois Irmãos. Também apresentou que os convênios, naqueles onde há envio de recursos à ONG, se mostra menor do que aqueles que são apenas parcerias.

A captação de recursos para a Velaumar foi registrada quando houve a doação do valor pago pelas inscrições para as palestras do “evento sobre economia criativa com foco em inovação”, o “Plural”, que ocorreu em julho de 2018 ou quando houve um repasse feito pela Fundação SINTAF para atividades realizadas com as crianças, mas que não era feita por todas as gestões da instituição. A Fundação SINTAF, como foi visto, é a principal parceira da Velaumar na prática de ações no Poço da Draga. Mesmo com parcerias e convênios, no discurso dos dirigentes da ONG, a Velaumar trabalha na maioria de suas atividades e execuções, com recursos próprios, com a ajuda de apoiadores da causa e da rede de amizades pessoais dos seus diretores.

Os aniversários do Poço da Draga ou da Ponte Metálica servem para intensificar o sentido de identidade e de pertencimento ao local. A ideia da criação de um calendário cultural anual para a localidade tem o intuito de mostrar uma comunidade que resiste às tentativas de remoções, apresentando suas contendas e sua gente. Como resistência, os organizadores entendem que é compartilhando suas histórias de vida, das lutas que já passaram, como a tentativa de remoção devido ao Centro Multifuncional já mencionado aqui, que se é possível transmitir o conhecimento adquirido pelos moradores mais antigos aos mais novos, e dando suma importância ao lugar em que moram com a intenção de que estes criem identidade com o local.

Os organizadores entendem que a comemoração dos aniversários é realizada com o intuito de chamar a atenção não só de moradores de outras partes de Fortaleza, mas também do Poder Público. Isso ocorre quando é divulgada nos principais jornais da capital que o Poço da Draga é uma comunidade centenária, mas não tem ainda saneamento básico, ao contrário do resto do bairro da Praia de Iracema ou do Centro (POÇO DA DRAGA..., 2013). Os organizadores falam que o evento é uma forma de resistência (ver os cartazes da festa de 107 anos) para poder permanecer exatamente onde eles estão e conscientizar os moradores sobre a importância de permanecer ali, mesmo que muitas atividades dos aniversários, fiquem esvaziadas, tais como a roda de conversa sobre a ZEIS, na festa de 2018.

Concomitante com a ideia de dar visibilidade ao local para o resto da população de Fortaleza e o Poder Público, o rol de atividades culturais designa uma forma de lazer para os moradores e incentivo à transmissão das memórias, como meio de ratificar essas lembranças para concretizar a sua importância. Isso se consegue através do grupo Guardiões da Memória, composto por moradores antigos que contam suas histórias pessoais nos eventos realizado no Poço da Draga.

Sobre o esvaziamento das atividades nas celebrações de aniversários e nas ações da entidade, parece-me pertinente a fala da dirigente da Velaumar quando menciona que o maior apoio que se pode ter é do próprio morador abraçando as ações e que ele observa o que se faz no Poço da Draga, como foi mencionado no item anterior. A dirigente da ONG também citou que, em geral, nos eventos que acontecem ali não há ocorrência de violência. Embora, em dois deles ocorridos em 2018, o Maloca Dragão e o aniversário de 112 anos do Poço da Draga, a Polícia Militar invadiu a localidade em busca de suspeitos, ocorrendo o ferimento de duas pessoas. É recorrente na fala dos residentes que “a violência não é dos moradores daqui do Poço. Trazem pra cá” (Nota de campo, 27 de maio de 2018). Contudo, nos aniversários ou festejos em geral anteriores, nos quais participei na comunidade e citados aqui neste trabalho, não houve acontecimentos de violência.

É essa observação dos trabalhos realizados pela ONG Velaumar, segundo sua dirigente, que se torna importante para a entidade. A cobrança, segundo a presidente da ONG, é maior dentro do Poço da Draga do que fora. Percebi que as crianças são as que cobram mais atividades às dirigentes. Em minhas incursões no campo, houve poucas vezes em que elas não perguntassem à diretora quando seria a próxima ação.

A disputa pela liderança na localidade continua mesmo com a mudança da composição da Associação dos Moradores, no início da década de 2000, do Poço da Draga, pois novos grupos foram nascendo e atuando na localidade, como o ProPoço. De início, a AMPODRA se tornou uma entidade que teve muita importância para os moradores, contudo, a Associação não tem corpo administrativo desde 2011 e, atualmente¹¹¹, estes não estão interessados em reativá-la. Um dos interlocutores ressaltou que a desmotivação por parte dos residentes teria, como um dos motivos, a má atuação do seu último dirigente.

¹¹¹ Até o término deste trabalho.

Como visto, a falta de mais lugares de discussão deixa os moradores do Poço da Draga à disposição de dois grupos: a ONG Velaumar e o movimento ProPoço que teve suas atividades diminuídas nos últimos dois anos. Nas falas dos moradores, é recorrente dizerem que existe somente a Velaumar como entidade que atua no Poço da Draga. Neste sentido, a atuação dela, praticamente, substituiu as ações da Associação de Moradores, sendo ela uma das portas de entrada para a aplicação de projetos e ações sociais realizadas não somente pela entidade, mas por outras instituições.

Neste trabalho entendi que uma organização não governamental, criada por moradores de uma mesma família, consegue manter uma reputação dentro da comunidade em que vive quando constrói a partir de elementos valorizados pelos residentes, como a amizade com os dirigentes e a aplicação regular de atividades.

No caso da Velaumar, o respaldo e confiança dos moradores foi adquirida inicialmente através de sua fundadora, Dona Orquídea, que esteve à frente da Associação de Moradores por quase dez anos e, após a perda nas eleições para a presidência, no início de 2000, decidiu criar a ONG para dar continuidade aos seus trabalhos de assistência. Muitos moradores apoiaram a líder comunitária nas atividades realizadas em ambas entidades, estabelecendo uma confiabilidade na pessoa de Orquídea, apesar dos conflitos gerados na saída de sua última administração, como a acusação de querer a remoção dos moradores do Poço da Draga para a construção do Centro Multifuncional.

Por fim, a decisão das diretoras em dar continuidade às atividades da ONG, após o falecimento da fundadora. As experiências adquiridas pelas dirigentes seriam capitais para manter o respaldo perante os moradores. Seus conhecimentos na área do direito, educação e saúde ajudam a escolher, pensar e realizar ações sociais, atividades e projetos no Poço da Draga, chegando a orientar residentes para questões pessoais. Entre suas atividades podem incluir um projeto realizado com a intenção de educar, mas também a arrecadação de alimentos para alguém que passa por dificuldades financeiras na localidade. Além disso, os moradores costumam ajudar uns aos outros quando surge a necessidade, este fato é ressaltado em suas falas coletadas para este trabalho, destacando este fato como uma das qualidades destes residentes.

Assim, entendo que o estudo de uma ONG estabelecida em uma localidade pobre envolve vários elementos e para se ter uma compreensão desta complexidade

foi necessário a reunião dos materiais que a compõe, assim como seus projetos e atuações sociais realizadas. O caso da Velaumar veio dar luz sobre o como a entidade possui respaldo dos moradores do Poço da Draga. A observação das relações dos atores sociais envolvidos na pesquisa e suas intensas interpretações dessas interações foi possível apreender parte dessa complexidade, não só entre os integrantes da Velaumar e os moradores, pois os primeiros também são moradores locais, mas, assim como, destes como os não-moradores que estão inseridos em outras identidades sociais: estudantes; integrantes de outras ONG, instituições públicas; profissionais da saúde, da educação e da política. Eles formam assim uma rede de sociabilidades que ajuda a manter essas interações.

REFERÊNCIAS

ABREU, Paulo Renato. Poço da Draga e as memórias sobre o mar. **O Povo**, Vida e Arte, 5 mar. 2016. Disponível em: <<https://www20.opovo.com.br/app/opovo/vidaarte/2016/03/05/noticiasjornalvidaarte,3583985/poco-da-draga-e-as-memorias-sobre-o-mar.shtml>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

ANDRADAS, Antônio Carlos. Servidores ocupantes de cargos em comissão: direitos e vantagens. **Revista do Tribunal de Contas do Estado de Minas Gerais**, out. a dez. 2009, v. 73, n. 4, ano XXV. Disponível em: <<http://revista1.tce.mg.gov.br/Content/Upload/Materia/645.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2018.

ANUÁRIO DE Fortaleza 2012-2013. **O Povo**. Administração Pública. ago. 2012. Disponível em: <<http://www.anuariodefortaleza.com.br/administracao-publica/secretarias-executivas-regionais.php>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

ATLAS do Desenvolvimento Humano no Brasil. 2013. Disponível em: <http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/o_atlas/desenvolvimento_humano/>. Acesso em: 19 jun. 2018.

A DRAGA e o dragão. **Diário do Nordeste**, Vida e Arte, 21 abr. 2014. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/opovo/vidaarte/2014/04/21/noticiasjornalvidaarte,3239104/a-draga-e-o-dragao.shtml>>. Acesso em: 26 out. 2014.

BARBOSA, Renta Horn. **Fortaleza**: arquitetura e cidade no final do século XX. 2006. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, 2006.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. Incômodos hóspedes? Notas sobre a participação da Igreja e dos partidos políticos nos Movimentos Sociais Urbanos. In: KRISCHKE, Paulo; MAINWARING, Scott. **A igreja nas bases em tempo de transição**. Porto Alegre: L&PM: CEDEC, 1986, p. 131-150.

_____. **O reverso das vitrines**: conflitos urbanos e cultura política em construção. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.

_____. Usos da cidade: conflitos simbólicos em torno da memória e imagem de um bairro. **Análise Social**, vol. XLII (182), p. 163-180, 2007.

_____; LIMA, Geísa Mattos de Araújo. Subversões do olhar: evidências temporais de uma microsociologia dos espaços urbanos. **Caderno CRH**, Salvador, v. 26, n. 69, p. 529-544, set./dez. 2013.

BRASIL, Amíria Bezerra *et al.* Conhecendo o Poço da Draga: uma proposta conjunta de levantamento de informações sobre a comunidade. In: CARVALHO, Solange... [*et al.*]. Seminário nacional sobre urbanização de favelas. 1.ed - (2:2016: Rio de Janeiro) [recurso eletrônico]: **Anais do II Urb Favelas Rio de Janeiro**: Letra Capital, 2017. Disponível em: <<http://www.sisgeenco.com.br/sistema/urbfavelas/anais2016/ARQUIVOS/GT4-226-151-20161013155510.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Fortaleza projeção para 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/fortaleza/panorama>>. Acesso em: 01 jul. 2018.

BRASIL, IBGE, **Censo Demográfico 2010**, Mapas Interativos. Disponível em: <<http://mapasinterativos.ibge.gov.br/grade/default.html>>. Acesso em: 02 set. 2018.

CALDAS, Emmanuel A. R. M. Percepção identitária e construção de legitimidade: as fronteiras simbólicas das ONGs. In: REIS, E. P. **ONGs: novos vínculos entre a sociedade e o Estado**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

CAYMMI, Dorival. Canção da Partida. Intérpretes: Dorival Caymmi e Silvia Telles. In: Dorival Caymmi. **Caymmi e o Mar**. 1957. [S.l.]: Odeon, faixa 1.

CEARÁ. Organograma Estadual. DISPÕE SOBRE O MODELO DE GESTÃO DO PODER EXECUTIVO, ALTERA A ESTRUTURA DA ADMINISTRAÇÃO ESTADUAL. Conforme dispõe a Lei nº 16.230 – DOE 03 maio 2017. Disponível em: <<http://www.ceara.gov.br/organograma/cc/>>. Acesso em: 10 set. 2018.

CEARÁ. Secretaria da Infra Estrutura – SEINFRA. **Sistema de Cadastro de Censo Habitacional**. Área: Poço da Draga. 26 out. 2001.

CEARÁ. Superintendência Estadual do Meio Ambiente. **Estudo e Relatório de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental**. Termo de Referência nº 3120/2011. [EIA/RIMA do Acquário Ceará]. nov. 2011.

CEARÁ. Secretaria do Planejamento e Gestão (SEPLAG). Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE). INFORME 44: **Perfil Municipal de Fortaleza**. Tema IX: As condições domiciliares dos bairros, 2012.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2009.

CHAVES, Gylmar; VELOSO, Patrícia; CAPELO, Peregrina (Orgs.). **Ah, Fortaleza - 1880 - 1950**. Fortaleza: Terra da Luz, 2006.

COMUNIDADE POÇO da Draga celebra 109 anos com dia de serviços gratuitos. **O Povo**, Fortaleza, 25 maio 2015. Disponível em: <<https://mobile.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2015/05/comunidade-poco-da-draga-celebra-109-anos-com-dia-de-servicos-gratuito.html>>. Acesso em: 25 maio 2018.

CORDEIRO, Abner Monteiro Nunes; BASTOS, Frederico de Holanda. Potencial geoturístico do Estado do Ceará, Brasil. **Cultura e Turismo**, ano 08, n. 02, jul., p.p.86-113, 2014. Disponível em: <[http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo/ano8-edicao 3/4.pdf](http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo/ano8-edicao%203/4.pdf)>. Acesso em: 09 jan. 2018.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **Mar à vista: estudo da maritimidade em Fortaleza**. 2 ed. Fortaleza: UFC, 2011.

DAVIS, Marcus. Ponte Metálica. **Mapio Net**. [s/d]. Disponível em: <<http://mapio.net/o/2888825/>>. Acesso em: 28 jul. 2018.

DOIMO, Ana Maria. **A voz e a voz do popular**: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ANPOCS, 1995.

DYSMAN, Maria Carolina. A institucionalização das ONGs no Brasil: Novos repertórios, dilemas e tensões. In: REIS, Elisa. **ONGs**: novos vínculos entre a sociedade e o Estado. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ENARDO. Longarinas. In: _____. **Do Boi Só Se Perde o Berro**. [S.]: RCA Victor, 1976.

ESTALEIRO em 1968. **INACE**, 2014. Disponível em: <<http://www.inace.com.br/#/estaleiro>>. Acesso em: 03 jul. 2018.

FORTALEZA. **Instituto de Planejamento de Fortaleza (IPLANFOR)** Prefeitura Municipal de Fortaleza. Institucional. [2018?]. Disponível em: <<https://www.fortaleza.ce.gov.br/institucional/a-secretaria-343>>. Acesso em: 25 out. 2018.

FORTALEZA. Secretaria de Habitação - HABITAFOR. **Projeto do Trabalho Técnico Social Poço da Draga**, Fortaleza: HABITAFOR, [2012].

FORTALEZA. **Plano Local de Habitação de Interesse Social - PLHISFor**. Fortaleza: HABITAFOR, 2013.

FORTALEZA. Fortaleza em Mapas. **Plano Local de Habitação de Interesse Social – PLHISFor**. Informações Georreferenciadas de Fortaleza. Prefeitura Municipal de Fortaleza, Área populacional Poço da Draga, 2012. Disponível em: <<http://mapas.fortaleza.ce.gov.br/#/>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

FORTE, Bruna. A dama dos saraus no Poço da Draga. **O Povo**, Especiais, 13 abr. 2019. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/jornal/especiais/2019/04/11/a-dama-dos-saraus-no-poco-da-draga.html?>>. Acesso em 16 abr. 2019.

GARCIA, Fátima. Antigo Portos: o trapiche do Ellery, [imagem]. 26 abr. 2017. Disponível em: <<http://www.fortalezaemfotos.com.br/2017/01/antigos-portoso-trapiche-do-ellery.html>>. Acesso em: 17 maio 2019.

GASPAR, Luciano Mota. Integração econômica e social de uma favela. **Revista Ciências Sociais**. Fortaleza, vol. II, nº1, 1970, p.p. 37 – 77. Disponível em: <http://www.rcs.ufc.br/edicoes/v2n1/rcs_v2n1a3.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2017.

GASPARETTO JR, Antônio. Teologia da Libertação. **Info Escola**. [2013]. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/religiao/teologia-da-libertacao/>>. Acesso em: 7 jul. 2018.

GEOGRAFIA. Partes de um rio. **Brasil Escola**. [s/d]. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/partes-um-rio.htm>>. Acesso em: 05 maio 2019.

GIRÃO, Raimundo (1900 – 1995) **Geografia estética de Fortaleza**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1959.

GIRÃO, Blanchard. **O liceu e o bonde**: na paisagem sentimental da Fortaleza-Província. Fortaleza: ABC Fortaleza, 1997.

GOFFMAN, Erwing. **Estigma**, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1975.

GOMES, Marília Passos Apoliano. **Um mar de histórias**: memória, identidade e territorialidade no Poço da Draga. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2019

_____. Fronteiras do passado e do presente: territorialidade e memória no Poço Da Draga. In: V REA - Reunião Equatorial de Antropologia / XIV ABANNE - Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste, 2015, Maceió - AL. **Anais da V REA - Reunião Equatorial de Antropologia / XIV ABANNE – Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste**. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2015. v. 1. p. 1.

_____. **Da Possibilidade de Efetivação do Direito Fundamental à Moradia por Meio das Zonas Especiais de Interesse Social**. Fortaleza, 2010. (Monografia em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

GONDIM, Linda Maria de Pontes. A manipulação do estigma de favelado na política habitacional do Rio de Janeiro. **Revista Ciências Sociais**. Fortaleza, v. 12, n.1, p. 27-44, 1982.

_____. **O Dragão do Mar e a Fortaleza pós-moderna**: cultura, patrimônio e imagem da cidade. São Paulo: Annablume, 2007.

_____. A favela depois do Estatuto da Cidade: novos e velhos dilemas à luz do caso do Poço da Draga (Fortaleza/CE). **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 10, n. 2, p.97-114, 2008.

_____. O Acquário e os peixes: grandes projetos de requalificação urbana e movimentos sociais. In: CONGRESSO ALAS CRISE E EMERGENCIAS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA, 39, 2013. Santiago – Chile. **Anais...** Santiago: Universidade de Chile, 2013, s/p.

_____. À sombra do BNH: a nova política habitacional em Fortaleza-CE (2005-2011). **Revista O Público e o Privado**, Nº 21, jan-jun. 2013a.

_____; GOMES, Marília Passos Apoliano. O direito à cidade em disputa: o caso da ZEIS do Lagamar (Fortaleza-CE). **Cadernos Metr pole**, São Paulo, v. 14, n. 28, pp. 507-527, jul/dez 2012.

GOHN, Maria da Glória. **O protagonismo da sociedade civil**: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias. São Paulo: Cortez, 2008.

GORAYEB, Adryane; MEIRELES, A. Jeovah. A.; SILVA, E. V.. **Cartografia Social e Cidadania**: experiências de mapeamento participativo dos territórios de comunidades urbanas e tradicionais. 1. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2015.

HALBWACHS Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: V rtice, 1990.

KOSLINSKI, Mariane C. Mecanismos de Accountability e legitimidade das ONGs: possibilidades e limites. In: REIS, Elisa P. **ONGs**: Novos vínculos entre a sociedade e o Estado. 1a. ed. Rio de Janeiro: 7 Letra, 2013, pp. 19 – 49.

INSTITUTO Aldy Mentor. Facebook. Página do Grupo. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/pg/InstAldyMentor/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 05 out. 2018

LANDIM, Leilah. Experiência militante: histórias das assim chamadas ONGs. **Lusotopie**, 2002. Ano 1, p.p. 215-239.

_____. **A inven o das ONGs**: do serviço invisível   profissão impossível. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Gradua o em Antropologia Social do Museu Nacional e da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993.

LEITE, Rogerio Proença. Contra-usos e espaço público: notas sobre a constru o social dos lugares na MangueTown. **Rev. bras. Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, jun. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092002000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 out. 2014.

LIMA, Germana. 109 anos do Poço da Draga. **Facebook**. 22 maio 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10206542797706194&set=gm.433633233482623&type=3>>. Acesso em 10 set. 2018.

MAIA, Geimison. Poço da Draga: Comunidade está prestes a comemorar 107 anos de história. **O Povo**, Cotidiano, 4 abr. 2013. Disponível em: <<https://www20.opovo.com.br/app/colunas/opovonosbairros/2013/04/04/noticiasopovonosbairros,3033206/comunidade-esta-prestes-a-comemorar-107-anos-de-historia.shtml>>. Acesso em: 28 maio de 2018.

MARQUES, Francisco Edson Barbosa. **Vixe!   no Rosalina,  ?** As classifica es sociais da m dia como construtoras do estigma. 2014. Disserta o (Mestrado em Programa de Pós-Gradua o em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará.

MEDINA, Carlos Alberto de. A Favela como Estrutura Atomística: Elementos Descritivos e Constitutivos. **Revista América Latina**, Rio de Janeiro, ano 12, n.0 3, julho/ setembro de 1969, p. 117.

MENEZES, Antônio Bezerra de. **Descrição da cidade de Fortaleza**. Alagadiço Novo: Fortaleza, 1992.

MONTEIRO, Teresa. Poço da Draga comemora 111 anos com extensa programação. **O Povo**, versão impressa, 25 maio 2017. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/jornal/vidaearte/2017/05/poco-da-draga-comemora-111-anos-com-extensa-programacao.html>>. Acesso em: 18 maio 2018.

MOVIMENTO PROPOÇO. Facebook, grupo fechado, 5 jul. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/934497076593663/about/>>. Acesso em: 05 abr. 2018.

MOVIMENTO PROPOÇO. 110 ANOS do Porto das Dragas: da Formosa Praia aos Tubarões. **Facebook**, Evento. 26 maio 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/959352707505592/>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

_____. 111 anos de Poço da Draga. 25 maio 2017. **Facebook**. Evento. Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/634276873435968/>>. Acesso em: 25 maio 2018.

NIREZ, Miguel Ângelo de Azevedo. **Cronologia Ilustrada de Fortaleza**: Roteiro para um turismo histórico e cultural. Fortaleza: Edições UFC, 2001. Disponível em: <http://www.ceara.pro.br/Raridades/Fortaleza_Cronologia_Ilustrada.html>. Acesso em: 25 jul. 2018.

NOGUEIRA, Amanda Máximo Alexandrino. **Práticas alternativas**: Um ensaio para o Poço. – 2017. 169 p. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Tecnologia, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Fortaleza, 2017.

OLIVEIRA, Heloísa M. A. de. **O Poço da Draga e a Praia de Iracema**: Convivência, conflitos e sociabilidades. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Ceará, Pós-graduação em Sociologia. Fortaleza, 2006.

ORIGEM DO NOME. Trecotroco. **Youtube**. 18 jun. 2015. 47s. Disponível em: <<https://youtu.be/aD1LWhiyWxY>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

PETIZ, Maria Lúcia de Paula. A utilização do método de P.O.C. em um programa de melhoramentos físicos na favela. **Pontifícia Universidade Católica**, Instituição Social, RJ, nov. 1963.

PICCOLO, Flávia. D. “A gramática nativa: reflexões sobre as categorias morro, rua, comunidade e favela”. IN: FRUGOLI JR., H. et al. (Orgs.). *As cidades e seus agentes: práticas e representações*. Belo Horizonte: Edusp, 2006.

PLURAL. Somos Vos. Descrição, 2018. Disponível em: <<http://www.somosvos.com.br/plural-e-praia-de-iracema/>>. Acesso em: 29 out. 2018.

POÇO DA Draga comemora 108 anos. **Diário do Nordeste**, Cidade, 27 maio 2014. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/pocoda-draga-comemora-108-anos-1.1023682>>. Acesso em: 25 maio 2018.

POÇO DE CULTURA: uma iniciativa transformadora da sociedade - **SINTAF** - Sindicato dos Fazendários do Ceará. Notícias. Disponível em: <https://www.sintafce.org.br/jornal_detalhes.php?cod_noticia=221&cod_jornal=73&cod_jornal_secao=12/3>. Acesso em: 18 jul. 2018.

PRAIA DE IRACEMA: favela virou esconderijo de bandidos de outros bairros. **Diário do Nordeste**, Blog da Polícia. 20 out. 2013. Disponível em: <<http://blogs.diariodonordeste.com.br/policia/geral/praiade-iracema-favela-virou-esconderijo-de-bandidos-de-outros-bairros/>>. Acesso em: 30 maio 2019.

PROJETO DE extensão resgata memória do Poço da Draga por meio de Fotografias. **UFCTV**, 19 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nxpwtqRn2jc>>. Acesso em 6 maio 2019.

RODRIGUES, Neivania Silva. **O movimento dos peixes**: do Acquário às ruas. Monografia de Bacharelado em Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2013.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. **Movimentos Urbanos no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

SANTILLÁN, Ángeles A. López; GUARDADO, Gustavo Marín. Turismo, capitalismo y producción de lo exótico: una perspectiva crítica para el estudio de La mercantilización de los espacios y la cultura. **Relaciones**, [n.l.], n. 123, v. 31, verão 2010.

SECRETARIA DA FAZENDA – SEFAZ. Termo de convênio de cooperação técnica e social que celebram a Secretaria da Fazenda – SEFAZ, o Sindicato dos Servidores Públicos Civis do Grupo Tributação, Arrecadação e Fiscalização do Ceará – SINTAF e a Fundação SINTAF de Ensino, pesquisa e desenvolvimento Tecnológico, científico e cultural. Fortaleza, 2016.

SCHRAMM, Solange. **Território livre de Iracema**: só o nome ficou? Fortaleza. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Ceará, Pós-graduação em Sociologia. Fortaleza, 2001.

_____. Memórias de Iracema. Minha Cidade, São Paulo, 04.042, **Vitruvius**, jan 2004. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/04.042/2026>>. Acesso 27 set. 2012.

SOUSA, Vancarder Brito. **Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura**: política cultural no Discurso de modernização do “governo das mudanças”. 2000. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2000.

_____. **A cidade e a favela: O “Poço da Draga” e a requalificação urbana em Fortaleza.** Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

TEIXEIRA, Ana Cecilia de Andrade. Parque ampliado do Pajeú: uma abordagem site-specific com uso de Locative media. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Fortaleza, 2017.

VÓS. **Revista Vós.** Descrição, 2018. Disponível em: Disponível em: <<http://www.somosvos.com.br/revista-vos/>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

XAVIER, Roberto Sales. Accountability e suas múltiplas abordagens: um balanço teórico. In: ENCONTRO DA ANPAD -EnANPAD, 35, 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** do XXXV Encontro da ANPAD 2011. Rio de Janeiro: ANPAD, 2011.

ZALUAR, Alba. **A Máquina e a Revolta:** as organizações populares e o significado da pobreza. Rio de Janeiro, Brasiliense, 1997.

APÊNDICE

APÊNDICE A – QUADROS DE ENTREVISTAS E OUTRAS FONTES DE DADOS

ENTREVISTAS REALIZADAS DURANTE A PESQUISA DE CAMPO

Nº	Data	Entrevistador (a)	Entrevistado (a)	Condição do entrevistado (a)
01	14/04/2018	Neivania Rodrigues	Azaleia	Moradora e integrante da Velaumar
02	25/06/2018	Neivania Rodrigues	Verbena e Azaleia	Moradora e integrante da Velaumar
03	04/09/2018	Neivania Rodrigues	Azaleia	Moradora e integrante da Velaumar
04	06/12/2018	Neivania Rodrigues	Anis	Diretora da Fundação SINTAF
05	14/12/2018	Neivania Rodrigues e Marília Passos	Professora Cristina Maria	Professora UFC, Rastros Urbanos
06	28/05/2019	Neivania Rodrigues	Alisso e Gardênia	Moradores / Ele é Membro do Conselho Gestor da ZEIS

Fonte: Autora, 2019

(*) Para todos os quadros de entrevista, a condição dos entrevistados se refere à época citada.

ENTREVISTAS REALIZADAS POR OUTROS PESQUISADORES NO PERÍODO DE 2014 A 2017

Nº	Data	Entrevistador (a)	Entrevistado (a)	Condição do entrevistado (a)
01	30/10/2014	Marília Passos	Magnólia	Integrante da ONG Urucum
02	06/05/2015	Linda Gondim e Marília Passos ¹¹²	Azaleia e Gardênia	Moradoras e Dona Azaleia é integrante da Velaumar
04	30/06/2015	Marília Passos	Lótus	Morador integrante do ProPoço
05	13/05/2016	Marília Passos	Hortêncina	Moradora
06	19/05/2016	Marília Passos	Hibisco	Morador
08	01/10/2016	Marília Passos	Camélia	Moradora
09	08/10/2016	Marília Passos	Tulipa	Ex-Moradora
10	??/11/2016	Marília Passos	Lisianto	Morador
11	14/12/2016	Marília Passos	Antúrio	Morador Triatlo
12	??/01/2017	Marília Passos	Gerânio	Morador
13	20/01/2017	Marília Passos ¹¹³	Lírio	Morador
14	21/07/2017	Bruna Forte	Azaleia	Moradora e integrante da Velaumar
15	11/08/2017	Linda Gondim e Marília Passos	Lótus	Morador e integrante ProPoço
16	19/12/2017	Marília Passos	Begônia	Professora Unifor

Fonte: Autora, 2019

¹¹² Dividida em dois áudios.

¹¹³ Dividida em dois áudios.

ENTREVISTAS ANTERIORES A PESQUISA DE CAMPO – (2001 A 2006)

Nº	Data	Entrevistador (a)	Entrevistado (a)	Condição do entrevistado (a)
01	09/02/2001	Heloísa Oliveira	Orquídea	Presidente da AMPODRA / moradora / Fundadora da Velaumar
02	27/04/2002	Linda, Heloísa, Vancarder	Cravo	Morador
03	16/08/2002	Vancarder de Sousa e Heloísa Oliveira	Rosa	Moradora
04	16/08/2002	Vancarder de Sousa	Dália	Moradora
05	29/08/2002	Vancarder de Sousa	Agapanto	Coord. da Temática Terra do CDPDH
06	02/10/2002	Heloísa Oliveira e Vancarder de Sousa	Margarida	Moradora
07	20/11/2002	Heloísa Oliveira	Violeta	Moradora
08	15/03/2003	Heloísa Oliveira	Mimosa	Coord. de habitação da SEINFRA
09	27/03/2003	Heloísa Oliveira	Petúnia	Moradora
10	22/05/2003	Heloísa Oliveira	Narciso	Morador
11	01/11/2003	Heloísa Oliveira	Girassol	Morador
12	08/11/2003	Heloísa Oliveira	Jacinto	Morador
13	26/01/2004	Heloísa Oliveira	Crisântemo	Morador
14	16/03/2004	Heloísa Oliveira	Gardênia	Moradora
15	24/05/2005	Heloísa Oliveira	Jasmim	Morador
16	30/05/2005	Heloísa Oliveira	Íris	Moradora
17	08/10/2005	Heloísa Oliveira	Zínia	Moradora
18	01/11/2005	Heloísa Oliveira	Anêmona	Moradora
19	08/11/2005	Heloísa Oliveira	Bromélia	Moradora

Fonte: Autora, 2019

OUTRAS FONTES DE DADOS

Nº	Data	Tipo de arquivo	Especificação
01	18/06/2015	Vídeo Youtube	Origem do Nome. Trecotroco. Youtube. 18 jun. 2015. 47s. Disponível em: < https://youtu.be/aD1LWhiyWxY >. Acesso em: 12 nov. 2017.>.
02	19/07/2018	Vídeo Youtube	Projeto de extensão resgata memória do Poço da Draga por meio de Fotografias. UFCTV < https://www.youtube.com/watch?v=nxpwtqRn2jc >.
03	23/05/2015	Gravação em áudio	Visita Guiada Morador do Poço da Draga e Integrante do ProPoço
04	30/06/2015	Gravação em áudio	Visita Guiada Morador do Poço da Draga e Integrante do ProPoço
05	25/05/2016	Gravação em áudio	Fala dos Guardiões da Memória com os Moradores do Poço da Draga
06	27/05/202018	Gravação em áudio	Fala dos Guardiões da Memória com os Moradores do Poço da Draga
07	2012 a 2013 e 2017 e 2018	Diário de Campo	Neivania Rodrigues
08	2013, 2018	Impressos – panfletos, cartazes,	DIVERSOS
09	Vários	Documentos Oficiais	Eia/Rima, Projetos Sociais, Convênios, Ofício, Diário Oficial, etc.
10	2012 a 2013 e 2017 a 2018	Notícias de jornais	Jornais, revistas, sítios de internet

Fonte: Autora, 2019.

APÊNDICE B – LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO SOBRE O POÇO DA DRAGA

ALMEIDA, André A.; ALVIM, Angélica Aparecida Tanus Benatti. Segregação urbana na contemporaneidade: o caso da comunidade Poço da Draga na cidade de Fortaleza. In: II UrbFavelas - II SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE URBANIZAÇÃO DE FAVELAS, 2016, Rio de Janeiro. **Anais....** Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.

ALMEIDA, André A.; GONDIM, Linda M. P.. Espaços segregados como componentes da paisagem urbana: O caso da comunidade Poço da Draga em Fortaleza, Brasil. In: III ENANPARQ - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, 2014, São Paulo. **Anais....**, São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2014. v. Único.

ALMEIDA, André Araújo. **A comunidade Poço da Draga**. Capítulo para publicação., Mestrado Interinstitucional - MINTER FAU-UPM/UNIFOR, São Paulo, Fortaleza, nov. 2013, p. 1 – 20.

ALMEIDA, André Araújo. **Segregação Urbana na Contemporaneidade: o caso da comunidade Poço da Draga na cidade de Fortaleza**. São Paulo-SP/Fortaleza-CE, 2014, 262f. Dissertação (Mestrado Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, dezembro 2015.

ARAÚJO, Leonardo Vasconcelos de. **Comunicação para mobilização: quem dera ser um peixe, internet e ativismo político**. 2016. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa em Comunicação, Fortaleza, 2016.

BARBALHO, Alexandre. O general intellect da juventude: a experiência do NoAR. Liinc em Revista, v.6, n.1, março, 2010, Rio de Janeiro, p.142-151 Disponível em: <<http://www.ibict.br/liinc>>.

BARBOSA, Renata Horn. **Arquitetura e cidade: Fortaleza no final do século XX**, 2006. Dissertação (mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

BARROS, Iago Albuquerque. Melhorar para resistir: Uma experiência de assessoria técnica no campo da melhoria habitacional para o trabalho final de graduação (TFG) na favela do Poço da Draga em Fortaleza/CE. In: FÓRUM HABITAR, **Anais....**, Belo Horizonte/MG – de 08 a 10 nov. 2017. Disponível em: <<https://even3.blob.core.windows.net/anais/72977.pdf>>. Acesso em 4 maio 2019.

BENEVIDES, Aletusya de Araújo. **A estética do consumo no cenário social e cultural da Praia de Iracema**. 2003. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2003.

BESSA, Edson Alencar Collares de. **O Poço da Draga e a construção do Acquario Ceará**. 2015, Dissertação (Mestrado em Antropologia) Departamento de Antropologia – Universidade de Brasília. Brasília, 2015.

BEZERRA, Roselane Gomes. **Praia de Iracema**: Requalificação do Espaço em um bairro do Nordeste do Brasil. In: ENCONTRO DA ANPOCS, 30, 24 a 28 out. 2006. Caxambu – MG, **Anais...** p. 1 – 20, Belo Horizonte, 2006.

BRASIL, Amíria Bezerra *et al.* Conhecendo o Poço da Draga: uma proposta conjunta de levantamento de informações sobre a comunidade. In: CARVALHO, Solange... [et al.]. Seminário nacional sobre urbanização de favelas. 1.ed - (2:2016: Rio de Janeiro) [recurso eletrônico]: **Anais...**Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017. Disponível em: <<http://www.sisgeenco.com.br/sistema/urbfavelas/anais2016/ARQUIVOS/GT4-226-151-20161013155510.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

BRASIL, Amíria Bezerra. **A ineficácia das ZEIS**: um problema de legislação ou uma questão político-social? O caso de Fortaleza. São Paulo, 2016. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

CASTRO, José Liberal de. **Fatores de localização e expansão da cidade da Fortaleza**. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1997.

DE CASTRO, Nayana Helena Barbosa. **Poço da Draga**: uma proposta de urbanização, habitação e eficiência energética. 2013. Monografia (Bacharelado em Arquitetura), Universidade Federal do Ceará, 2013.

FEITOSA, Luiz Tadeu. **O Poço da Draga**: A favela e a biblioteca. São Paulo: Annablume, 1998.

FERNANDES, Flávia. **A Draga e o Dragão**: Um estudo sobre a relação entre a Comunidade Poço da Draga e o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. 2014. Monografia (Curso de Formação de Gestores Culturais dos Estados do Nordeste) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

FERREIRA, Izabel Cristina Lima. **Pedagogia popular na Comunidade do Poço Da Draga**: compartilhando saberes. Fortaleza, 2006. Monografia (graduação) bacharel em Pedagogia. Universidade de Fortaleza, Centro de Humanidade, Fortaleza, 2006.

FIRMINO, Raniery Fontenele. **Versões do Patrimônio**: Usos e narrativas dos moradores do Poço da Draga. João Pessoa, 2013. Dissertação (mestrado) Universidade Federal da Paraíba/CT, Programa de Pós-graduação em Antropologia, João Pessoa, 2013.

GASPAR, Luciano Mota. Integração Econômica e social de uma favela. **Revista Ciências Sociais**. Fortaleza, vol. II, n. 1, p. 37-77 [s/d], 1971 Disponível em: <http://www.rcs.ufc.br/edicoes/v2n1/rcs_v2n1a3.pdf>. Acesso em: 21 maio 2013.

GOMES, Marília Passos Apolônio. **Um mar de histórias**: memória, identidade e territorialidade no Poço da Draga, 2019. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2019.

GONDIM, Linda M. P. A Favela depois do Estudo da Cidade. Novos e velhos dilemas à luz do caso do Poço da Draga. (Fortaleza-CE). **R.B. Estudos Urbanos e Regionais**. V. 10, n.2. nov. 2008. p.97 – 114, 2008.

_____.; GOMES, Marília. Cartografias do invisível: territorialidades e fronteiras no Poço da Draga. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO LABORATÓRIO DE ESTUDOS DA VIOLÊNCIA, 4, 2014, Fortaleza. **Anais** Fortaleza: [s.n], 2014.

_____. O Acquario e os peixes: grandes projetos de requalificação urbana e movimentos sociais. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINOAMERICANA DE SOCIOLOGIA, 29, 2013, Santiago. **Anais...** Santiago: [s.n], 2013.

_____. **O Dragão do Mar Invade a Praia de Iracema**: Desenho Urbano como Catalisador das Imagens Da Cidade. In: Encontro LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION. Miami: [s.n], 2000.

_____. A favela depois do Estatuto da Cidade: novos e velhos dilemas à luz do caso do Poço da Draga (Fortaleza/CE). **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 10, n. 2, p.97-114, 2008.

_____. O Acquário e os peixes: grandes projetos de requalificação urbana e movimentos sociais. CONGRESSO ALAS CRISE E EMERGÊNCIAS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA, 39, 2013. Santiago – Chile. **Anais...** Santiago: Universidad de Chile, 2013, s/p.

_____. **O Dragão do Mar e a Fortaleza pós-moderna**: cultura, patrimônio e imagem da cidade. São Paulo: Annablume, 2007.

LYRA, Luna; MATOS, Camila. **Trópicos Utópicos**: uma poética da resistência nos espaços residuais. 2014. Monografia (Bacharelado em Arquitetura), Universidade Federal do Ceará, 2014.

MORAIS, Nágila Maia de. **Todo cais é uma saudade de pedra**: repressão e morte dos trabalhadores catraieiros (1903-1904). Fortaleza, 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Humanidades – Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2009.

NOGUEIRA, Amanda Máximo Alexandrino. **PRÁTICAS ALTERNATIVAS**: um ensaio para o Poço. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Tecnologia, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Fortaleza, 2017.

_____. Possibilidades e desafios de práticas insurgentes: o caso da comunidade do Poço da Draga, Fortaleza, Brasil. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, XVIII, Anais... Natal, 27 a 31 maio 2019. Disponível em: <<http://anpur.org.br/xviii/enanpur/anais/admin/capapdf.php?reqid=1281>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

OLIVEIRA, Heloisa Maria Alves de. **O Poço Da Draga e a Praia de Iracema: Convivência, Conflitos e Sociabilidades**. Fortaleza, 2006. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Ceará – Centro de Humanidades, Pós-graduação em Sociologia. Fortaleza, 2006.

RODRIGUES, Neivania Silva. **O Movimento dos Peixes: do Acquário às Ruas**. Monografia (Bacharel em Ciências Sociais) Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2013.

SCHRAMM, Solange. **Território livre de Iracema: só o nome ficou? Memórias coletivas e a produção do espaço na Praia de Iracema**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2001.

SILVA, Cristina Maria da. A Biografia de uma Cidade: Fortaleza-CE em acervos fotográficos pessoais. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA – Universidade da Cidade de São Paulo, 8, 2018. São Paulo. **Anais...** São Paulo: UNICID, 2018. [s.p].

SILVA, Francisco José Chaves da. **A educação político-estética da juventude da periferia de Fortaleza: Reflexões sobre a cultura do olhar**. Fortaleza, 2007. Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação. Fortaleza, 2007.

SOUSA, Vancarder Brito. **A Cidade e a Favela: o Poço da Draga e a requalificação urbana em Fortaleza**. João Pessoa, 2006. Tese (doutorado em Sociologia) – Centro de Humanidades, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2006.

SOUSA, Vancarder Brito. A cidade e favela: o Poço da Draga e a requalificação urbana em Fortaleza. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, XIII. **Anais...** Recife: [s.n] jun. 2007.

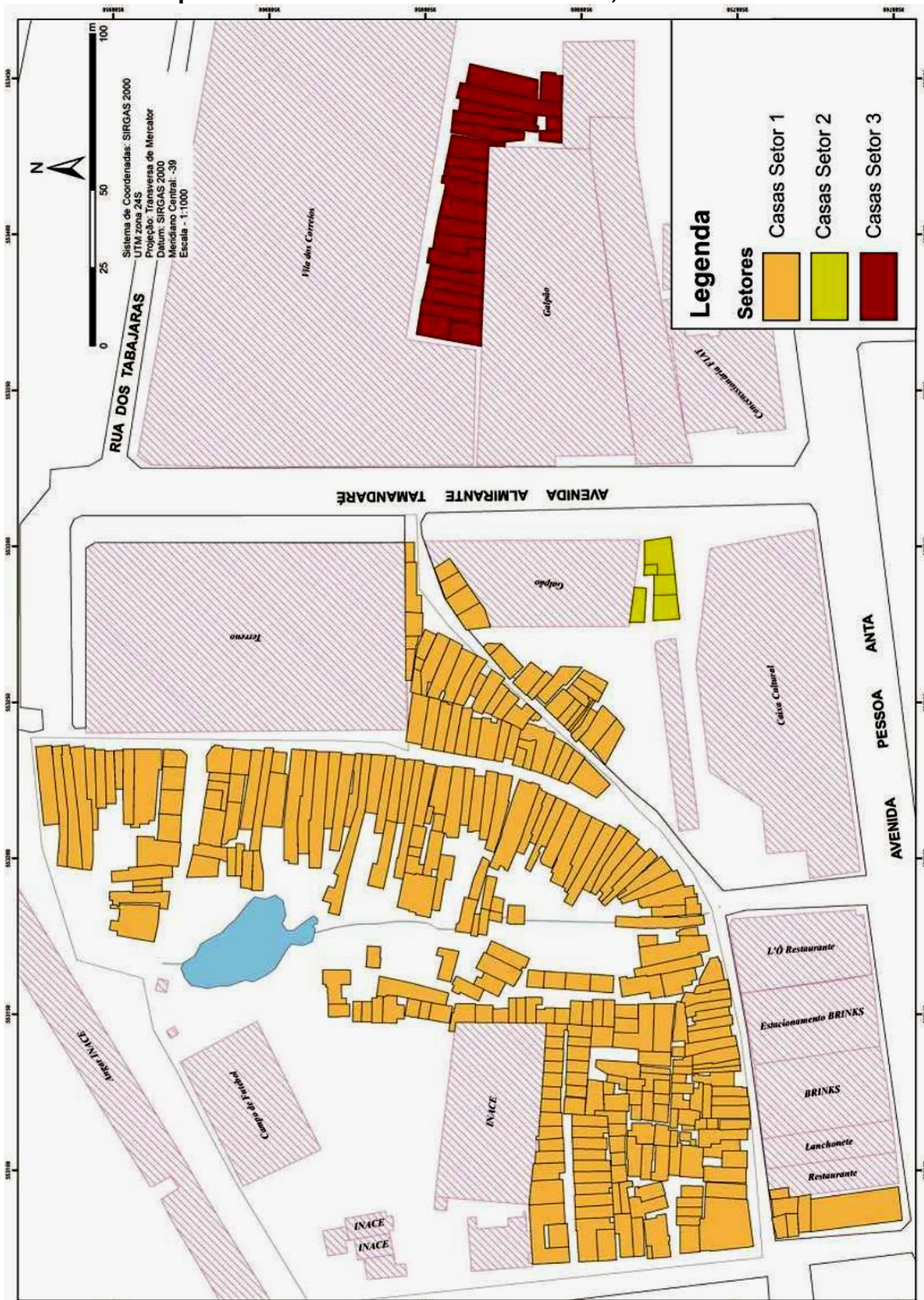
SOUSA, Vancarder Brito. Cenários de requalificação urbana em metrópoles nordestinas: um estudo comparativo entre o caso da favela do Poço da Draga em Fortaleza-CE e a favela do Porto do Capim em João Pessoa-PB. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 31, **Anais...** Caxambu-MG: [s.n], s/p, 22 a 26 out. 2007.

VALE, Alexandre; SIQUEIRA, Edvaldo. Poéticas do Poço: etnografias e imagéticas compartilhadas. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 30, **Anais...** João Pessoa-PB: [s.n], 03 a 06 de 2016 p. 1-12

WORLD Justice Project. The right to remain: Brazil's Favelas vs. The World Cup and Olympics. **WORLD Justice Project**. Disponível em: <<http://worldjusticeproject.org/photo-essay/right-remain> >.

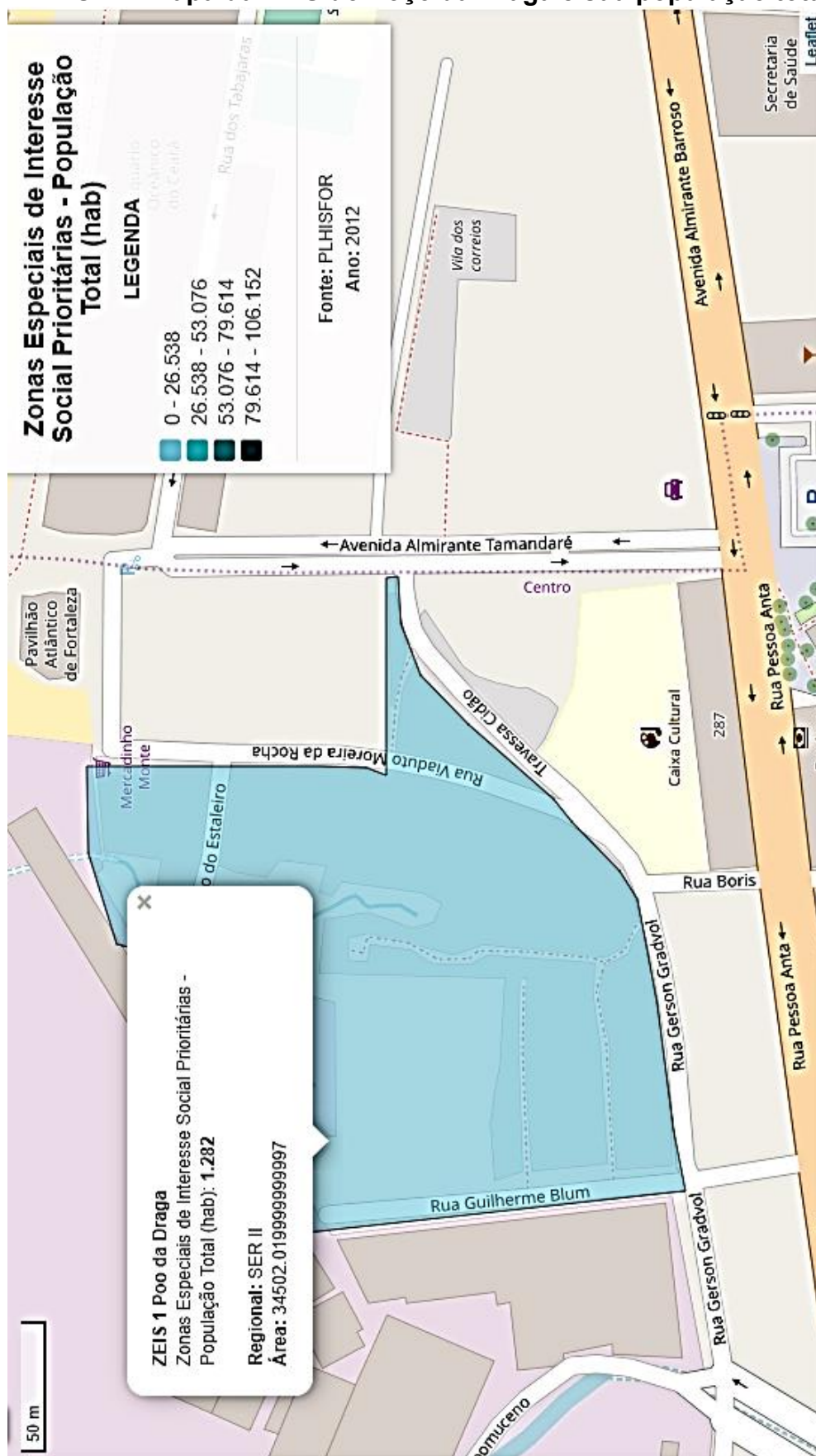
ANEXOS

ANEXO A – Mapa levantamento final de residências, 2016



Fonte: Mapa desenvolvido a partir de base cartográfica cedida pelo IPLANFOR (BRASIL et al 2016).

ANEXO B – Mapa da ZEIS do Poço da Draga e sua população total



Fonte: PLHISFor, 2012.

ANEXO C – Cartaz de uma atividade Realizada no Poço da Draga



CIRCULAR POÇO DA DRAGA

**UMA IDA ÀQUELA LOCALIDADE
CENTENÁRIA DA PRAIA DE IRACEMA**

DOMINGO, 9/12/2018, A PARTIR DAS 9:33H

- VISITA GUIADA PELO MORADOR, ARTISTA E CARTÓGRAFO SÉRGIO ROCHA;
- PASSAGEM PELOS RETRATOS REALIZADOS POR LUIZ SANTOS TRANSFORMADOS EM LAMBE-LAMBE
- REALIZAÇÃO DO SOLAR FOTOFESTIVAL, PELAS AÇÕES DA RESIDÊNCIA DE LUIZ SANTOS E PARCERIA COM A ONG VELAUMAR E COM MORADORES.

REALIZAÇÃO:



SOI
AR



VELAUMAR



MUSEU
CULTURA
CEARENSE



DRAGÃO DO MAR
CENTRO DE ARTE E CULTURA



ESPAÇO
QUALQUER
LUGAR



PORTO
IRACEMA
DAS ARTES



INSTITUTO
DRAGÃO
DOMAR



ceará
cultura
SECULT



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

Fonte: Divulgação, 2018